

O primeiro relacionamento

O primeiro relacionamento

BEBÊ E MÃE

Daniel N. Stern

COM UMA NOVA INTRODUÇÃO

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE HARVARD

Cambridge, Massachusetts

Londres, Inglaterra

2002

Copyright © 1977 de Daniel Stern; copyright © 2002 pelo
Presidente e Fellows do Harvard College

todos os direitos reservados

Impresso nos Estados Unidos da América

10 9 8 7 6 5 4 3 2 1

Catálogo da Biblioteca do Congresso em dados de publicação

Stern, Daniel N.

A primeira relação: bebê e mãe / Daniel N. Stern.

pág. cm.

Publicado originalmente: Cambridge: Harvard University Press, 1977.

Inclui referências bibliográficas e índice.

ISBN 0-674-00783-2 (papel alcalino)

1. Mãe e filho. Eu Título.

BF720.M68 S74 2002

155.42218—dc21 2001051917

*Para meus filhos
Michael, Maria, Kaia*

Agradecimentos

A escrita deste livro deve muito à discussão colaboração com vários colegas e colegas de trabalho, e às sugestões e críticas que eles ofereceram. Na maioria dos casos, a sua contribuição relaciona-se não apenas com a escrita do livro, mas também com os anos de pesquisa e troca de ideias em que se baseia. Gostaria de mencionar especialmente Joseph Jaffe, Beatrice Beebe, Gail A. Wasserman, Stephen Bennett, Sam Anderson, John Gibbon, J. Craig Peery e Liz Sharpless. Gostaria também de agradecer a Lawrence C. Kolb e Howard F. Hunt que, além de serem mentores inestimáveis, foram de importância crucial na minha busca por esses estudos. Grande parte da pesquisa foi apoiada pela Fundação William T. Grant; A Fundação de Pesquisa para Higiene Mental, Estado de Nova York; e Fundação Jane Hilder Harris. Estou especialmente grato a Phyllis Jacobs pela ajuda na preparação do manuscrito, e a Susan W. Baker pelo incentivo incansável que me deu na redação deste livro. Acima de tudo, quero prestar homenagem aos pais que nos deixaram aprender com eles em prime

Conteúdo

Introdução	1
1 Aprendendo sobre coisas humanas	16
2 O repertório do cuidador	23
3 O repertório do bebê	49
4 Do laboratório à vida real	69
5 Aonde levam os passos?	91
6 Estrutura e Tempo	97
7 Da interação ao relacionamento	117
8 erros na dança	133
9 Encontrando seu próprio caminho	157
Notas	163
Índice	171

O primeiro relacionamento

Introdução

Eu não tinha relido *O Primeiro Relacionamento* desde que foi publicado. Ao fazê-lo, fiquei surpreso ao descobrir nele quase todas as ideias que nortearam meu trabalho nas décadas seguintes. No começo eu não sabia se ficava deprimido ou feliz. Ao refletir sobre isso, porém, fui encorajado pela constatação de que, logo no início, eu tinha uma perspectiva básica que estava suficientemente bem fundamentada para guiar vinte e cinco anos de observação e ideias.

Três ideias foram (e são) fundamentais. Primeiro, precisávamos ver o bebê e a mãe em interações naturais. Somente ali poderia ser vista a maior gama de capacidades, tanto no bebê quanto na mãe. Os bebês são seres naturalmente sociais, pelo que é num ambiente social que as suas capacidades se revelam. Da mesma forma, os verdadeiros comportamentos maternos só poderiam ser vistos na presença de um bebê real (e idealmente, um amado) que provocasse esses comportamentos. Situações experimentais não serviriam, não sozinhas. Eles capturam uma fatia muito pequena da vida e não possuem o contexto necessário para uma compreensão completa. Antes dos experimentos, precisávamos (e precisamos) de observações descritivas.

Em segundo lugar, precisávamos de novos métodos para essas observações, métodos reduzidos e ajustados ao mundo não-verbal e instantâneo da interação mãe-bebê.

Terceiro, um conceito orientador era essencial para uma visão significativa

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

da interação mãe-bebê, tanto do ponto de vista clínico quanto do senso comum. A "regulação mútua" foi esse conceito orientador. Isto capturou a noção de que os comportamentos da mãe e do bebê poderiam ser explicado em grande parte como tentativas mútuas de regular o estado momentâneo do bebê – que pode ser fome, excitação, alegria, excitação, e assim por diante, dependendo da hora do dia e do contexto específico.

Algumas dessas ideias estão presentes na íntegra em *O Primeiro Relacionamento*, embora, é claro, eu os tenha explorado mais detalhadamente desde então. Outros são lá como esboços ou sugestões. Este pequeno livro torna possível ver, ou prever, o desdobramento de um design intrínseco. Nesta introdução traçarei alguns dos caminhos seguidos para cumprir esse desígnio.

As observações nas quais este livro foi baseado

gan no final da década de 1960. Naquela época, apenas um punhado de pessoas observando as interações entre pais e filhos, especialmente as que ocorrem naturalmente aqueles, nos mínimos detalhes. Observações tão minuciosas só agora se tornaram possíveis, graças à nova disponibilidade de televisão portátil e câmeras de cinema com preços razoáveis e não impossíveis pesado. A TV tornou-se o novo microscópio para ver comportamentos que passou em uma fração de segundo. Você poderia olhar em câmera lenta, congelar um quadro, revise quantas vezes for necessário. Um mundo fascinante se abriu – um mundo pequeno, mas a base para muitas outras coisas.

Quando você tem a maravilhosa oportunidade de estar entre os primeiros Para que as pessoas vejam um novo mundo, muitas de suas características surpreendentes são impressionantes o suficiente para forçá-las a reavaliar seus preconceitos. Você rapidamente compreende uma nova perspectiva e novas realidades, como a fato de que comportamentos não-verbais como aqueles observados na etologia animal ogia - uma cabeça empurrada para frente, ou inclinada para cima, ou virada rapidamente para a lateral e a inferior – precisam ser os pontos de partida para observar o comportamento social humano. Esta perspectiva original e as ideias que ela contém

me deu, dei um salto com as ideias de muitos outros ao longo dos anos, incluindo (embora esta não seja uma lista exaustiva) Roger Bakeman, Beatrice Beebe, T. Berry Brazelton, Judy Dunn, Alan Fogel, Catherine Garvey, Michael Lewis, Colwyn Trevarthen, Edward Tronick e Peter Vietze.

Inesperadamente, as pessoas que inicialmente se interessaram mais por esse tipo de observação, antes mesmo de alguns psicólogos, foram coreógrafos e dançarinos. Esses artistas eram fascinados por técnicas de observação como stop frame, ver a ação ao contrário, acelerada, desacelerada, todas as técnicas coreográficas então exploradas. De certa forma, meus primeiros colaboradores foram esses dançarinos e coreógrafos. Uma vez por mês, eles vinham para Columbia e assistíamos à dança interativa das mães.

e bebês. Depois eu ia ao centro da cidade e observava essas mesmas técnicas de visualização usadas em seus trabalhos em andamento. A interação mãe-bebê que eu observava parecia uma dança elaborada, coreografada pela natureza. (Na verdade, o título provisório deste livro era "A dança entre nós".)

O mundo visto pequeno

Essa nova abordagem me ensinou que as ações importantes ocorriam em segundos e frações de segundo. Se mães e bebês interagissem a este nível microlocal, então seriam necessárias microtécnicas de análise. Nesta escala tornou-se necessário reconceber as unidades de discurso. Como psiquiatra, fui ensinado a identificar "unidades" comportamentais (clínicas), como "intrusividade", "sensibilidade" e "rejeição". Eram demasiado grandes, demasiado globais, demasiado vagos para o que os meus colegas e eu estávamos a fazer agora. As novas unidades comportamentais tornaram-se aversões ao olhar, giros de cabeça, velocidade de abordagem física, duração de uma expressão facial, pequenas mudanças na excitação e assim por diante. Agora poderíamos desvendar a "intrusividade" e ver que pequenos comportamentos a compunham; nós

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

poderia até subcategorizar tipos de intrusão. Tão importante quanto, o novo nível comportamental menor permitiu, até mesmo nos forçou, a ver eventos (como “intrusão”) do ponto de vista do bebê: o bebê poderia perceber giros de cabeça, mudanças na excitação e expressões faciais como a mãe e nós poderíamos, enquanto um construto como “intrusividade” poderia ser significativo apenas para um adulto.

Essa perspectiva, uma combinação de etologia e psicologia humanas com técnicas microanalíticas, desencadeou uma série de pesquisas projetos para acompanhar muitas das características identificadas pela primeira vez neste livro. Por exemplo, mais estudos foram iniciados sobre a vocalização padrões entre mãe e bebê.¹ Descobrimos que as mães usam frases melódicas sistematicamente diferentes para mensagens diferentes - perguntas, ordens, “Preste atenção”, “Ah, tudo bem”. Para o bebê, a música vem antes da letra.

Outros projetos foram lançados para explorar o agrupamento de clusters e seqüências comportamentais. Afinal, para um observador totalmente ingênuo, o comportamento dos outros parece fluir em um fluxo, como um língua estrangeira desconhecida. Onde você corta em unidades? Como você “pedaça” isso? A importância do tempo real e as habilidades de tempo do bebê discutidas em *O Primeiro Relacionamento* tornaram-se o assunto de estudos adicionais.² Esses estudos mostraram que os pais tendiam a agrupar suas ações e fala em frases relativamente curtas que na maioria das vezes foram construídos em torno de uma intenção. “Formatando” assim tornou a tarefa de analisar ou fragmentar muito mais fácil para os bebês, e tornou seus pais mais compreensíveis para eles. Os pais estavam intuitivamente ajudando seus filhos não apenas a analisar o comportamento social, mas interpretá-lo em termos das intenções dos outros. Um passo em direção a intersubjetividade estava em andamento.

Estas mudanças de nível e escala exigiram reconsiderar os princípios básicos unidades de interação pais-bebê. Na época em que escrevi *O Primeiro Relacionamento*, estava claro que comportamentos discretos, como a cara de surpresa da mãe, poderiam ser as unidades funcionais de interação, mas que eles

ocorreram em agrupamentos maiores, onde seus significados pareciam depender da sequência em que estavam ou de outras características contextuais.

Por exemplo, um jogo de esconde-esconde não consiste em uma única aparição da cabeça da mãe acompanhada por uma cara surpresa, mas em uma série de repetições variadas, nas quais o tempo e a cara surpresa exata diferem ligeiramente em cada momento. cada reaparecimento. A sequência se desenvolve, num padrão característico de cada díade mãe-bebê (por exemplo, de forma explosiva ou sub-repticiamente), até um ponto final igualmente característico. O ponto final pode ser uma hilaridade sustentada e compartilhada. O bebê pode ficar superestimulado, o que interrompe a brincadeira. A brincadeira pode terminar abruptamente, antes que a alegria e a excitação do bebê atinjam o pico. Esses “pacotes de comportamento”, ou “episódios de envolvimento”, ou “temas e variações” chamaram nossa atenção porque são o material a partir do qual o bebê aprende como é estar com sua mãe. O que se pode esperar que aconteça? O que geralmente acontece? O que é normal? A partir daí, foi apenas um pequeno passo sugerir que estes pacotes interativos específicos da díade são as experiências sobre as quais a criança constrói um mundo representacional dos seus cuidadores.

Este foi o germe de uma ideia muito mais ampla: a de que o mundo interno dos “objetos” – isto é, das pessoas – é composto de sequências repetidas de experiência interativa. Na minha opinião, o mundo representacional interno tem uma base sólida na realidade da experiência vivida. Esta é uma visão que está em desacordo com a crença psicanalítica tradicional de que grande parte do mundo dos objetos internos é baseada na fantasia.

Embora eu continuasse nessa linha³, este livro também me conduziu por outro caminho. Devido a todas as descobertas microanalíticas sobre quais comportamentos um bebê pode ver, ouvir e sentir, senti-me mais fundamentado em formular hipóteses sobre a construção do bebê de seu próprio mundo de experiência. Minha tarefa começou a mudar do desenvolvimento de uma descrição objetiva da interação mãe-bebê para inferir como o bebê poderia transformar esses eventos interativos em esquemas mentais ou em esquemas mentais.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

representações. Isto parecia necessário se a empresa quisesse ser clinicamente útil.

Qual era a natureza do mundo interno da criança? Como foi construído e a partir de quais unidades de experiência? Tentativas de responder essas questões, que começaram com este livro, levaram vários passos.

The Interpersonal World of the Infant (1985) baseou-se no pressuposto de que a mesma unidade básica de sequências interativas repetidas com o cuidador apresentado em *O Primeiro Relacionamento* foi generalizado para formar RIGS (representações de interações que foram generalizado). Propus que estes constituíssem o mundo interno do o bebê.

Dez anos depois, em *The Motherhood Constellation* (1995), o mesmo unidade de internalização assumiu uma nova encarnação, na forma de “esquemas-de-estar-com”. Com a terminologia dos esquemas-de-ser-com, por mais vaga que possa parecer, eu esperava incluir toda e qualquer forma de interação entre uma mãe e um bebê: como uma alimentação provavelmente irá prosseguir, como eles jogam jogos emocionantes juntos, como o mãe acalma o bebê, como é ritualizado o ato de dormir, como as proibições são tratadas e assim por diante. Eu queria cobrir todas as sequências que assumem uma forma regular, quase canônica, e que podem tornam-se modelos internalizados usados para avaliar experiências atuais.⁴

O próximo passo nesse caminho foi prestar atenção à qualidade de vinheta dessas experiências. Eles têm um começo, um meio, e um fim e uma linha de tensão dramática; são pequenas narrativas. O “envelope proto-narrativo” representou a próxima encarnação da unidade interativa internalizada.⁵ Esta unidade era totalmente subjetiva, temporalmente dinâmica, multimodal e semelhante a uma narrativa, mas permaneceu correspondente à “realidade” comportamental objetiva.

O caminho, então, partiu das unidades de processos interpessoais e sequências interativas características descritas em *O Primeiro Relacionamento*, para “RIGS”, para “esquemas-de-ser-com”, para “envolvimentos protonarrativos”.

velopes." Talvez haja ainda outro desenvolvimento, outro vire nesta narrativa. Olhando para trás, vejo que todos os elementos básicos já estavam presentes na concepção original exposta no este livro. Diferentes variações com diferentes ênfases foram necessário lidar com a ideia básica a partir de várias perspectivas: clínica, metapsicológica, pesquisa empírica ou orientada para os pais.

A tentativa de imaginar o *Diário de um Bebê* (1990), como se fosse um bebê poderia descrever sua experiência, foi uma maneira nova (e agradável) de para continuar lutando com as mesmas questões sobre o mundo interno do bebê. É claro que reconheço plenamente os problemas dando saltos imaginativos na construção da experiência de um bebê, mesmo embora os saltos tenham sido dados a partir do trampolim das observações empíricas, o esforço teve duas consequências úteis. Primeiro, os pais acharam o livro esclarecedor. Em segundo lugar, escrevê-lo me levou mais longe em minhas explorações da natureza da experiência subjetiva, tal como imaginada ou realmente vivida, momento a momento.⁶

Ainda estou seguindo esse caminho. A curiosidade sobre o subjetivo a experiência que começou para mim com *O Primeiro Relacionamento* continua em um livro que estou escrevendo agora, que se chamará algo como "O Momento Presente: Uma Visão da Experiência Subjetiva em Psicoterapia". e vida cotidiana. Nele estou explorando muitas questões que foram implícito em *O Primeiro Relacionamento*. Como podemos imaginar a experiência de uma criança se ela está confinada ao presente? Pode não ser. Se não for, em de que maneira ela vai além do momento passageiro? O que acontece no presente psicológico? Quanto tempo dura? Ainda mais basicamente, é tempo suficiente para que algo aconteça nele? Afinal, o A visão do tempo que nos é dada pelas ciências físicas é de uma mudança apontar; à medida que se move, o instante presente devora o futuro e deixa o passado em seu rastro. Mas o paradoxo é evidente: o próprio presente é tão fino que efetivamente não tem duração, então como poderia alguma coisa acontecer no presente? Como podemos imaginar um presente subjetivo momento que dura o suficiente para "manter um mundo em um grão de

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

areia"? Como esses momentos de experiência se unem para criar significados mais amplos? Como o momento presente é influenciado pelo passado? *O Primeiro Relacionamento* abriu uma fresta para tal abordagem. *O Diário de um Bebê* empurrou-o entreaberta. Agora estou jogando abrir.

Uma abordagem prospectiva normativa Uma

segunda linha importante de investigação iniciada neste livro diz respeito à adoção de uma leitura normativa da infância à medida que ela se desenrola, em vez de uma teorização retrospectiva à luz da psicopatologia posterior. Na época em que minha pesquisa começou, a psicologia do desenvolvimento era em grande parte um empreendimento normativo, mas as psicologias clínicas aplicadas à infância não o eram. As teorias dominantes, grandemente influenciadas por pensadores psicanalíticos — Freud, Klein, Mahler e até mesmo Erikson — descreviam as fases do desenvolvimento psicológico em termos de alguma forma posterior de psicopatologia. Isto resultou em conceitos de desenvolvimento clínico — “autismo normal”, “simbiose normal”, “posição depressiva ou paranóica” e assim por diante — todos aplicados aos primeiros anos de vida.

Contudo, dentro do novo quadro e escala temporal apresentados neste livro, estas noções patomórficas e retrospectivas pareciam não apenas infundadas empiricamente, mas equivocadas. Meus colegas e eu simplesmente não víamos essas coisas quando olhávamos para o nível microlocal. Por exemplo, uma criança pequena na fase “normal” proposta do narcisismo primário deveria, de acordo com essa teoria, ser largamente desinteressada e desatenta ao mundo externo e minimamente atraída e relacionada com outros seres humanos. Mas acontece exatamente o oposto quando você observa bebês reais. Eles buscam estimulação externa. Eles têm preferências claras por determinados estímulos.

Eles atendem com atenção. Isto é especialmente verdadeiro quando a estimulação externa é humana. Eles envolvem seus cuidadores com ferocidade e avidez.

Essa constatação abriu outro caminho para exploração. Como explicar várias formas de psicopatologia? Ficou claro que as formas "normais" de psicopatologia não eram fases do desenvolvimento normal às quais a criança ou o adulto pudessem retornar num ato de regressão. Como foi então o desenvolvimento da psicopatologia? explicado a partir do que vimos durante o desenvolvimento no micro-local nível? Em *O Primeiro Relacionamento* abordei esta questão examinando os padrões característicos de regulação mútua por parte da mãe e bebê no nível microlocal de interação. Este exame produziu categorias mais amplas de falhas regulatórias, como superestimulação, subestimulação e estímulo paradoxal para o vários estados básicos que precisam ser regulamentados no primeiro ano de vida: excitação, sono, fome, atividade, alegria/prazer e assim por diante. Nós observamos que alguns pares mãe-bebê desenvolveram padrões de, digamos, superestimulação crônica, para todos os estados que queriam regulamentação. Outros estavam apenas regulamentando excessivamente ao lidar com um estado, como dormir.

Ao mesmo tempo, percebemos que a regulamentação perfeita não era nem possível nem desejável. O que era importante eram os padrões que evoluiu dentro da díade para reparar descarrilamentos no âmbito regulatório processo, uma vez que estes ocorreram com frequência. A forma como as regulamentações erradas foram reparado ensinou ao bebê importantes mecanismos de enfrentamento.

Começou uma mudança conceitual – no sentido de explicar a patologia posterior em termos do acúmulo de padrões regulatórios característicos e do estabelecimento de estilos de enfrentamento para reparar desregulamentos que só mais tarde provou ser desadaptativo. Esses padrões potencialmente patogênicos poderia ser visto prospectivamente e visto no nível micro da interação, permitindo que algumas estratégias preventivas/terapêuticas fossem formulado. Por exemplo, se as sessões de jogo começaram bem, mas sempre terminou com o bebê chorando e a mãe com raiva e inadequada, poderíamos examinar o que deu errado. Talvez o mãe estava sendo insensível aos sinais do bebê de iminente

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

superestimulação, levando-o ao limite de sua tolerância até que ele gritou e se retirou. (Isso pode nunca ter ocorrido com seu filho mais velho filha, que tinha uma tolerância muito maior à estimulação.) Essas observações também deixaram uma porta terapêutica aberta para explorar com o mãe as razões (incluindo as psicodinâmicas) pelas quais ela pode tem essa insensibilidade seletiva, ou como ela poderia lidar melhor com uma incompatibilidade temperamental com seu filho.

A noção de identificar padrões regulatórios gerou desde então uma série de abordagens terapêuticas/preventivas para problemas no relação pais-bebê. Tais abordagens tiveram um sucesso considerável e são agora amplamente utilizadas. Estes são descritos em detalhes em *The Motherhood Constellation*, que levou adiante o linha de pensamento iniciada neste livro, assim como outras publicações.⁷ É interessante que a pesquisa sobre o apego estava seguindo o mesmo suposições durante esse período, embora colocando sua ênfase na padrões de regulação dos estados específicos de apego/segurança e exploração/curiosidade. O sucesso preditivo a longo prazo do observações sistemáticas de padrões de apego iniciais estão agora bem conhecido.

A abordagem prospectiva normativa baseada em realidades interativas percebidas também levou a uma maneira diferente de conceituar o desenvolvimento de estágios no sentido do self. Eu propus que o senso de identidade Isso era possível em qualquer ponto do desenvolvimento dependia das capacidades microinterativas disponíveis para a criança – incluindo interações com seu próprio corpo, ações, sentimentos e pensamentos, bem como interações com outras pessoas. À medida que novas capacidades surgissem no desenvolvimento, novas formas de sentir o eu seriam possíveis. Em última análise, o reconhecimento de novas capacidades dependia da micro-observação de comportamentos. Este novo uso do nosso antigo método proporcionou uma visão mais empírica da evolução do self com novas abordagens clínicas. implicações. Por exemplo, propôs que uma criança tivesse um núcleo

senso de identidade já diferenciado do da mãe bem antes do final do primeiro ano de vida. Em contraste, as teorias psicanalíticas tradicionais viam o bebê ainda indiferenciado da mãe e

incapaz de discriminar o eu do outro.⁸ Tudo isso estava presente de forma embrionária em *O Primeiro Relacionamento*.

A abordagem normativa a nível microlocal desenvolvida neste livro permitiu uma visão diferente do repertório de cuidados da mãe. Para a grande maioria das mães normais e até mesmo neuróticas, este repertório é efetivamente intuitivo, moldado pelo contexto cultural de cada mãe. Por outras palavras, o livro sugere que, na maioria das condições, o repertório de cuidados da mãe não precisa de ser ensinado; na verdade, não pode ser ensinado, mas pode ser desinibido. É possível que comportamentos maternos latentes sejam “descobertos”, por assim dizer, e postos em prática com o contexto de apoio adequado. Existem, no entanto, algumas mães que parecem não ter este repertório intuitivo básico e quase precisam de ser ensinadas a ser mães. Estas ideias levaram mais tarde a alguns dos pontos centrais elaborados em *The Motherhood Constellation* (1995) e *The Birth of a Mother* (1998), onde o papel da relação psicoterapêutica com a mãe é visto como, talvez, o principal agente curativo. elemento no restabelecimento deste repertório intuitivo

toire.

Conhecimento

implícito Conhecimento implícito versus conhecimento explícito na relação mãe-bebê é outro tema-chave deste livro. O estudo das interações no nível microlocal deixou claro que os bebês esquematizavam padrões interativos muito antes de conseguirem falar. Antes que os eventos pudessem ser representados verbal e simbolicamente, o conhecimento interactivo inicial das crianças era de alguma forma codificado num registo não-verbal. Além disso, a maior parte do comportamento da mãe parecia ser intuitivo – isto é, implícito,

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

não seguir alguma regra facilmente verbalizada. Portanto, era importante explorar mais a fundo esse domínio do conhecimento não-verbal.

A psicologia há muito tempo tem uma categoria de conhecimento variada chamado processual ou sensório-motor. No entanto, o conhecimento do bebê de padrões relacionais vai muito além do que é tradicionalmente incluído no conhecimento processual ou sensório-motor, porque inclui aspectos cognitivos afetivos e antecipatórios, como aqueles visto em padrões de apego durante o reencontro com a mãe após um separação. Além disso, esse tipo de conhecimento está na consciência mas permanece fora do domínio verbal explícito. É chamado de implícito conhecimento, ou talvez melhor, conhecimento implícito. A maior parte do bebê considerável conhecimento social, incluindo seus padrões característicos de ser-com-outro, reside neste domínio.

O campo de pesquisa em psicoterapia de adultos pode parecer distante a partir dessas considerações de conhecimento implícito em bebês. No entanto, psicoterapeutas de muitas escolas passaram a acreditar que muito da mudança que ocorre na psicoterapia surge da implícita conhecimento evoluindo dentro do relacionamento entre o terapeuta e o paciente, e não a partir do conhecimento explícito contido em interpretações que presumivelmente tornam conscientes e explícitos os motivos e crenças inconscientes.

Essas considerações levaram a mim e a um grupo de desenvolvimentistas e terapeutas em Boston (o Boston Change Process Study Grupo) para explorar o funcionamento do conhecimento implícito em adultos e psicoterapia infantil.⁹ Em resumo, descobrimos que a expansão do conhecimento implícito sobre a relação terapêutica que se torna compartilhada intersubjetivamente entre paciente e terapeuta é um mecanismo potente para mudança terapêutica. Além disso, esse conhecimento implícito de como é e pode ser estar junto e da natureza da relação paciente-terapeuta nunca precisa ser falado sobre explicitamente para ter seu efeito terapêutico. Por mais que isso possa parecer

a partir do estudo da infância, essa melhoria terapêutica dentro de um relacionamento é paralela à maneira como os esquemas de ser-com do bebê promovem seu desenvolvimento.

Dinâmica Temporal

Comportamentos, pensamentos, sentimentos, ações têm uma qualidade musical. Cada frase comportamental, ou afetiva, ou mesmo cognitiva – isto é, a menor fragmentação significativa – tem um contorno no tempo. Os comportamentos não são eventos discretos e intermitentes. Eles se desdobram e descrevem perfis temporais à medida que o fazem. “Formas de tempo” incluem formas como desvanecimento, aceleração, explosão, esforço, hesitação, hesitação, ousadia. Na maior parte dos casos, a psicologia ignorou a dinâmica temporal.

Depois de tanta observação do nível microlocal das mães interação infantil, metáforas da música e da dança não apenas se infiltraram em minha escrita, mas também se tornaram uma forma de pensar sobre o que vi. De certo modo, o reconhecimento da existência generalizada e da importância da dinâmica temporal nasceu neste livro.

Mas só mais tarde é que a ideia recebeu um tratamento mais completo.¹⁰ O resultado foi a descrição de “afetos de vitalidade”. Esses são os sentimentos temporalmente contornados que acompanham toda experiência. À medida que uma experiência se desenrola – digamos, quando você observa alguém sorrir para você – ocorrem micromudanças na qualidade e intensidade do ato e do sentimento evocado em você. Essas mudanças traçam uma linha do tempo. O sorriso pode explodir no rosto da outra pessoa, dando-lhe uma sensação acelerada de surpresa e prazer, uma elevação repentina. Ou pode formar-se lentamente, demasiado lentamente, até mesmo sorratamente, evocando uma cautela crescente. Ou pode formar-se espontaneamente, mas depois desaparecer demasiado rapidamente, evocando um sentimento crescente de curiosidade com matizes negativos.

Esses sentimentos temporalmente contornados são evocados quando observamos o comportamento dos outros e acompanham o nosso próprio comportamento.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Eles fornecem uma maneira de comunicar sentimentos que vão além o próprio ato comportamental – o sorriso – para alcançar os sentimentos por trás o ato. São mil sorrisos, cada um com seu significado diferenciado. Em *The Interpersonal World of the Infant*, os afetos de vitalidade foram descritos principalmente por sua função de permitir a “sintonização dos afetos”. Por exemplo, uma criança, num acesso de excitação, solta um “AaaaaAAAAaaah”, em que há um crescendo e depois um decrescendo de intensidade. A mãe pode sintonizar-se com o bebê sem imitá-lo fielmente, dizendo “YeeeeEEEEEEeeah”. O a vocalização da mãe tem a mesma duração e o mesmo crescendo-decrescendo, mas é um som diferente. É um seletivo imitação. Ao fazer isso, a mãe deixa seu filho saber que ela compartilhou sua experiência, principalmente a parte afetiva. Ela aumentou o mundo intersubjetivo que agora compartilham. A experiência se torna uma experiência de “nós”, não apenas uma experiência de “eu”. O a importância clínica e de desenvolvimento de tais atos é evidente.

Percebi que as metáforas para a dinâmica temporal que usei originalmente neste livro são mais do que metáforas, e que o os efeitos de vitalidade descritos em 1985 têm uma aplicabilidade muito além intersubjetividade mãe-bebê. Os efeitos da vitalidade existem em todos os aspectos subjetivos experiência, em todas as idades e em todos os domínios e modalidades. Meu trabalho anos atrás com coreógrafos e dançarinos ecoa agora no observação de que nossa experiência subjetiva tem mais em comum com música do que com um código digital. Como isso é verdade e o que isso significa, é o que estou explorando em meu trabalho sobre e sobre o momento presente. A visão original de *O Primeiro Relacionamento* tem viajou um longo caminho.

O Primeiro Relacionamento não deve ser visto simplesmente como uma declaração do estado do estudo da interação mãe-bebê como foi há vinte e cinco anos. Por um lado, a maioria das suas observações

e as conclusões se sustentam bem. Por outro lado, é um esboço da paisagem da interação mãe-bebê como a vi quando surgiu pela primeira vez.

visualizar. É isso que torna o livro valioso agora: os primeiros vislumbres capturam características essenciais que são menos visíveis depois que o terreno está bem

conhecido e mapeado em detalhes. Estas características essenciais do “primeiro relacionamento” pode nos dar uma espécie de gráfico mostrando onde podemos ir e o que poderemos encontrar no futuro. Ainda estamos nesse futuro.

APRENDENDO SOBRE COISAS HUMANAS

processo criativo: o comportamento do cuidador e do bebê que influencia sua formação, sua estrutura, objetivos e funções de desenvolvimento. Este não é um livro de instruções, mas sim um livro sobre o que é.

Minha noção orientadora na condução desta pesquisa foi simples. O cuidador e o bebê, quer tenham consciência disso ou não, “sabem” mais do que nós sobre as suas próprias interações sociais. Somente eles, agindo e interagindo como normalmente fazem, deveriam ser meus professores. A mãe está envolvida num processo natural com o seu bebê, um processo que se desenrola com uma fascinante complexidade e complexidade para o qual tanto ela como o bebê estão bem preparados por milênios de evolução. Como eles “sabem intuitivamente” como funcionam e sentem as suas próprias trocas, tive que descobrir a melhor forma de aprender com eles coisas que não necessariamente se prestam a ser contadas ou explicadas em palavras. Para fazer isso, meus colegas e eu às vezes éramos simplesmente observadores, absorvendo com nossos olhos e ouvidos eventos interativos à medida que ocorriam. Esses eventos, porém, passam muito rapidamente e apenas uma vez. Para lidar com este problema, às vezes gravávamos vídeos regularmente nas casas dos participantes. Poderíamos então ver e revisar as fitas muitas vezes, em nosso laboratório. Quando sentimos que eram necessárias observações ainda mais refinadas, estudamos filmes de 16 milímetros quadro a quadro, passando horas examinando eventos que ocorrem em segundos. Outras vezes, gravávamos certos comportamentos selecionados, como olhar fixamente ou vocalizar, e inserimos os registros em um computador para nos ajudar a procurar padrões e relações.

Antes de prosseguir, quero descrever o tipo de eventos nos quais nos concentramos e com os quais aprendemos. São as trocas interpessoais bastante comuns e comuns que ocorrem entre um cuidador principal e uma criança durante o primeiro semestre de vida. São momentos de natureza quase puramente social. Muitas vezes ocorrem em momentos improváveis ou inesperados, no meio ou no espaço entre outras atividades. No entanto, como tentarei mostrar, estes momentos interpessoais são cruciais na formação das experiências a partir das quais o in-

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

fant aprende como se relacionar com outras pessoas. Aqui está um exemplo detalhado que dá o sabor do fenômeno e servirá de referência mais adiante.

Uma mãe está dando mamadeira para seu filho de três meses e meio. Eles estão na metade do caminho. Durante a primeira metade da mamada o bebê esteve sugando, trabalhando sério e ocasionalmente olhando para a mãe, às vezes por longos períodos (10 a 15 minutos). segundos). Outras vezes, ele olhava preguiçosamente ao redor da sala. Mãe estava bastante quieto. Ela olhava para o bebê periodicamente, meio que verificando, e de vez em quando olhava para ele com um longo e longo olhar (20 a 30 segundos), mas sem falar com ele ou mudar o expressão em seu rosto. Ela raramente dizia alguma coisa quando olhava para ele, mas quando ela olhava para mim ela falava muitas vezes, e com muita animação facial.

Até este ponto, uma alimentação normal, e não uma interação social, era em andamento. Então começou uma mudança. Enquanto conversa e olha para mim a mãe virou a cabeça e olhou para o rosto do bebê. Ele era olhando para o teto, mas pelo canto do olho ele a viu cabeça virou-se para ele e virou-se para olhar para ela. Isso já havia acontecido antes, mas agora ele quebrou o ritmo e parou de sugar. Ele soltei o mamilo e a sucção ao redor dele quebrou quando ele entrou a mais leve sugestão de um sorriso. A mãe parou abruptamente conversando e, enquanto ela observava o rosto dele começar a se transformar, seus olhos abriu um pouco mais e suas sobrancelhas levantaram um pouco. Seus olhos travaram sobre o dela, e juntos ficaram imóveis por um instante. O bebê não voltou a sugar e sua mãe congelou seu leve expressão de antecipação. Este instante silencioso e quase imóvel continuou pendurado até que a mãe de repente o quebrou, dizendo "Ei!" e simultaneamente abrindo mais os olhos, levantando ainda mais as sobrancelhas e jogando a cabeça para cima e em direção ao bebê. Quase simultaneamente, os olhos do bebê se arregalaram. Sua cabeça inclinada para cima e, à medida que seu sorriso se alargava, o mamilo caiu de sua boca. Agora

APRENDENDO SOBRE COISAS HUMANAS

ela disse: "Bem, olá!... heelló... heelloóoo!", para que seu discurso rosa e os "olás" tornaram-se mais longos e mais acentuados a cada repetição sucessiva. A cada frase o bebê expressava mais prazer e seu corpo ressoava quase como um balão sendo bombeado.

para cima, enchendo um pouco mais a cada respiração. A mãe então fez uma pausa e seu rosto relaxou. Eles se observaram com expectativa por um momento. A excitação compartilhada entre eles diminuiu, mas antes desapareceu completamente, o bebê de repente tomou a iniciativa e interveio para resgatá-lo. Sua cabeça inclinou-se para frente, suas mãos se levantaram, e um sorriso mais completo floresceu. Sua mãe foi colocada em movimento. Ela avançou, com a boca aberta e os olhos acesos, e disse: "Ooooooh . . . você quer brincar, não é? . . sim? . . . Eu não sabia se você ainda estava com fome . . . não . . . nao . . . não, eu não fiz. . ." E lá foram eles.

Depois de alguma troca fácil, o ritmo e a excitação aumentaram para um nível superior em que a interação assumiu a forma de um jogo repetido. Os ciclos do jogo eram mais ou menos assim. O mãe se aproximou, inclinando-se, franzindo a testa, mas com um brilho seus olhos e sua boca franzidos em um círculo sempre na borda abrindo um sorriso. Ela disse: "Desta vez eu vou te pegar", colocando simultaneamente a mão sobre a barriga do bebê, pronta para começar um movimento. Faça cócegas nos dedos subindo pela barriga do bebê e entrando nas hílarias reentrâncias de seu pescoço e axilas. Enquanto ela pairava e falava, ele sorriu e se contorceu, mas sempre manteve contato visual com ela. Mesmo o a verdadeira marcha das cócegas não quebrou o olhar mútuo.

Depois que a marcha dos dedos atingiu o pescoço e foi pontuada com uma última cócega, a mãe recuou e afastou-se rapidamente em seu cadeira. Seu rosto se abriu e seus olhos se desviaram como se ela estivesse pensando em um plano novo e ainda mais irresistível para sua próxima abordagem. O bebê emitiu um "aaah" apenas audível enquanto ele observava, cativado, enquanto ela deixava suas noções passarem livremente por seu rosto, como se fosse uma tela transparente mostrando as imagens em mudança em sua mente.

Finalmente, ela correu novamente, talvez um pouco mais cedo e com

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

mais aceleração do que nos tempos anteriores. Sua prontidão ainda não estava totalmente estabelecida e ele foi pego de surpresa por uma fração de segundo. Seu rosto mostrava mais surpresa do que prazer. Seus olhos estavam arregalados e sua boca aberta, mas não levantada nos cantos. Ele desviou ligeiramente o rosto, mas ainda manteve o olhar mútuo. Quando ela voltou no final daquele ciclo, ela viu que o tiro havia errado de alguma forma – o tiro não saiu pela culatra, mas errou o suficiente. O prazer havia desaparecido. Ela recostou-se na cadeira por vários segundos, falando em voz alta consigo mesma e com ele, mas sem fazer nada, apenas avaliando. Ela então retomou o jogo. Desta vez, porém, ela deixou de lado a parte da marcha das cócegas e estabeleceu uma cadência mais regular e marcante em suas ações. Ela avançou, de forma mais uniforme, com sobranceiras, olhos e boca em mudanças dramáticas que prometiam, mas com menos ameaça, fazer o que ela disse: “Vou pegar você”. A atenção do bebê voltou-se novamente para ela, e ele começou a mostrar um sorriso fácil, com a boca parcialmente aberta, o rosto inclinado para cima e os olhos ligeiramente fechados.

Durante os quatro ciclos seguintes do jogo renovado e ligeiramente variado, a mãe fez praticamente o mesmo, exceto que em cada ciclo sucessivo ela aumentou o nível de suspense com seu rosto, voz e timing. Foi algo como: “Eu vou te pegar”

· · · “Eu vou te pegar”.... Eu voummmm gooonaa gétcha”.....

“Eu estoummmm goooonaaa gétcha!!” O bebê ficou cada vez mais excitado, e a excitação crescente de ambos continha elementos tanto de alegria quanto de perigo. Durante o primeiro ciclo o bebê ficou cativado pelas travessuras da mãe. Ele sorriu amplamente e nunca tirou os olhos do rosto dela. Durante o segundo ciclo, ele desviou ligeiramente o rosto quando ela se aproximou, mas o sorriso se manteve. No início da terceira surtida da mãe, o bebê ainda não havia retomado totalmente a posição face a face e estava com a cabeça ligeiramente voltada para o lado.

Quando ela se aproximou, o rosto dele virou ainda mais, mas ele continuou olhando para ela. Ao mesmo tempo, seu sorriso se aplainou.

APRENDENDO SOBRE COISAS HUMANAS

As sobrancelhas e os cantos da boca oscilavam entre um sorriso e uma expressão sóbria. À medida que a excitação aumentava, ele parecia percorrer aquele caminho estreito entre a alegria explosiva e o medo. À medida que o caminho se estreitava, ele finalmente rompeu o olhar com a mãe, parecendo assim se recompor por um segundo, para diminuir seu próprio nível de excitação. Tendo feito isso com sucesso, ele voltou seu olhar para a mãe e abriu um grande sorriso. Nesse momento, ela começou, com entusiasmo, seu quarto e mais cheio de suspense, mas este foi demais para ele e o empurrou para o outro lado do caminho estreito. Ele desviou o olhar imediatamente, virou-se, desviou o rosto e franziu a testa. A mãe atendeu imediatamente. Ela parou o jogo imediatamente e disse suavemente: "Oh, querido, talvez você ainda esteja com fome, hein. . . vamos tentar um pouco de leite novamente." Ele devolveu o olhar. Seu rosto relaxou e ele pegou o mamilo novamente. O "momento" de interação social acabou. A alimentação foi retomada. (Todo esse episódio durou cerca de quatro minutos.)

Da análise de tais "momentos" aprendemos que as interações puramente sociais, por vezes chamadas "brincadeiras livres", entre mãe e bebê estão entre as experiências mais cruciais na primeira fase de aprendizagem e participação do bebê em eventos humanos. No final dos primeiros seis meses o trabalho desta fase está concluído e é considerável.

A criança desenvolveu esquemas da face humana, da voz e do tato e, dentro dessas categorias, conhece a face, a voz, o tato e os movimentos específicos de seu cuidador principal. Ele adquiriu esquemas das diversas mudanças pelas quais passam para formar diferentes expressões e sinais emocionais humanos. Ele "captou" o padrão temporal do comportamento humano e o significado das diferentes mudanças e variações de andamento e ritmo. Ele aprendeu os sinais e convenções sociais que são mutuamente eficazes para iniciar, manter, encerrar e evitar interações com sua mãe. Ele aprendeu diferentes modos discursivos ou dialógicos, como

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

como tomada de turno. E ele agora tem a base de alguns imagem composta de sua mãe para que, alguns meses depois disso Quando essa fase termina, podemos falar de que ele estabeleceu a permanência do objeto – ou uma representação duradoura da mãe que ele carrega. com ele com ou sem a presença dela.

Para entender como as tarefas de desenvolvimento desta primeira fase forem cumpridas, seguirei o seguinte plano. Primeiro examinarei o repertório de comportamentos faciais, vocais e outros que o O cuidador médio considera o bebê como sua primeira e principal experiência com o mundo dos estímulos humanos. A seguir examinarei o repertório de comportamentos e habilidades perceptivas que o bebê possui para perceber e agir no mundo do comportamento humano que ele se encontra. Em seguida, discutirei algumas descobertas experimentais e referenciais teóricos que nos ajudam a compreender como a mãe e os comportamentos separados do bebê podem influenciar um ao outro, e então como a interação é realmente estruturada, em direção ao que objetivos e para realizar quais funções de desenvolvimento. Finalmente, em um No capítulo mais clínico, discutirei algumas maneiras pelas quais a interação pode dar errado.

2

O repertório do cuidador

A primeira exposição da criança ao mundo humano consiste simplesmente em tudo o que sua mãe realmente faz com seu rosto, voz, corpo e mãos. O fluxo contínuo de seus atos prevê ao bebê, sua experiência emergente com a matéria de comunicação e relacionamento humanos. Esta coreografia de comportamentos maternos é a matéria-prima do mundo exterior com a qual o interior fant começa a construir seu conhecimento e experiência de todas as coisas humano: a presença humana; o rosto e a voz humana, suas formas e alterações que compõem as expressões; as unidades e o significado de comportamentos humanos; a relação entre seu próprio comportamento e de outra pessoa.

Depois de muito observar mães e bebês brincando, gradualmente percebi que estava negligenciando um fato óbvio, mas importante. As mães agem de maneira muito diferente com os bebês e com outros adultos ou crianças mais velhas. Este fato é tão comum e esperado que tinha sido dado como certo e geralmente passou despercebido como um fenômeno de qualquer interesse científico. Os cuidadores não apenas fazem coisas diferentes coisas na presença de bebês, mas eles as executam de maneira diferente. “Conversa de bebê” é o exemplo mais óbvio e mais bem estudado, mesmo embora estejamos apenas começando a entender suas complexidades. Bebê conversa, no entanto, acaba sendo apenas parte de um quadro muito maior: al-

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

quase todas as formas de comportamento social da mãe voltadas para o bebê são relativamente específicos para bebês. As "caras" que ela faz para a criança, a maneira como ela usa sua fala, não apenas o que ela diz mas os sons que ela emite, os movimentos de sua cabeça e corpo, o coisas que ela faz com as mãos e os dedos, como ela se posiciona em relação ao bebê e o tempo e ritmo de seus comportamentos; tudo isso se torna diferente quando direcionado a uma criança.

Comparado com os comportamentos sociais mais aceitáveis e apropriados entre adultos, o repertório de ações de uma mãe em relação ao seu filho é bastante incomum e, na verdade, altamente desviante. Eles seriam considerados totalmente bizarros se realizados contra qualquer pessoa que não fosse uma criança.

(com exceção parcial de um animal jovem ou talvez de um amante).

Quando assim direcionados, entretanto, eles compreendem um comportamento esperado e normal. subconjunto especial de comportamentos humanos, um subconjunto pertencente ao maior categoria de comportamentos parentais. Eu chamo isso de constelação comportamental "comportamentos sociais induzidos pela criança".

Com o óbvio já não sendo dado como certo, surgem muitas novas questões: qual é o repertório deste subconjunto especial e o que é?

são as suas características; o que há no bebê que provoca essas comportamentos particulares; que além das mães fazem e podem realizar esses comportamentos; quais funções, se houver, esses comportamentos podem servir para a sobrevivência e desenvolvimento da criança; esses comportamentos são especificamente provocados apenas por bebês humanos; e como eles diferem de cultura em cultura?

Descrição dos comportamentos sociais provocados por bebês

Uma palavra de advertência primeiro. Meu objetivo *não* é descrever esses comportamentos para que os cuidadores os executem, ou os executem "melhor".

Os cuidadores costumam realizá-los de forma natural, quase inconscientes. Em na verdade, se você chamar a atenção de uma mãe exatamente para o que ela está fazendo, ela dirá "Sim, claro, e daí?" Também não tenho intenção de fazer

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

um cuidador extremamente consciente de cada pequeno movimento e som ela faz. Cada cuidador desenvolve seu próprio estilo de uso, adequado quem ela é e quem é seu bebê. Felizmente, tenho certeza de que não há nada que eu posso dizer que isso interferiria nessa troca natural.

Existem, no entanto, duas razões convincentes para descrever estes comportamentos: indicar (e oferecer garantias) que a maioria das coisas “incomuns” que uma mãe faz são um aspecto normal e necessário da vida. aquela parte da biologia humana que chamamos de parentalidade – ações a serem desfrutadas; e segundo, caracterizá-los para que possamos imaginar como eles parecem, soam e sentem do ponto de vista da criança.

expressões faciais

As expressões faciais que os cuidadores fazem para os bebês são exageradas no tempo e no espaço. Dois exemplos muito comuns serão suficientes, a expressão de falsa surpresa e a carranca. Quando uma mãe está tentando chamar a atenção de um bebê e ele se vira para olhar para ela, no instante em que o faz, é mais provável que ela faça uma expressão de falsa surpresa. Seus olhos se arregalam, as sobrancelhas sobem, a boca abre bem e a cabeça é levantada e ligeiramente inclinada para cima. No mesmo vez, ela geralmente diz algo como “oooooh” ou “aaaaah”. Esse A expressão é bastante estereotipada, mas tem inúmeras pequenas variações: a boca pode formar um sorriso, ou formar um grande círculo com ou sem lábios franzidos ou mesmo fechados; a cabeça pode se mover em direção o bebê em vez de para cima e para trás, ou ele pode inclinar-se para um lado; e de É claro que toda a plenitude da exibição pode variar desde um leve deslocamento das partes faciais no espaço até uma exibição facial completa, onde cada parte é deslocada para sua posição máxima - isto é, olhos tão arregalados aberto o máximo possível, sobrancelhas o mais altas possível e assim por diante.

Até agora só vimos o exagero no espaço, no grau de plenitude da exibição. Há também um exagero no tempo, em duração do desempenho do display. Em comparação com as expressões sociais de adulto para adulto, essas exibições faciais são geralmente lentas para

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

formam e são mantidos por um longo tempo. Tomemos um bom exemplo de exibição completa de uma expressão de falsa surpresa. Geralmente, a expressão cresce lentamente, quase como se a mãe estivesse atuando em câmera lenta, gradualmente, mas dramaticamente, construindo até o grau máximo do display e então, uma vez "lá", mantendo a posição alcançada por um tempo extremamente longo (relativamente falando). Outras vezes, as mães acelerar seus comportamentos de forma exagerada, e outras vezes eles "brincam" com a velocidade e a taxa do fluxo de comportamento, variando-o com mudanças de ritmo e arrancadas e corridas inesperadas.

O segundo exemplo comum é a carranca. Aqui as principais características são o trico e rebaixamento progressivo das sobrancelhas, com o consequente estreitamento dos olhos. Normalmente a cabeça evita lateral e ligeiramente para baixo, a boca forma um pequeno círculo ou bolsas e as asas do nariz tensas (em uma exibição mais completa há pode estar enrugando o nariz). Muitas vezes há uma vocalização "aaaaoooh" com uma queda deslizante no tom e um decrescendo no volume em direção ao fim. Na sua totalidade, a expressão parece algo como desgosto. Aqui também, como acontece com a falsa surpresa, o exagero é tal que um ainda imagem dessas expressões muitas vezes parece uma caricatura ou muito ruim atuando. Sorrisos, beicinhos, franzidos de lábios e suas muitas variações obedecem aos mesmos modos de atuação.

Existem três outras expressões faciais de particular importância no repertório de expressões faciais eliciadas pelo bebê: o sorriso, que não precisa de descrição; a expressão "Oh, coitado" de preocupação e simpatia, que combina elementos da expressão simulada de surpresa e da carranca, em que as sobrancelhas ficam levemente unidas mas os olhos estão arregalados, a boca geralmente está parcialmente aberta e a cabeça está inclinada ou alinhada no mesmo plano da criança e vem em direção ao bebê; a última "expressão", um rosto neutro ou inexpressivo, dificilmente é exclusivo, mas é bastante importante na situação evocada pelo bebê. Cada uma das cinco expressões é comum, onipresente e executada com muita frequência e de forma estereotipada durante o jogo.

interações. Eles foram destacados aqui devido ao seu valor especial de sinalização na regulação do curso das interações precoces entre cuidadores e bebês.

Durante suas interações com o bebê, a mãe raramente, ou nunca, precisa ou usa toda a gama de expressões humanas disponíveis para ela. Apenas um conjunto limitado de expressões é necessário neste ponto do desenvolvimento para regular o fluxo mais geral da interação e para marcar os principais pontos nodais nesse fluxo. O conjunto mais básico de sinais para esse fim consistiriam em exibições para iniciar, para manter e modular, encerrar e evitar uma interação social

(1) Para iniciar ou sinalizar uma prontidão ou convite para interação: A expressão mock-surpresa cumpre essa função. Isto se parece com um caricatura de uma resposta de orientação ou surpresa e tem muito em comum com os comportamentos universais de saudação facial descritos por Eibl-Eibesfeldt e por Kendon e Ferber.¹ Em alguns tipos de interações lúdicas é a expressão mais comum vista. Pode ocorrer a cada 10 a 15 segundos – quase sempre que o bebê redireciona sua atenção visual para a mãe. É como se ela o cumprimentasse cada tempo e reexibindo sua orientação para ele como um sinal para indicar prontidão para uma interação potencial, bem como para estimulá-la.

(2) A manutenção e modulação de uma interação contínua: O sorriso e a expressão de preocupação cumprem essas funções. O sorriso é um poderoso sinal afirmativo de que a interação não é apenas em andamento, mas indo bem. A expressão de preocupação também é vista quando a interação é contínua, mas quando está fraca ou com problemas. É uma tentativa clara e talvez um sinal da intenção da mãe, para reorientar, reengajar e, assim, manter a interação.

(3) O término da interação: Franzir a testa com aversão à cabeça e quebrar o olhar é um sinal para interromper, pelo menos por enquanto, uma interação que não está mais funcionando para o bebê ou para o bebê. mãe ou ambos. A rescisão pode, claro, ser momentânea

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

e seguido do sinal para reiniciar a interação recomeçando de forma diferente.

(4) Evitar uma interação social: Um rosto neutro ou sem expressão, especialmente com aversão ao olhar, é um sinal claro de falta de prontidão ou de intenção de interagir.

Todas as manifestações faciais emocionais "básicas", como medo, raiva, alegria, surpresa, nojo, consistem em constelações feitas a partir de diferentes combinações de movimentos ou posições separadas de cada uma das partes faciais: olhos, boca, sobrancelhas. , e assim por diante. Em todas as culturas, reconhecemos estas constelações como em grande parte inatas. Além de cada constelação, que corresponde a uma emoção básica, ter um valor de sinal inato, certos movimentos de partes faciais separadas, mesmo dissociadas de constelações conhecidas, também podem ter propriedades de sinal inatas. Por exemplo, em demonstrações emocionais em que os olhos estão arregalados (geralmente levantando ou piscando as sobrancelhas, para indicar surpresa, admiração, flerte, saudação), a característica comum do sinal é a indicação de prontidão para interagir e um foco intensificado de atenção. atenção do outro. Por outro lado, quando os olhos estão estreitados (e as sobrancelhas estão franzidas ou abaixadas), como na raiva, medo, desaprovação ou repulsa, o sinal comum é a provável intenção de redução da prontidão para interagir e o potencial de atenuação ou quebra do foco de atenção. . De maneira semelhante, mover a cabeça para cima ou em direção à outra ou alinhá-la no mesmo plano acompanha exibições positivas de manutenção da interação; mover a cabeça para baixo, para trás ou especialmente para o lado geralmente indica o contrário, uma intenção de terminar. A ampla abertura da boca é positiva e mantém a interação, enquanto o estreitamento da boca faz o oposto.

Desta forma, as exibições faciais provocadas pelo bebê materno fornecem sinais que indicam um estado de prontidão geral e intenção em relação à própria existência de uma interação, bem como proporcionam experiência com algumas das características básicas comuns do que também podem ser expressões emocionais específicas para o bebê. o bebê.

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

A mãe nas principais exibições faciais que realiza para o criança exagera em particular esses elementos (arregalamento dos olhos ou estreitamento, levantamento de sobrancelha ou tricô, e afins) que servem como sinais fortes relativos à intenção de iniciar, manter, encerrar, ou evitar uma interação focada. As outras características de sinal do a expressão da mãe pode inicialmente ser perdida para o bebê ou irrelevante para ele.

Os comportamentos sociais induzidos pelos bebês parecem ter três características salientes. Eles são exagerados no espaço e na plenitude da exibição pode ser máximo. Seu desempenho é exagerado no tempo, geralmente marcado por uma formação lenta e uma duração alongada. E a repertório é geralmente limitado a diversas expressões selecionadas que são realizado com muita frequência e com muita estereotipia. Estas características de desempenho do comportamento facial da mãe sem dúvida facilitam a capacidade da criança de aprender expressões faciais humanas. O espacial e o exagero temporal, juntamente com o desempenho frequente e estereotipado de apenas exibições selecionadas, colocariam esses comportamentos em alto relevo e ajudariam muito a criança a separá-los dos movimentos de "fundo" de outras expressões.

que pode ser menos crucial neste ponto do desenvolvimento, ou de movimentos que "simplesmente" acompanham a fala. Como veremos, o mesmas três características dos comportamentos sociais eliciados por bebês em outros modalidades, como a vocalização, podem servir a mesma função ali também, de apresentar comportamentos humanos salientes para que seu reconhecimento e a discriminação será facilmente reforçada.

vocalização

A fala é convenientemente dividida entre o que é dito (conteúdo) e o que é dito. maneira como é dito (características prosódicas). Ferguson, em um artigo fascinante intitulado "Baby Talk in Six Languages",² estudou o que as mães dito aos seus bebês em seis línguas diferentes de diferentes continentes. Ele descobriu que todos eles falavam sua versão da conversa de bebê com os pais.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

fãs. Em cada caso, havia uma sintaxe muito simplificada e uma expressão curta; muitos sons absurdos; e certas transformações de sons que tinham algumas características comuns em todas as línguas. Por exemplo, mães de todo o mundo realizariam a contraparte de suas línguas, transformando “lindo coelho” em “pwitty wabbit”.

Muitos outros investigadores, nomeadamente Nelson e Bloom, examinaram como uma mãe que ensina um bebé mais velho (dois anos) a falar usará automaticamente menos palavras numa frase e manterá a sintaxe simples.³ Então, progressivamente, ao longo dos meses seguintes, a mãe torne suas frases mais longas e complexas à medida que a criança “entende”, acompanhando as crescentes habilidades linguísticas da criança, mas sempre permanecendo um ou dois passos à frente dela.

O que é mais surpreendente, contudo, quando ouvimos um cuidador falar com um bebé mais novo, de poucos meses de idade, é a *forma como* a mãe fala e não o que ela diz.⁴ Em primeiro lugar, o tom da voz é quase invariavelmente elevado. . É comum ouvir uma mãe (ou pai) fazer longos trechos de fala em falsete. Muitas dessas execuções em falsete serão frases em inglês perfeitamente boas; outros podem consistir em guinchos e guinchos misturados com algumas palavras. Outras vezes, para deleite do bebê, o cuidador mudará, às vezes repentinamente, para uma faixa de graves falsos e guturais. Mais uma vez, ao “brincar” na faixa de graves, a mistura de palavras e sons de animais pode ser maravilhosamente diversa.

De maior importância é o que foi dito anteriormente sobre as expressões faciais. O cuidador exagera a amplitude do seu comportamento – neste caso, o tom vocal. É como se ela estivesse preparando o bebê com experiência e exposição adequadas a todo e qualquer tipo de som saliente que outros humanos possam emitir. O volume ou intensidade das vocalizações também é exagerado, abrangendo uma variedade de sons sussurrados até exclamações altas de “fingir que são assustadoras” ou exuberantes. Mudanças na intensidade do som também são variadas

mais rica e dramaticamente do que na fala adulta normal. Da mesma forma, há uma ênfase mais pronunciada nas palavras ou sílabas. Os diferentes ritmos e síncopes resultantes contribuem para a qualidade do canto de grande parte da fala materna provocada pelo bebê.

Além dos exageros no grau ou extensão do desempenho, a outra característica geral da fala eliciada pelo bebê é a velocidade alterada do desempenho. Aqui, como no caso das expressões faciais, o tempo dos acontecimentos é por vezes exageradamente acelerado, mas geralmente é mais lento. A duração da vogal é mais longa. Este evento comum pode aumentar a ênfase em certas palavras ou frases, como em “que bebezinho lindo”, ou pode ser usado simplesmente para sublinhar o evento comunicativo ou social em vez do linguístico, como quando uma mãe “comenta” sobre o rosto de um bebê. expressão dizendo “aaaahoooooh”. Da mesma forma, a taxa de mudança no tom e na intensidade também é geralmente mais lenta, resultando frequentemente em crescendos, decrescendos ou glissandos dramáticos. Por último, as pausas entre cada enunciado materno são alongadas, permitindo mais tempo para processar o que acabou de ser dito antes da chegada da próxima comunicação. Contudo, não é necessariamente por isso que a mãe prolonga as pausas. Um diálogo vocal mãe-bebê é incomum. É mais um monólogo da mãe na forma de um diálogo imaginário, porque, embora o bebê raramente responda, a mãe geralmente se comporta como se ele o tivesse feito. A Figura 1 ilustra esse ponto.

Mostra a duração média de uma vocalização e sua posterior pausa nas seguintes situações: (1) diálogo adulto; (2) vocalizações maternas para um bebê; (3) vocalizações infantis para a mãe; e (4) uma combinação dos elementos 1, 2 e 3.5 Por que, ao vocalizar para um bebê, a mãe encurta seu enunciado e prolonga sua pausa? Uma explicação plausível para a pausa mais longa é que, depois de falar, a mãe espera a duração média da pausa do diálogo adulto (0,60 segundos). Ela então permanece em silêncio durante um

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

resposta vocal infantil imaginada (0,43 segundo) e depois espera novamente a duração média da pausa do diálogo adulto (0,60 segundo) antes de falar novamente. Se assumirmos isso, obteremos o tempo mostrado no diálogo imaginário (4). As três pausas combinadas (0,60 + 0,43 + 0,60 segundos = 1,63 segundos) são quase exatamente iguais às pausas alongadas que vemos quando a mãe está vocalizando para o bebê (1,64), mostradas na linha (2) da Figura 1. Um exemplo ilustra esta situação facilmente:

Mãe: "Você não é minha gracinha?" (1,42 segundos)

Pausa: (0,60 segundo)

Resposta imaginada do bebê: "Sim". (0,43 segundo)

Pausa: (0,60 segundo)

Mãe: "Você com certeza está."

Esta situação é parcialmente o resultado de as mães dirigirem muitas das suas vocalizações aos bebês sob a forma de perguntas onde uma resposta imaginada é facilmente simulada.

Em qualquer caso, o bebê é exposto a um padrão temporal de pausa-explosão vocal da mãe, que fornece "pacotes" vocais mais curtos para processamento; proporciona um período mais longo para processar o pacote; e o expõe ao período de tempo maduro ao qual suas habilidades dialógicas posteriores deverão se conformar. Em outras palavras, ele está sendo ensinado a fazer os turnos de fala exigidos por uma conversação normal. Afinal, você não pode processar informações e enviá-las ao mesmo tempo. Até aí, tudo bem — a mãe parece estar moldando as respostas do bebê na direção exigida mais tarde, quando ele se tornar verdadeiramente verbal. Mas há outro obstáculo ou variante no sistema de conversação vocal mãe-bebê. Quando tentamos replicar as descobertas de Catherine Bateson, mostrando que, aos três meses, mães e bebês já haviam desenvolvido um padrão de movimentos vocalizantes alternados, confirmamos sua descoberta de que isso de fato ocorre às vezes.⁶ No entanto, descobrimos que quanto mais com-

 O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

O padrão de vocalização comum durante a brincadeira era que mãe e bebê se revezavam, mas vocalizavam em uníssono.⁷ Eles pareciam "movidos" para emitir sons juntos. Além disso, esta vocalização em uníssono, ou "coro", como Rudolph Schaffer a chama para uma idade mais avançada,⁸ era mais provável de ocorrer à medida que a interação se tornava mais viva.

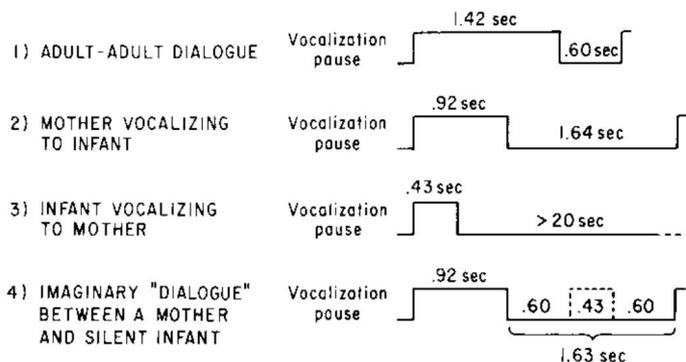


Figura 1. Duração média de uma vocalização e sua posterior pausa em quatro situações dialógicas diferentes.

e envolvente. Parece servir mais como função de vínculo do que de troca de informações.

Assim, mais uma vez com a vocalização, encontramos a mãe e o bebê usando padrões de interação diferentes daqueles usados mais tarde no desenvolvimento. Por parte da mãe, assim como nas expressões faciais, também encontramos alterações e exageros semelhantes no tempo e no grau do mundo de estímulo vocal fornecido ao bebê.

olhar

Também aqui, as "regras" culturais adultas que regulam a forma como as pessoas olham umas para as outras numa interação social vão por água abaixo quando consideramos a forma como as mães olham para os seus bebês. A primeira regra em nossa cultura

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

é que duas pessoas não ficam olhando nos olhos uma da outra (olhar mútuo) por muito tempo. O olhar mútuo é um evento interpessoal potente o que aumenta muito a excitação geral e evoca sentimentos fortes e ações potenciais de algum tipo, dependendo dos interagentes e a situação. Raramente dura mais do que alguns segundos. Na verdade, duas pessoas não se olham nos olhos sem falar por mais de dez segundos, a menos que eles vão brigar ou fazer amor ou já estão. Não é assim com a mãe e o bebê. Eles podem permanecer bloqueados em olhar mútuo por trinta segundos ou mais.

A segunda regra para sair pela janela diz respeito à forma como os adultos coordenam o olhar e a fala. Geralmente (há exceções étnicas), numa conversa o ouvinte olha para o locutor a maior parte do tempo. A Hora. Enquanto isso, o falante geralmente olha para o ouvinte por um momento ou dois quando ele começa a falar. Ele então olha enquanto ele continua falando e apenas volta para o ouvinte rosto com olhares ocasionais (para obter algum feedback). Para o final de seu turno de fala, ele olha novamente para o ouvinte para sinalizar que ele está prestes a terminar e abandonar a palavra. O ex-presidente, agora ouvinte, permanecerá olhando para o rosto do novo locutor.⁹

Durante as interações lúdicas, as mães invariavelmente olham e vocalizam para o bebê simultaneamente. Além disso, gastam mais de 70 % do tempo de brincadeira olhando para seu bebê com uma duração média de olhar de cerca de 20 segundos, o que é extremamente longo. Durante a alimentação as mães também olham para seus bebês cerca de 70% do tempo mas com olhares mais curtos, mais na faixa de cerca de 12 segundos por olhar.¹⁰ Entretanto, durante a alimentação a mãe não olhará e vocalizará para o bebê simultaneamente. Como veremos, esta combinação é um "convite" muito forte para brincar e pode interromper a alimentação. Conseqüentemente, durante a alimentação, se a mãe estiver olhando para o bebê, ela inibirá ativamente a vocalização.

Em comparação com o sistema de sinalização adulto, então, durante a brincadeira, o

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

a mãe olha como se fosse a ouvinte, quando na verdade ela é geralmente quem fala. Durante a alimentação ela parece mais uma falante, mas está quieto. Vale a pena perguntar como é que a criança vai adquirir as formas maduras apropriadas do sistema comunicativo humano quando ele começa a vida exposto a tais variantes daquele sistema.

apresentações faciais e outros movimentos da cabeça

Não há nada como o aparecimento repentino de um rosto para capturar ou reter a atenção. O esconde-esconde, um dos jogos infantis internacionais favoritos de todos os tempos, é obviamente uma repetição de desaparecimentos e reaparecimentos do rosto. Este jogo é o suporte confiável para prenda a atenção e produza deleite. Jogos de esconde-esconde onde o a mãe usa uma tela (um cobertor ou as mãos, digamos) para se esconder e depois mostrar o rosto dela começa para valer por volta do quarto mês ou mais tarde. A criança, é claro, permanece um espectador e a mãe o único jogador até consideravelmente mais tarde. Uma forma anterior de esconde-esconde pode ser jogada sem o uso de telas. Consiste simplesmente de uma série de apresentações da face completa voltada para o bebê, intercaladas com virar a face para o lado ou para baixo, ou puxar o cabeça para trás e, em seguida, representando todo o rosto novamente, aproximadamente à mesma distância da última apresentação. Ao tentar manter a atenção ou gerar prazer, grande parte do movimento da cabeça da mãe está em conformidade com este plano simples. Basta um exemplo comum: o mãe abaixa a cabeça como se olhasse para o chão, revelando ao bebê no topo de sua cabeça e diz algo como “eeeeee-yáh” e traz bruscamente a cabeça de volta para a posição de rosto inteiro no acentuado “yáh”. Ela então abaixa a cabeça novamente para a próxima rodada. Em nesta situação a cabeça não desaparece e reaparece como em mais esconde-esconde formal, mas a apresentação presencial sim. A consistência e frequência deste tipo de sequência são impressionantes e são

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

incorporado em uma grande variedade de atividades sociais que uma mãe envolve bebê. Por exemplo, há a maneira repetitiva com que uma mãe muitas vezes faz uma pergunta: "Você está com fome?" "Você é? Huh?" "Sim eu acho você é." Cada vez que ela verbaliza uma dessas perguntas, ela pode traga a cabeça e o corpo para frente e incline a cabeça para mostrar a ela rosto inteiro enquanto ela fala. Então, entre as perguntas, ela volta e deixa a cabeça cair. Cada questão poderá ser acompanhada de uma apresentação facial distinta e simultânea.

Apresentações faciais repetidas são incorporadas até mesmo em atividades lúdicas aparentemente não relacionadas. Por exemplo, no "vibrar os lábios contra o jogo da barriga do bebê, caracteristicamente após cada investida para a frente para faz cócegas na barriga, a mãe se inclina para trás e se endireita com uma cara apresentação, geralmente uma expressão de falsa surpresa, que pontua cada cócega, antes de mergulhar novamente em direção à barriga. Na verdade, observando o bebê, muitas vezes é difícil dizer qual evento é mais maravilhoso, as cócegas na barriga ou a apresentação animada do rosto que se segue.

Talvez a característica mais crucial deste formato de comportamento materno de retenção de atenção seja que cada apresentação facial em série é acompanhada por alguma exibição facial, uma expressão. Assim, o série quase contínua de sinais exageradamente discretos e pontuados apresentações faciais tornam-se um veículo para a apresentação sequencial de uma variedade de expressões faciais. Essas apresentações faciais diferem daquelas observadas nas interações adulto-adulto, pois têm limites mais discretos, repousos comportamentais ou "silêncios" mais particularmente marcados que os cercam, e são mais lentos e exageradamente executada de modo que cada apresentação separada com seu a exibição fica em maior relevo para o bebê.

No que diz respeito a outros movimentos da cabeça, aplica-se a característica comum de todos os outros comportamentos sociais eliciados pela criança – exagero ou plenitude de exibição. Aplica-se a uma variedade de movimentos da cabeça que acabarão por assumir uma importância significativa: balançar a cabeça

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

para cima e para baixo, cabeça balançando de um lado para o outro, cabeça inclinada de um lado para o outro lado para o outro, e cabeça desviando de proporções muitas vezes teatrais.

proxêmica

Entre adultos e crianças existe uma entidade chamada espaço interpessoal. Para simplificar, cada um de nós anda cercado

por uma “bolha” psicológica, a uma certa distância dos nossos corpos; se a bolha estourou por alguém chegando muito perto, “penetrando”, isso faz com que sintamos desconforto e geralmente nos afastemos.

A distância íntima em nossa cultura é de aproximadamente alguns metros, cara a cara. É claro que existem grandes diferenças individuais e diferenças culturais ainda maiores. No entanto, o fenômeno existe em todas as culturas. Somente no decorrer de uma interação íntima é a violação da distância esperada, aceita e até prazerosa.

A maioria dos adultos, mesmo os completos estranhos, agem como se não houvesse barreira de distância íntima para os bebês, ou para eles próprios com os bebês. Eles não hesitam em correr na primeira reunião para fazer contato nariz com nariz. Muitos adultos, como as tias, que não são apreciados pelas crianças por razões desconhecidas, são frequentemente notórios por este tipo de comportamento. comportamento que viola o espaço, para grande desgosto da criança e de sua mãe. Além disso, geralmente permanecem alheios ao efeito eles acabaram de ter.

Os bebês não gostam de ser invadidos dessa maneira. Lá é uma literatura importante sobre a resposta aversiva do bebê a objetos que se aproximam de seu rosto e muitas evidências sugerem que esta reação é inata, decorrente de reflexos desenvolvidos para a necessidade de sobrevivência de proteção do rosto e dos olhos.¹¹ De qualquer forma, as mães mostram uma consideração um tanto casual por essa reação infantil. Muitos dos apresentações do rosto da mãe, movimentos de cabeça, toques e jogos causar estragos nas respostas iminentes do bebê (que podem muito bem

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

ser considerado um precursor do desenvolvimento de uma barreira de espaço íntimo). Ela pode aproximar-se rapidamente dele para beijá-lo ou fingir que morde seu nariz, depois recuar, muito longe do alcance íntimo, e depois aproximar-se novamente, aproximando-se, mas ao mesmo tempo realizando exhibições faciais e emitindo sons que prendem a atenção. sua atenção visual de modo que a resposta iminente seja inibida ou, pelo menos, não executada. Este desrespeito constante por parte das mães relativamente às convenções espaciais dos adultos pode ser importante na preparação da criança para tolerar, ou ainda mais, para se envolver socialmente dentro de uma distância íntima. Comportamentos afiliativos posteriores, como beijar e aconchegar-se, podem depender parcialmente do resultado bem-sucedido dessas primeiras experiências.

Integração de Comportamentos Separados

Os comportamentos separados descritos acima são geralmente desencadeados juntos em um pacote coordenado. A mãe realiza uma exibição facial, enquanto vocaliza, enquanto olha e dentro da estrutura de um discreto movimento de cabeça-apresentação facial. Para um observador, e talvez para a criança, o evento multimodal é vivenciado como uma unidade comunicativa ou expressiva única. No entanto, cada elemento da sua performance pode ser executado isoladamente, embora raramente o seja. Contudo, para compreender melhor como e em que medida cada elemento comportamental influencia o bebê, seria experimentalmente "limpo" isolar cada elemento ou mesmo apresentar elementos separados recombinados de várias maneiras.

Minhas primeiras tentativas rudimentares de tais experimentos foram um fracasso total — mas instrutivas exatamente por esse motivo. Quando pedimos a uma mãe que realizasse demonstrações faciais típicas quando o bebê não estava olhando para ela, ou que as direcionasse ligeiramente (45 graus) para longe do bebê, a mãe sentiu-se envergonhada ou ridícula e, na maioria das vezes, o resultado foi risada geral das caras engraçadas. Quando pedimos a uma mãe que falasse com o bebê como se estivesse olhando para ele, mas sem realmente

olhando para ele, resultou em uma atuação difícil e afetada. Por último, quando pedimos às mães que olhassem, mas não falassem ou mover seus corpos ou rostos, sempre resultava em mães, bebês ou pesquisadores perturbados.

Abandonamos esta forma de experimento. No entanto, outros em um Os ambientes de laboratório desenvolveram uma variedade de manipulações experimentais dos estímulos separados que uma mãe fornece. Dois serão mencionados, uma vez que eles constroem para um ponto maior. Tronick e seus colegas pediram às mães que alternassem entre atividades normais "vivas" comportamento facial e vocal e ficar inexpressivo e silencioso enquanto olha para o bebê. A principal reação dos bebês foi de angústia e aversão ao rosto inexpressivo.¹² (Antes de o bebê desligar, ele muitas coisas fascinantes para fazer a mãe "se comportar".) Aqui nós posso ver a falta de naturalidade para o bebê, bem como para a mãe de inibir um ou vários elementos particulares da exibição integrada de comportamentos sociais simultâneos.

A outra experiência fascinante é dirigida à questão da se o bebê espera diferentes estímulos emanados do mãe seja integrada de uma forma previsível - quer e quais coisas pertencem de forma confiável no mundo humano. O A questão era: quando é que a voz de uma mãe deveria vir do mesmo lugar ou direção da boca ou rosto da mãe? Através o arranjo inteligente de colocar uma mãe atrás de um isolamento acústico vidro à vista de seu bebê, e fazê-la falar em um microfone conectado a dois alto-falantes de cada lado do bebê, os pesquisadores conseguiram fazer com que a voz dela parecesse vir de qualquer direção até 90 graus de distância de seu rosto em ambos os lados, desequilibrando o volume dos dois alto-falantes. Na época em que os bebês tinham três meses de idade, mas não antes, ficaram muito chateados quando a voz da mãe vinha de qualquer direção mais distante mais de 15 graus da posição do rosto.¹³

Os rostos e suas vozes deveriam andar juntos, ou melhor, vir de

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

o mesmo lugar. Não há dúvida de que existem muitas outras coisas que devemos “caminhar juntos”, o que nós, como adultos, consideramos natural do mundo do comportamento humano – digamos, certas expressões e certos tipos de vocalizações. Na verdade, para os adultos, muitas das nuances de expressão resultam da omissão de uma ou mais elementos de uma constelação de comportamentos que compõem uma exibição antecipada e conhecida. A criança, contudo, deve primeiro adquirir experiência e conhecimento de um repertório básico de demonstrações expressivas. A forma característica de atuação e integração do cuidador os comportamentos separados aceleram o bebê nesse processo.

Durante estes primeiros seis meses de vida, a criança começa a colocar os base de uma de suas áreas de especialização mais desenvolvidas, nomeadamente, “ler” os sinais e expressões dos comportamentos de outras pessoas. Ao final deste curto período de vida ele será capaz de discriminar a maioria das manifestações expressivas humanas básicas. Além disso, ele já conhecerá as convenções e sinais básicos que regulam o fluxo de uma interação vocal.

Por que os bebês provocam esses comportamentos?

Esta questão levanta todas as questões problemáticas de inatismo versus aprendizado. Sempre que vemos um conjunto de comportamentos que provavelmente é usado por todas as sociedades numa situação humana natural particular, e que teve milhares de gerações de história evolutiva para moldar um propósito adaptativo, nos perguntamos até que ponto sua aquisição é construído sobre alguma base biologicamente inata. Nós só podemos nos esgueirar uma resposta provisória. Certamente a visão de um bebê não é um liberador inato no sentido mais estrito que os estudiosos do comportamento animal usam. prazo – que, à primeira vista, um padrão comportamental fixo será quase invariavelmente evocado no adulto. No entanto, às vezes quase parece que caminho. Outros autores (Decarie) notaram como algumas pessoas (geralmente mulheres e meninas) parecem quase irresistivelmente atraídas por carrinhos de bebê

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

no parque ou na calçada. E, uma vez lá, para diversão ou aborrecimento da mãe, enfiam a cara na carruagem e lançar-se em um desempenho completo de atividades sociais provocadas por crianças comportamentos. Ainda assim, permanece o facto de que alguns adultos e alguns pais faça isso muito menos do que outros. Alguns fazem isso apenas com seus próprios filhos, mas raramente com outro. Alguns pais têm um repertório mais completo ou menor desses comportamentos, e alguns mostram graus maiores ou menores de plenitude de exibição do que outros. Alguns podem fazer isso de forma mais completa em um modalidade do que outra, dizem mais em vocalizações, mas menos em fazer caretas. No entanto, apesar desta variabilidade, que é em grande parte uma função de quem é a criança, alguma forma destes comportamentos está presente em quase todas as mães. É um cuidador altamente incomum que sempre se comporta com uma criança como se comportasse com um adulto, e é muito ineficaz e, na verdade, aversivo, como descobriremos.

Muitas vezes falamos vagamente sobre alguém que é “natural” com bebês. É uma impressão que se acumula rapidamente e que geralmente repousa sobre a avaliação de pelo menos três coisas: a extensão do seu repertório de comportamentos sociais induzidos por crianças; a forma de atuação desses comportamentos (riqueza, variedade e plenitude das exibições); e a sutileza do momento desses comportamentos para que sejam mais eficazes.

Nosso termo, “elicitado pela criança”, é complexo. Eu certamente não quero dizer que os comportamentos do cuidador são obrigatoriamente evocados ou que ampla a variabilidade na resposta não é a regra. Quero dizer simplesmente que um forte Existe uma tendência na grande maioria de nós de responder de uma forma bastante estereotípica e previsível.

“bebê”

Há mais de três décadas, Konrad Lorenz sugeriu que se o próprio jovens de qualquer espécie necessitavam de experiência parental especial para lhes proporcionar a socialização necessária à sobrevivência, é melhor que ter algum meio de garantir que esse tipo de comportamento parental ocorresse. A sobrevivência da espécie dependia disso.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Ele sugeriu que um dos meios possíveis seria fazer com que os muito jovens parecessem bastante diferentes dos membros maduros da espécie. As características físicas que distinguiam os jovens dos maduros serviriam como liberadores inatos para comportamentos de cuidado por parte dos pais. Ele foi além, apontando que as diferenças físicas entre jovens e adultos são notavelmente semelhantes na maioria das espécies que requerem comportamentos de cuidado especializados para promover a socialização e, portanto, a sobrevivência (cães, gatos, pássaros, homem).

A constelação de características distintivas dos jovens, que em conjunto ele chamou de "babyness", são: uma cabeça grande em proporção ao tamanho do corpo; testa grande e saliente em relação ao resto do rosto; olhos grandes em relação ao tamanho do rosto; os olhos posicionados abaixo da linha média horizontal da face; e bochechas redondas e salientes.

Tanto Lorenz quanto Eibl-Eibesfeldt comentaram que esses critérios de bebê são essencialmente os mesmos para todas as espécies mencionadas e que isso pode explicar o apelo de fofura ou carinho que a maioria dos animais jovens tem para os humanos. Também pode explicar por que os filhotes de animais podem provocar comportamentos semelhantes aos que reservamos para os bebês humanos. Eibl-Eibesfeldt aponta ainda como o mundo comercial explora o apelo das características do bebê, exagerando em desenhos animados ou cartões postais os olhos grandes ou bochechas redondas para realçar o apelo. Esta observação tem alguma importância clínica porque, desta forma, a sociedade tem alguma margem de manobra para moldar padrões idealizados sobre o aspecto que uma criança atraente deve ter – tal como são moldados os nossos padrões culturais de beleza adulta.

A aparência de uma criança, contudo, certamente não é toda a história do poder de eliciação das crianças. Há também o que o bebê faz com sua configuração de traços físicos, seus movimentos expressivos: os sorrisos especiais, as variedades de brilho nos olhos, a boca aberta com a cabeça jogada para trás e a língua para fora.

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

Este último comportamento, numa série de observações, revelou-se muito mais potente do que o sorriso, ao evocar uma enxurrada de comportamentos sociais de tom positivo por parte das mães. Para experimentar o poder evocativo desse comportamento, peça a alguém que abra bem a boca e mostre a língua enquanto olha para você e levante a cabeça, mas traga-a em sua direção (ou faça isso no espelho para si mesmo). Dependendo de quem vem, evoca emoções diferentes, do sexy ao nojento, mas em qualquer caso é potente. Porém, quando realizado por uma criança, geralmente provoca sensações bastante positivas nas mães.

Em qualquer caso, é tão provável que os comportamentos infantis (anatomia em movimento) como as configurações anatómicas estáticas tenham alguma carga biológica como eliciadores deste subconjunto de comportamentos de que estamos a falar. Muito mais estudos são necessários aqui para saber quanto do poder de eliciação dos bebês é biologicamente predeterminado e quanto é a sua aparência em comparação com o que fazem.

quem realiza esses comportamentos?

A lista de artistas é grande: mães e pais, claro; pais com o primeiro, o próximo e o último filho; avós e bisavós; adultos e adolescentes sem filhos, tanto meninos como meninas; e crianças pré-púberes, meninos e meninas com ou sem irmãos mais novos. Vemos que aprender com experiências anteriores com crianças é relativamente sem importância. Os comportamentos não são domínio exclusivo de um sexo. Não existe um período de desenvolvimento específico ao longo da vida, como da puberdade à menopausa, quando estes comportamentos são desencadeados biológica ou hormonalmente – e fora do qual não podem ocorrer. Ao contrário de algumas espécies animais, onde um tipo de membro da espécie é biologicamente preparado para um determinado período para este propósito, no homem esta habilidade especializada é estendida para incluir quase todos os seus membros, tanto machos como fêmeas, a partir de meados do século XIX.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

passar da infância até a velhice. As implicações deste acordo são que temos enorme flexibilidade (excluindo outras restrições) na institucionalização de qualquer número de agrupamentos sociais para substituir ou, simplesmente e mais comumente, acrescentar ao papel da mãe biológica no fornecimento de estimulação social adequada aos bebês durante os primeiros seis meses de vida. (Mesmo antes do advento garrafa, não havia nenhuma razão imperiosa para que o fornecedor de leite tinha que ser a mesma pessoa que provedora de estímulos sociais, e ela não tem acontecido em todas as sociedades.) A necessidade mínima de aprendizagem ou praticar esses comportamentos nos permite grande parte da flexibilidade impressionante de ter uma variedade tão ampla de membros da sociedade para atrair em qualquer momento e em qualquer circunstância, como fontes adequadas de recursos humanos estimulação social para bebês.

Dito isto, vou complicar o quadro tomando devolver com uma mão parte do que acabou de ser dado com a outra. Envolvem aqui duas questões parcialmente sem resposta: Quando, na infância, as crianças mostram pela primeira vez a capacidade de realizar esses comportamentos? Este subconjunto de comportamentos é mais facilmente elicitável em meninas e mulheres e, em caso afirmativo, porquê?

Começando com a primeira pergunta, Fullard e Rieling tentaram encontrar em que idade as pessoas começaram a *preferir* olhar para o rosto de uma criança como comparado ao rosto de um adulto.¹⁴ Eles fizeram isso mostrando dois slides, um adulto e outro infantil, para homens e mulheres que idades compreendidas entre os sete anos e a idade adulta. Os dois slides (mostrado simultaneamente) incluía rostos de animais adultos e infantis como bem como rostos humanos adultos e infantis. Os assuntos eram simplesmente perguntaram qual dos rostos eles preferiam. Descobriu-se que as meninas começaram a preferir rostos infantis (humanos e animais) a partir dos doze e quatorze anos, e mantiveram essa preferência até o fim. idade adulta. Os meninos começaram a mostrar a mesma mudança de preferência cerca de dois anos depois, mas de forma mais fraca, assim como os homens compararam para mulheres.

O REPERTÓRIO DO CUIDADOR

Como as idades de doze a quatorze anos correspondem aproximadamente ao estabelecimento da puberdade nas meninas, com os meninos amadurecendo cerca de um ano mais tarde, esses estudos sugerem um papel biológico ou, mais especificamente, hormonal para a mudança de preferência. Os autores têm o cuidado de salientamos, no entanto, que uma variedade de fatores sociais que potencialmente influenciam tal preferência entram fortemente em jogo nessas idades.

Até agora não existem estudos definitivos que “perguntem” quando as crianças são capazes de executar alguma versão reconhecível deste subconjunto de comportamentos. Mas muitas evidências anedóticas sugerem que ocorre bem cedo, na meia infância. Um estudo preliminar que que pilotamos sugere que tanto meninos quanto meninas a partir dos seis anos de idade (muito antes de quaisquer questões biológicas da puberdade estarem em jogo) mostram esses comportamentos em relação a bebês humanos vivos e ainda mais cuidar de filhotes vivos. O repertório dessas crianças parece ser relativamente limitado, mas inclui pelo menos aumentar o tom do voz; vocalizações repetitivas; conversa de bebê; olhar prolongado; fazer algumas caretas, incluindo levantar sobrancelhas e lábios salientes; e um variedade de comportamentos de toque, incluindo acariciar, acariciar, acariciar e beijar – muitos dos quais envolvem violar limites de distância íntima com impunidade. É interessante que esses comportamentos infantis não estão necessariamente presentes ou tão marcados nas brincadeiras de boneca, onde na maioria das vezes a maior parte do tempo é gasta em comportamentos parentais orientados para tarefas – alimentar, trocar, dar banho, ensinar-repreender – e não em interações puramente sociais, embora imaginárias, com um parceiro inanimado.

Parece provável, então, que os comportamentos sociais induzidos pelo bebê já façam parte da capacidade comportamental da criança muito antes da puberdade. Se e quando eles optam por usá-los é outra questão. Isto está de acordo com as observações da vida diária de uma criança entre os bosquímanos !Kung do deserto de Kalahari. Naquela sociedade as mães carregam seus bebês em uma tipóia para que o bebê e a mãe têm pouco contato cara a cara ou brincam durante a maior parte do trabalho

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

dia. Mel Konner, que estudou essas pessoas, mencionou que um dos as fontes de estimulação social para o bebê nesta posição vieram de crianças pré-púberes, geralmente meninas, que frequentemente corriam para o bebê tenha uma sessão de trocas rápida e animada, mas insustentável, que incluiu o desempenho de nosso subconjunto comportamental.¹⁵ Acontece ainda que o bebê em sua posição de quadril está posicionado quase exatamente no nível dos olhos dessas crianças pré-púberes - o situação ideal para promover a interação social.

Nossa segunda pergunta não respondida diz respeito a mulheres versus homens. É bastante óbvio que na nossa cultura, apesar das diferenças biológicas, as mulheres parecem ter uma maior prontidão para responder à infância no laboratório e aos bebês na vida diária. Eles também geralmente têm um repertório mais extenso e rico de comportamentos sociais induzidos pelos bebês e são menos inibidos em manifestar esse subconjunto. Não sabemos se diferentes condições de aprendizagem, modelagem e sociais equalizariam ou reverteriam esta situação. Não documentado a sociedade ainda tentou.

Em resumo, o quadro é o seguinte: As variações nos comportamentos sociais dirigidos pelos pares que chamo de comportamentos sociais eliciados pelo bebê já estão presentes na segunda infância e podem ser realizados por meninos e meninas por volta dos seis anos de idade. No entanto, só quando as mudanças biológicas e sociais da puberdade se instalam é que há uma preferência ou talvez um "empurrão" para escolher e muitas vezes procurar bebês para provocar esses comportamentos especiais. Assim, no momento em que a paternidade se torna biologicamente possível, o repertório comportamental apropriado que esteve presente, mas parcialmente adormecido, recebe o precisava de impulso. Os fatores culturais que fortalecem as mulheres a utilização e o desempenho desses comportamentos são tão variados e difundidos nesta sociedade que tem sido impossível isolar qualquer fatores biológicos definidos que levam a um comportamento diferencial.

Em qualquer caso, homens, crianças e todos os adultos que já passaram da idade de criar os filhos estão disponíveis como cuidadores secundários e potencialmente primários se

um grupo ou sociedade assim o escolhe sob pressão de sobrevivência ou por outras razões.

um problema clínico

Como novos pais, estamos biologicamente (e culturalmente) predispostos a responder ao recém-nascido normal, à sua configuração facial e aos seus comportamentos. Mas suponha que o que vemos não é o que esperávamos. Suponha que o bebê nasça com alguma deformidade na cabeça, face, olhos ou boca que perturbe "a" configuração. Os pais muitas vezes experimentam uma interrupção ou inibição parcial em "sair" totalmente com o filho. Algo semelhante pode acontecer de uma forma muito mais comum e branda. Suponhamos que o recém-nascido seja simplesmente feio comparado ao padrão esperado. O que constitui "feiúra" em um bebê é qualquer coisa que seja discrepante com a qualidade de bebê idealizada: sobrançelha baixa (a testa grande e saliente não está presente), olhos pequenos e assim por diante. Estas realidades não são triviais para os pais e podem doer. A boa aparência e a feiúra são assuntos parcialmente tabu, mas são capazes de causar dor aos pais. Na maioria das vezes, a questão nunca é mencionada ou é ridicularizada e apenas causa um impedimento temporário para amar plenamente a criança logo de cara. A enfermeira ou o médico sensível está ciente desses sentimentos e muitas vezes lida com eles com facilidade, para alívio dos pais.

Um outro olhar sobre a nossa história evolutiva pode novamente revelar-se útil, ou pelo menos provocativo. A maioria das mães animais, incluindo aquelas que são mães excelentes segundo seus próprios critérios, estão biologicamente preparadas para fornecer cuidados maternos aos seus recém-nascidos. No entanto, inibirão os seus comportamentos maternos (ou instinto, se preferir) e deixarão morrer qualquer descendência que não pareça suficientemente normal. Comportamento semelhante também foi relatado em várias sociedades chamadas primitivas. A vantagem para a sobrevivência da espécie é clara, apesar da aversão que tais acontecimentos evocam em nós.

Fizemos esta viagem desagradável apenas para nos perguntarmos se o

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

vemos mães que se deparam com um bebê deformado em alguns, mesmo que menores, não são vítimas involuntárias de uma inibição involuntária de seu cuidado. Uma inibição, ainda que pequena e temporária, da qual são legados involuntários da evolução. Quaisquer que sejam as razões, estas realidades e sentimentos são reais e dignos de serem observados. maior atenção.

Até agora, neste capítulo, examinamos os comportamentos sociais induzidos pelos bebês e seguimos vários caminhos secundários através de questões sobre sua natureza, possível origem e desenvolvimento em diferentes pessoas. Voltamos agora à razão central para nos concentrarmos neles para começar. Esses comportamentos são as ferramentas mais cruciais da mãe para regular seu metade da interação com o bebê. Por regular, quero dizer começar iniciar, manter e modular, e encerrar uma interação, como bem como reajustar constantemente o nível de atenção, excitação e e tom emocional. A maneira como ela sequencia e cronometra seus comportamentos para criar diferentes andamentos, temas e variações de temas irá melhorar a compreensão da criança sobre a comunicação humana e expressividade emocional.

Antes de estudar estas questões, no entanto, devemos primeiro nos voltar para o bebê e examinar seu repertório de comportamentos. Afinal, estamos falando de uma interação entre duas pessoas, que só é compreensível como uma relação diádica.

3

O repertório do bebê

A criança vem ao mundo trazendo capacidades formidáveis para estabelecer relacionamentos humanos. Imediatamente ele é um parceiro na formação de seus primeiros e principais relacionamentos. Seu social o equipamento, embora extraordinário, é obviamente imaturo. No entanto, a noção de imaturidade carrega algum excesso de bagagem que entra nosso caminho. O rótulo de “imaturo” não pode ser um sinal verde para rejeitar um comportamento até que chegue sua versão mais madura; nem pode ser um convite para nos concentrarmos no próprio processo de desenvolvimento – aquela misteriosa série de transformações em direção à maturidade. Em última análise, qualquer ser humano ser é simplesmente o que ele é no momento em que o encontramos. Os comportamentos de uma criança de três meses são totalmente maduros e realizados comportamentos de três meses de idade. O mesmo acontece aos dois anos, dez anos, 21 anos. Você pode traçar o limite onde desejar, dependendo de quais capacidades humanas são de particular interesse ou sob escrutínio.

Ao assumir esta posição relativista não pretendo minimizar o realidade contundente de desenvolvimento e crescimento. Mas onde a interação entre duas pessoas, e como ela funciona e se encaixa, é de importância primária interesse, o grau de maturidade da contribuição de cada parceiro para a interação se torna uma questão secundária. Ainda mais importante, embora uma mãe entenda bem, intelectualmente, que seu filho é

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

imatura, e muitas vezes reza para que ele cresça mais rápido, ela não pode entrar em um relacionamento totalmente espontâneo com ele, a menos que tudo isso seja colocado de lado emocionalmente. Como qualquer outra pessoa importante em sua vida, ele é o que ele é, interagindo com o que tem, no momento em que é encontrado.

Quais são então as “ferramentas” sociais da criança, as capacidades perceptivas e motoras que a conduzem e lhe permitem envolver-se em intercâmbios sociais? Minha lista não será abrangente e não catalogará tudo o que uma criança pode fazer e perceber. Em vez disso, irá enfatizar apenas aqueles eventos que influenciam o estabelecimento do relacionamento humano, da comunicação e das trocas emocionais durante as interações sociais nos primeiros seis meses de vida, quando o bebê está tão agudamente focado no mundo de estímulos humanos que seu cuidador principal fornece.

Olhar

o que é interessante para uma criança olhar?

Foi há pouco mais de uma década que a importância do olhar como um comportamento social e de vínculo fundamental começou a ser apreciado. No nascimento, o sistema visual motor (olhar e ver) entra imediatamente em operação. O recém-nascido não só vê, mas chega com reflexos que lhe permitem seguir e fixar-se em um objeto. Sem qualquer experiência anterior, ele pode seguir um objeto em movimento com os olhos e a cabeça e pode fixar o olhar nele. Isto é facilmente demonstrado na maioria dos recém-nascidos alertas. Muitos deles, poucos minutos após o nascimento, seguirão alertamente com os olhos e a cabeça um objeto passou por seu campo visual. Nenhum aprendizado é necessário. Mas o que eles veem? Há uma diferença muito importante entre olhar e ver, como existe entre ouvir e ouvir.

O recém-nascido é imediatamente inundado por um mundo caótico e avassalador? Um mundo onde há luz e escuridão e ângulos

e linhas e padrões, mas nenhum objeto significativo, não há como saber onde uma coisa termina e outra começa, não há como distinguir o humano do inanimado. Tal "mundo" pode existir. Em

Na década de 1920, o cirurgião M. von Senden apresentou algumas descobertas fascinantes. Von Senden teve a rara oportunidade de remover cirurgicamente catarata dos olhos de adultos cegos desde então.

nascimento por causa deles, mas que, de outra forma, tinham uma visão visual perfeitamente boa sistemas. Os resultados foram surpreendentes. Os pacientes receberam visão pela primeira vez, mas não conseguia ver. A maioria deles "viu" muito bem mas achei o mundo visual confuso, sem sentido e doloroso experiência sensorial. Muitos desejavam ficar cegos novamente. Só lentamente o fiz os objetos no mundo visual começam a se conformar e, ao mesmo tempo, alteração do tempo, suas concepções anteriores, esquemas que foram construídos com seus outros sentidos ao longo dos anos de cegueira. Um "ajuste" confortável veio gradualmente.¹

Por que não é assim com o recém-nascido? Em primeiro lugar, e mais obviamente, o bebê não chega à vida com noções pré-formadas de os objetos do mundo. É tudo novo. Não há preconceitos ou sistemas de coisas estabelecidos que possam colidir com suas sensações visuais. Assim, não pode haver confusão no sentido de discrepâncias desorientadoras ou reavaliações dolorosas. Ele é dotado da tendência procurar estímulo - e ele está organizado de modo que tenderá a ordenar suas experiências em progressivamente maiores, mais complexas e hierarquias mais abrangentes. Essa é a sua natureza. Enquanto o os estímulos não o sobrecarregam, ele realiza sua importante tarefa com intensidade e prazer. Então, em vez de ter que reorganizar seu mundo objetual como fizeram os pacientes de von Senden, ele tem a tarefa mais extraordinária, embora menos onerosa, de ter que criar de novo todo o mundo objetual. Cada criança tem que criar imagens dentro de sua própria mente do mundo dos objetos e das pessoas.

Isto pode soar como a visão agora descartada de que a criança chega ao mundo como uma página em branco na qual sua experiência pode escrever.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

ências com a vida. Esta não é a minha opinião nem o caso. A criança chega com uma série de predileções perceptivas inatamente determinadas, padrões motores, tendências cognitivas ou de pensamento e habilidades de expressividade emocional e talvez de reconhecimento. No entanto, para a linha de investigação que estamos agora a seguir, nenhuma destas "ordenações" inatas do mundo é de especificidade ou fixidez suficiente para fazer o recém-nascido encontrar a dissonância ou confusão descrita no

pacientes recém-observados.

O bebê pode facilmente ser sobrecarregado por estimulação excessiva. No entanto, ele é "projetado" para ocupar um nicho na natureza com sua mãe, o que tende a encontrar um equilíbrio entre protegê-lo de estímulos excessivos e, ao mesmo tempo, garantir sua exposição a estímulos suficientes do mundo visual. Uma das primeiras "características de design" que garantem esse equilíbrio é que a criança só consegue focar bem em objetos a cerca de 20 centímetros de distância. Ele não consegue ver claramente objetos muito mais distantes ou muito mais próximos. Eles ficam fora de foco e provavelmente ficam confusos. Assim, imediatamente, o mundo visual nítido do recém-nascido fica restrito a um perímetro de cerca de 20 centímetros. Uma luz forte vinda de uma boa distância faz com que o bebê se vire, mas ele geralmente não será afetado pela maioria dos outros eventos visuais fora dessa faixa de foco.

Durante as primeiras semanas após o nascimento, a maior parte do tempo de alerta do bebê é gasto durante a alimentação e um pouco menos na troca de fraldas ou no banho. O que ele verá? Acontece que quando o bebê está na posição normal de amamentação ou mamadeira, seus olhos ficam quase exatamente 20 centímetros dos olhos da mãe (se ela estiver de frente para ele).² Descobrimos que, durante a alimentação, as mães gastam cerca de 70 por cento do tempo encarando e olhando para seus bebês. Conseqüentemente, o que ele tem maior probabilidade de olhar e ver é o rosto de sua mãe, especialmente os olhos dela. (Várias teorias anteriores presumiam que o primeiro e mais importante objeto que o bebê vê é o seio. Isso certamente não é correto, pois durante a amamentação o seio está muito próximo para ser observado.

cus.) Assim, o arranjo da anatomia, o posicionamento normal e a competência visual ditados pelo design natural apontam para o rosto da mãe como um ponto focal inicial de importância para a construção inicial do mundo visual saliente do bebê, e um ponto de partida para a formação de seu relacionamento humano inicial.

Uma segunda linha de evidência também indica a importância do olhar no relacionamento humano inicial. Ahrens e Spitz observaram que bebês de cerca de três meses demonstravam mais interesse e sorriam mais para os rostos apresentados a eles de frente, em comparação com perfis ou com outros objetos.³ A essência dessas observações foi destilada no experimento a seguir. Os bebês foram apresentados a desenhos de diversas formas, incluindo rostos e outros objetos. Eles pareciam preferir uma linha bidimensional simples para desenhar um rosto. Além disso, as características faciais cruciais que explicavam a preferência eram dois pontos grandes, semelhantes a olhos, colocados corretamente dentro de um oval maior. Estas descobertas sugeriram a muitos investigadores que a criança nasceu com uma preferência inata pelo rosto humano – ou pelo menos algumas das suas características.

Uma predileção inata por uma configuração visual específica não é pouca coisa. Implica que algum esquema ou "imagem" de um rosto humano está codificado nos nossos genes, reflectido nos nossos sistemas nervosos e, em última análise, expressa-se no nosso comportamento sem quaisquer experiências prévias de aprendizagem específicas. Foi lançada uma controvérsia produtiva, e a questão em jogo resumia-se a esta questão: era a configuração específica do rosto, a gestalt facial, que era tão interessante para as crianças, ou era qualquer estímulo visual do mesmo tamanho contendo o mesmo quantidade de angularidade, contraste de luz e sombra, complexidade do padrão, curvilínea e assim por diante. Através do engenhoso trabalho inicial de Fantz e outros, tornou-se possível descobrir exatamente o que as crianças eram atraídas a olhar.⁴

Durante algum tempo, algumas experiências inclinaram-se para um lado desta controvérsia natureza versus criação, e outras inclinaram-se para o lado oposto. O

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

estudos de Freedman, Haaf e Bell resolveram o problema controlando cuidadosamente os vários elementos separados do estímulo, como complexidade e contraste de tonalidade.⁵ Eles descobriram que o que o bebê preferia não era a configuração do rosto em si, mas sim qualquer estímulo visual. que continha certas qualidades e quantidades dos elementos de estímulo mencionados, quer essa combinação de elementos viesse ou não na configuração de um rosto ou de outra coisa. De um ponto de vista, a distinção é bastante importante devido às suas implicações. Na prática, porém, a distinção é discutível: de todos os objetos visuais no universo que uma criança média provavelmente encontrará no “ambiente médio esperado”, o rosto humano chega o mais perto que qualquer coisa chegará de fornecer exatamente a imagem. combinação certa de elementos de estímulo cativantes. Além disso, o seu interesse especial baseia-se numa base biológica, em virtude da tendência inata da criança para certos tipos e quantidades de estimulação.

A situação é algo como inatismo “uma vez removido”. Outros estudos demonstraram que os ângulos agudos proporcionados pelos cantos dos olhos, bem como o contraste claro-escuro da pupila e do branco dos olhos (esclera) e das sobrancelhas e da pele são especialmente fascinantes para o bebê. Desde o início, portanto, o bebê é “projetado” para achar o rosto humano fascinante, e a mãe é levada a atrair tanto interesse quanto possível para seu rosto já “interessante”.

uma mudança no olhar

Em algum momento por volta da sexta semana, o sistema motor visual do bebê atinge um marco de desenvolvimento que muitas vezes catapulta a interação social com a mãe para um novo nível. O que acontece é sutil. O bebê simplesmente se torna capaz de fixar visualmente os olhos da mãe e manter a fixação ampliando e iluminando os olhos.⁶ Quanto à mãe, ela experimenta pela primeira vez a impressão muito certa de que o bebê está realmente olhando para *ela*, ainda mais, nos olhos dela. O efeito disso pode ser dramático. O

O REPERTÓRIO DO INFANTIL

a mãe pode sentir que ela e o bebê estão finalmente "conectados". Talvez pela primeira vez, ou pelo menos de forma mais completa do que antes, a mãe sente que o bebê é um ser humano totalmente responsivo sendo e eles estão envolvidos em um relacionamento real. Na maioria das vezes, as mães não conseguem identificar a mudança. Na melhor das hipóteses, os mais observadores dizem que a criança olha para ela de forma diferente. De qualquer forma, começando por este Nessa altura, o comportamento da mãe torna-se marcadamente mais social — vocalmente, facialmente e em todas as outras formas mencionadas anteriormente. As interações de jogo verdadeiramente sociais envolvendo ambos os parceiros agora começam para valer.

consequências da maturação precoce do olhar

No final do terceiro mês, outro marco de desenvolvimento é alcançado. O sistema visual motor tornou-se essencialmente maduro. Em primeiro lugar, o seu mundo visual já não se limita a um ecrã de oito polegadas. "bolha." A distância focal do bebê tem um alcance quase tão extenso como adultos. O bebê pode acompanhar a mãe quando ela sai, se aproxima, e se move pela sala. Sua rede comunicativa é, portanto, vastamente ampliado.

Há outros aspectos marcantes dessa precocidade. Para apreciá-los plenamente, é necessário rever brevemente o que está envolvido olhar ou o funcionamento do sistema motor visual. Olhar envolve duas coisas bem diferentes: a visão, um dos sentidos; e um ato motor, movimento dos olhos e geralmente também da cabeça, para perseguir ou segure o alvo visual. Essas duas funções trabalhando juntas fornecem percepção visual com um recurso único. Você pode virar a visão ligado ou desligado à vontade. Fechando os olhos, ou simplesmente virando os olhos para longe ou para baixo, o objeto alvo desaparece. Também pode ser feito "reaparecer." Em comparação, as orelhas não têm pálpebras, e o desligamento o som não é tão simples quanto ligar ou desligar a visão. Então, claramente, o olhar tem uma característica incomum como modo de lidar com o mundo externo.

No final do terceiro mês, o bebê está quase tão bem quanto um adulto movendo rapidamente os olhos para perseguir um objeto ou segurar

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

uma fixação, e ele é igualmente capaz de acomodar rapidamente os olhos para focar os objetos. Este marco de desenvolvimento é extraordinário quando contrastado com a imaturidade da maioria dos seus outros sistemas de comunicação e de regulação do contacto interpessoal, por exemplo, a fala, os gestos, a locomoção, a manipulação de objectos. (O controle do bebê sobre dois outros sistemas motores já está bastante maduro neste ponto: sucção e movimentos da cabeça.

Consideraremos os movimentos da cabeça abaixo, mas a sucção em si nunca atinge um status pleno ou duradouro como sistema comunicativo.)

Os caprichos do calendário de desenvolvimento do homem, que ordena a maturação precoce do sistema visual motor, resultam numa situação surpreendente. A interação do olhar diádico entre mãe e bebê envolve a interação entre dois humanos com controle essencialmente igual e uso da mesma modalidade. É importante lembrar que um dos membros da dupla tem apenas 3 a 4 meses. Não é de admirar que os primeiros comportamentos de observação tenham atraído cada vez mais atenção.

No final do terceiro mês, o controle motor maduro da direção do olhar do bebê dá-lhe essencialmente controle completo sobre o que verá. Sua entrada perceptual depende em grande parte de sua própria escolha. Ele pode vetar, censurar ou ajustar a quantidade e o tipo de estimulação visual que recebe do que está disponível no mundo exterior.

Quando o estímulo externo é outro ser humano, o bebê está em posição de ajudar a regular o grau ou nível de relacionamento e de influenciar o fluxo de comportamentos interpessoais. Ele se torna um verdadeiro parceiro.

a mudança para objetos

Perto do final do primeiro semestre de vida, o caso de amor do bebê com o rosto, a voz e o toque humanos é parcialmente substituído por um interesse intenso em objetos para alcançar, agarrar e manipular.

Esta mudança de interesse é possível graças ao último desenvolvimento

O REPERTÓRIO DO INFANTIL

marco que nos interessará aqui: a coordenação olho-mão do bebê, que já atingiu a maioridade.

Quando isso acontece, a interação mãe-bebê torna-se bastante diferente. Suas interações lúdicas tornam-se mais um caso triádico entre mãe, bebê e objeto. Diferentes comportamentos com objetivos diferentes surgem. O cuidador humano está agora no asas, em vez de estar no centro da atenção do bebê durante as sessões de jogo com objetos que agora dominam seu dia alerta. Presumivelmente, o "trabalho" de desenvolvimento realizado durante o fase anterior – aprender os fundamentos da natureza das coisas humanas – está praticamente terminado, e a próxima fase de aprendizagem da natureza do objeto as coisas são introduzidas. O cuidador permanece essencial, é claro, também durante esta fase, mas não na mesma capacidade.

comportamentos da cabeça

A maneira como uma cabeça é segurada ou posicionada ou como ela é movida podem ser sinais sociais potentes entre os adultos. O mesmo não é menos verdadeiro para os bebês. EU mencionado antes, que o controle motor da cabeça amadurece aproximadamente em sintonia com a maturação precoce do sistema visual motor. É quase impossível considerar os comportamentos do olhar sem considerar ao mesmo tempo os movimentos da cabeça (diferentes dos movimentos dos olhos). A cabeça e os olhos geralmente se movem juntos, mas nem sempre e nem sempre no mesmo grau. Movimentos da cabeça e olhar os turnos são geralmente coordenados, embora cada um adicione uma mudança separada e impacto comunicativo diferente aos comportamentos realizados em conjunto. Ao considerar esses comportamentos coordenados, é necessário manter em mente duas experiências diferentes: a criança como performer e a cuidador como receptor.

Começando pelo lado do bebê, existem três posições principais da cabeça – direções do olhar em relação ao rosto da mãe.⁷ No centro posição em que o bebê está olhando para o rosto da mãe e seu rosto está voltado para

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

diretamente de frente para ela ou apenas ligeiramente virado para os lados. O bebê vê a mãe com visão foveal. A fóvea é aquela função parte central da retina, onde a percepção de forma e padrão são possíveis, e o bebê vê assim a configuração exata das características faciais apresentadas pela mãe. A próxima posição é a periférica. A criança não está olhando diretamente para a mãe, mas pode “vê-la” pelo “canto” do olho. Sua cabeça está virada de 15 graus a quase 90 graus para longe da mãe. Ele não tem mais visão foveal e não consegue distinguir a configuração de suas características faciais, mas ele tem visão periférica de seu rosto. A percepção da forma é perdida, mas a percepção do movimento, da velocidade e da direção é mantida. Portanto, nesta posição muito comum, a criança pode monitorar os movimentos da cabeça da mãe e as mudanças em sua expressão facial. Estes também envolvem movimento - embora a qualidade qualitativa a natureza da alteração facial pode ser perdida. Assim, ele não perdeu contato e pode perceber e reagir a ela.⁸ A terceira posição é total perda de contato visual. Isto geralmente é conseguido virando a cabeça do bebê mais de 90 graus ou abaixando-a, ou alguma combinação de ambos. Nesta posição, a percepção da forma e a percepção do movimento são perdidas.

Estas três posições principais podem ser divididas em gradações mais sutis, mas o ponto central é que em cada posição diferente o bebê tem uma experiência sensorial (visual) e motora (posição da cabeça) diferente da do cuidador. Assim, cada posição proporciona ao bebê uma “experiência” sensorio-motora diferente de estar com seu mãe que está sob seu controle.

Do lado da mãe, a natureza e o grau da criança a direção do olhar e o giro da cabeça são de grande importância como sinal. Primeiro, há a questão vital de saber se o bebê está ou não olhando nos olhos da mãe. Se o bebê estiver e também estiver diretamente de frente para ela, isso é uma coisa. Se, no entanto, ele estiver olhando para ela, mas tiver virado a cabeça afaste-se um pouco, digamos 10-15 graus, isso é outro assunto. Olhando

“lateralmente” tem o caráter de um sinal equívoco ou ambivalente. Isto contém os componentes contraditórios do contato com os olhos e aversão ou fuga com a cabeça. Com bebês menores de seis meses (em comparação com os adultos), é uma posição instável que rapidamente se resolve de uma forma ou de outra, ficando totalmente voltado com contato visual ou ainda mais aversão à cabeça com perda de contato visual.

Virar a cabeça para o lado é quase invariavelmente interpretado como um sinal de aversão ou fuga. (Depois encontraremos um exceção ou variante notável onde é um convite alegre para o mãe para perseguir.) Em qualquer caso, a aversão ao rosto pode ser considerada parte de um padrão de evitação inato que o recém-nascido mostra quando um objeto se aproxima de seu rosto. A aversão facial com a qual estamos lidando aqui está um avatar posterior desse reflexo transformado em uma função social. A função de sinal que tal padrão desempenha depende de sua plenitude de display que, neste caso, é facilmente medido em grau e velocidade de aversão. Quanto mais e mais rápido o bebê desviar o rosto, mais a mãe presumirá que ele não gosta de alguma coisa. Isso se aplica a um estímulo visual, como o rosto dela, bem como uma colher de algum odiava comida.

As aversões ao olhar e ao rosto envolvidas no monitoramento periférico não são ações de evitação completa ou fuga. Eles são semelhantes a “movimentos intencionais” que refletem e sinalizam o estado motivacional interno do bebê e ainda permitem que ele veja e reaja ao movimentos da mãe, mantendo assim o comércio interativo com dela. O padrão de voo completo envolveria um desvio completo com perda de todo contato visual. Isso geralmente marca o término do episódio interativo ou período de jogo.

Abaixar a cabeça é outro comportamento de evitação eficaz. Parece para alcançar um corte mais definitivo, embora temporário, da interação do que enfrenta a aversão ao lado. Esta ação imediatamente quebra todo contato visual enquanto as aversões laterais mantêm o monitoramento periférico. Abaixar a cabeça é uma área promissora para maior re-

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

procurar. Quão cedo, por exemplo, o abaixamento da cabeça evolui para formas de rendição, desistência, aprovação e coisas assim? Nós certamente muitas vezes vemos bebês abaixarem a cabeça e ficarem moles depois de desistiram de lutar contra a superestimulação.

Já vimos que alguns movimentos da cabeça do bebê aparecem pertencer a padrões de abordagem. Trazer a cabeça para frente, especialmente enquanto inclina o rosto para cima, é extremamente atraente para as mães. e é invariavelmente interpretado como um ato de aproximação afetivamente positivo.

Já do terceiro ao quarto mês de vida, portanto, o bebê é capaz de apresentar claramente comportamentos cerebrais mistos ou ambivalentes: ele retira, por assim dizer, um elemento de um padrão motivacional e outro. elemento de um segundo e conflitante padrão, para produzir um comportamento conglomerado com um terceiro e separado significado próprio. Por exemplo, quando uma criança desvia o olhar e desvia seu rosto parcialmente (digamos 45 graus), mas levanta a cabeça e inclina o rosto acima, geralmente é tratado pela mãe como uma ação de contenção. O a mãe continua atuando e tentando chamar a atenção total do bebê, interpretando seu comportamento quase como um convite para maiores esforços da parte dela. Se, por outro lado, uma criança desvia o olhar e desvia seu rosto exatamente da mesma maneira, mas abaixa em vez de levantar o cabeça e rosto, é geralmente interpretado como um corte temporário. O a mãe vai parar de se apresentar e retomar somente depois de trocá-la estratégia de abordagem.

Expressões Faciais

Charles Darwin foi um dos primeiros observadores de animais a reconhecer que a sobrevivência de espécies altamente sociais poderia depender tanto na sua capacidade de comunicar uns com os outros, bem como no seu equipamento anatômico para lutar ou fugir. Como ele também foi o primeiro ver claramente a relação evolutiva do homem com outros animais sociais

No entanto, ele concluiu que o homem também precisava estar equipado com a capacidade de enviar e receber sinais sociais importantes relacionados à sobrevivência. Isto foi então apenas um pequeno salto perguntar como o homem adquiriu esses sinais expressivos específicos da espécie. Esses comportamentos eram inatos e faziam parte do processo evolutivo como eram características anatômicas, ou eram tudo aprendido? Esta questão levou Darwin à visão de longo alcance que a observação do comportamento expressivo do recém-nascido humano forneceu uma janela para o que era inato no homem. Charlesworth e Kreutzer resumiu lindamente as descobertas de Darwin, bem como os cem anos de pesquisa nesta área que se seguiram ao seu livro inovador, mas até recentemente negligenciado.⁹ Eles concluem que as descobertas essenciais de Darwin se sustentam notavelmente bem. Especificamente, Darwin concluiu que as expressões faciais dos emoções de prazer, desprazer, raiva, medo, alegria, tristeza e nojo estavam presentes no nascimento ou, quando apareceram alguns meses depois, refletiu o desdobramento de tendências inatas que foram pouco influenciado pela socialização. Ele estava menos certo sobre o papel de socialização para as emoções mais complexas.

Observadores mais recentes ficaram impressionados com o grande número de expressões faciais que os recém-nascidos podem fazer e que parecem ser idênticas às expressões vistas nos rostos dos adultos, expressões como como intenso interesse visual; astúcia e sabedoria; humor irônico; contorções complicadas de nojo ou rejeição; carrancas interrogativas e sorrisos serenos. Deve-se ressaltar, entretanto, que ninguém sugere que com tais expressões o recém-nascido experimenta qualquer coisa, muito menos sentimentos internos comparáveis aos geralmente associados com as expressões em adultos.

Embora estas primeiras expressões, que são certamente reflexivas, exigem estudo e categorização muito mais rigorosos, mas a sua mera presença é provocativa. Primeiro, no que diz respeito ao "inato", a presença destas expressões fornece fortes evidências para a noção de que a criança nasce com um grau surpreendente de

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

maturidade neuromuscular e, além disso, que o movimento de os músculos faciais são parcialmente integrados no nascimento em configurações reconhecíveis que mais tarde na vida se tornarão sinais sociais significativos.

A segunda questão relativa a essas expressões precoces diz respeito às diferenças individuais entre os recém-nascidos. Quaisquer diferenças individuais na integração neuromuscular facial desde o início pode ajudar carimbar a natureza dos relacionamentos subsequentes. Um estudo singular traz sobre este ponto.¹⁰ Bennett observava cuidadosamente as atividades matinais rotineiras das enfermeiras do berçário de recém-nascidos e seus responsáveis. Ele notou que a maioria dos bebês foi rapidamente digitada pelas enfermeiras, que rápida e unanimemente apelidou uma criança de menino amante, safada, mas adorável, e outra como uma "garota simples e legal, nada sexy ou paquerador", e assim por diante. A natureza da interação dos enfermeiros com cada criança era fortemente influenciada pela forma como via sua personalidade.

Mesmo que estas observações sejam um simples caso de "adulthoodização" por parte dos enfermeiros (um acontecimento importante por si só porque é tão onipresente), as fantasias das enfermeiras não são tecidas a partir de um todo pano. Quais são as pistas individuais que fornecem as sementes do fantasias? Bennett comenta sobre as diferenças em cada bebê relacionadas a ritmos de vigília, excitação e alerta. Ele também enfatizou a atenção às diferenças na expressão facial durante o estado de alerta como uma dica importante para esse tipo comum de tipagem inicial de personalidade.

o sorriso

Durante as duas primeiras semanas de vida, sorrisos são vistos durante os sonhos sono (também chamado de movimento ocular irregular ou rápido - sono REM) e durante a sonolência. Eles raramente são vistos quando o bebê está acordado e alerta com os olhos abertos. Alguns desses sorrisos são fugazes, alguns prolongados, alguns são assimétricos e de aparência bastante irônica, onde apenas um canto da boca sobe, e outros são beatífico. Eles parecem não ter nenhuma relação com nada que esteja acontecendo

no mundo externo e são apenas o reflexo de ciclos de excitação neurofisiológica e descargas dentro do cérebro, não relacionadas a bolhas de gás ou qualquer outra parte do corpo, exceto o cérebro atividade intrínseca. Tem sido chamado de sorriso endógeno por causa sua origem interna e sua não relação com nada externo.¹¹ Eles também foram chamados de reflexivos.

Em algum momento entre seis semanas e três meses, dependendo Após o estudo, o sorriso torna-se exógeno, provocado por eventos externos. Diferentes imagens e sons agora provocarão um sorriso de forma confiável. Contudo, entre todos os estímulos externos, mais uma vez, são os estímulos de um rosto humano, o olhar humano, uma voz estridente e cócegas que são agora os indutores mais previsíveis do sorriso. Assim, em tornando-se exógeno, o sorriso torna-se predominantemente um fator social sorriso. Ainda assim a morfologia do sorriso não muda, embora o que desencadeia isso.

A partir do terceiro mês, o sorriso dá outro salto de desenvolvimento e se torna um comportamento instrumental. Por instrumental queremos dizer simplesmente que a criança irá agora produzir o sorriso para obter uma resposta de alguém, como um sorriso de retorno da mãe ou uma palavra dela. O sorriso em si, no entanto, ainda parece o mesmo.

O último avanço no desenvolvimento é que por volta do quarto mês o sorriso passa a ter um desempenho suficientemente suave e coordenado para que possa começar a ser executado simultaneamente junto com uma parte ou partes de outras expressões faciais; surgem expressões mais complexas, como um sorriso realizado com leve franzido. Mais estudo é necessário aqui para determinar quando expressões de diferentes padrões motivacionais começam a se integrar para formar padrões mais complexos e muitas vezes expressões ambivalentes.

Esses estágios no desenvolvimento do sorriso seriam impossíveis sem os avanços paralelos nas habilidades perceptivas e cognitivas do bebê, que permitem que o mesmo velho sorriso apareça sob diferentes condições.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

condições ambientais, em resposta a diferentes estímulos, e a serviço de funções diferentes.

Por que acreditamos que estas transformações são em grande parte o desdobramento de tendências inatas? A notável semelhança no curso e horários para bebês criados em ambientes e ambientes muito diferentes. condições sociais dão algum peso ao argumento. Ainda mais convincentes são os estudos de crianças cegas que não tiveram nenhuma visão oportunidade de ver ou imitar sorrisos ou receber reforço visual ou feedback para seus sorrisos. Até quatro a seis meses seus sorrisos são relativamente normal em comparação com crianças que enxergam e seguem o mesmo estágios de desenvolvimento e cronograma. Contudo, começando por volta Do quarto ao sexto mês, as crianças cegas começam a apresentar um enfraquecimento ou silenciamento da expressividade facial em geral, de modo que a exibição dos seus sorrisos é menos deslumbrante e cativante. Isso sugere que após uma época inicial de desenvolvimento de tendências inatas (sob o impacto de experiências médias), algum feedback ou reforço visual parece ser necessário para manter a gama mais completa de exibição do comportamento do sorriso.

Para resumir esta história de desenvolvimento: o sorriso passa de uma atividade reflexiva (desencadeada internamente) a uma resposta social (elicitada externamente por estímulos humanos e outros) a um comportamento instrumental (produzido para provocar respostas sociais de outros) a um comportamento suficientemente coordenado para combinar com outras expressões faciais. Este curso geral, embora provavelmente o mais comum para expressões faciais, certamente não é o mesmo para todos os comportamentos expressivos. Ao contrário do sorriso, o riso não está presente nascimento e não parece passar por uma fase endógena. Isto aparece primeiro como uma resposta a estímulos externos em algum lugar entre o quarto e o oitavo mês. A princípio, de quatro a seis meses é mais facilmente provocado por estimulação tátil, como cócegas. De eventos auditivos de sete a nove meses tornam-se mais eficazes, e dos dez aos doze meses, é mais facilmente desencadeado por estímulos visuais.

O REPERTÓRIO DO INFANTIL

acontecimentos.¹² Ainda assim como o sorriso, sua forma muda pouco desde sua primeira aparição ao longo do resto da vida. Está presente nos cegos e foi relatado em crianças selvagens criadas por animais. Logo no início, também se torna um comportamento instrumental.

descontentamento

A cara de choro, com ou sem choro, é a expressão de descontentamento mais dramática e inequívoca. A cara de choro, no entanto, deve ser considerado um comportamento final, o último passo, por assim dizer, em uma sequência padronizada de expressões faciais distintas denotando crescente descontentamento. Toda a sequência de expressões progressivas é aproximadamente: primeiro o rosto “fica sóbrio”; então uma carranca começa a se formar e aprofunda-se à medida que as sobrancelhas se unem mais; então os olhos começam a fechar parcialmente à medida que a parte superior das bochechas se levanta e fica vermelha; o lábio inferior treme e então os lábios são retraídos (puxados para trás) enquanto a boca abre; em seguida os cantos da boca se abaixam e o choro completo rosto é alcançado. Ruídos agitados podem ocorrer no início da sequência, mas é apenas no final que a característica se torna evidente. a respiração ocorre e o choro real explode junto com o choro face. A criança pode, claro, parar em qualquer ponto do caminho dentro desta sequência. O grau de descontentamento será interpretado de quão longe ele avançou na sequência padronizada. Diversos pontos ao longo do caminho correspondem a expressões faciais reconhecíveis separadas: sóbrio, carrancudo, fazendo careta.

Cada uma dessas expressões separadas, bem como todo o padrão sequência, segue um curso de desenvolvimento semelhante ao do sorriso. Essas expressões estão presentes desde o nascimento como atividades reflexivas, especialmente durante o sono, e mudam muito pouco na morfologia. ao longo de nossas vidas. Eles se tornam exógenos, eliciados externamente, comportamentos anteriores ao sorriso, e alguns observadores acreditam que o uso instrumental do choro pode ser visto já em três semanas de idade. De qualquer forma, no terceiro mês de vida cada uma destas expressões

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

sões e toda a sequência a que pertencem estão prontas e funcionando como comportamentos sociais e instrumentais para ajudar o bebê a conduzir e regular sua metade da interação com a mãe.

Juntando as coisas

Discuti o olhar, os movimentos da cabeça e as expressões faciais separadamente. Embora possamos escrever ou estudar cada um desses comportamentos separadamente, na vida real eles pertencem um ao outro e geralmente são realizados juntos. Além disso, o seu desempenho simultâneo está integrado em "pacotes" comportamentais. Esses pacotes são os unidades de comportamento contínuo que funcionam como unidades comunicativas. Por exemplo, em resposta a um estímulo perturbador, uma criança pode simultaneamente desviar o olhar e, enquanto desvia o rosto para o lado, franzir a testa e fazer uma careta e emitir um som agitado. A realização simultânea desses cinco comportamentos não é algo que o bebê tenha aprender a coordenar. Em vez disso, a própria integração específica é organizada de forma inata e reflete o desenvolvimento de tendências inatas em direção a ações organizadas. Em termos etológicos, cada um dos cinco comportamentos separados pode ser considerado um padrão motor inato. De forma similar, seu desempenho integrado pode ser considerado um motor inato padrão de ordem superior.

Um exemplo do domínio mais complexo do deleite pode ajudar a preencha esta noção. Quando falamos de um sorriso infantil cativante, é provável que esteja acontecendo muito mais do que apenas um sorriso completo. O bebê move a cabeça para frente e inclina o rosto para cima, mas sem desviar o olhar, como se estivesse tentando levantar a cabeça e o rosto em direção à pessoa quem provocou o sorriso. Ao mesmo tempo, a tensão corporal aumentará visivelmente, assim como os movimentos dos membros, que podem incluir uma má esforço coordenado para alcançar a pessoa com os braços. O as mãos abrirão e fecharão ritmicamente. Um gorgolejo pode acompanhar

esses outros atos. Mais uma vez, toda esta integração específica de comportamentos é desaprendida.

Há três pontos a serem feitos sobre esses pacotes ou unidades de comportamento contínuo. A primeira já afirmei, que essas unidades integradas são tão inatamente determinadas quanto suas partes componentes. são, e eles passam por um curso de desenvolvimento influenciado principalmente por tendências inatas e mudanças organizacionais com apenas uma pequena contribuição dos processos de aprendizagem.

O segundo ponto é que estes pacotes parecem funcionar como unidades funcionais de comunicação dentro do fluxo de comportamento contínuo. Esses padrões motores inatos integrados são para a mãe (ou qualquer adulto médio) o estímulo crucial que, uma vez recebido e processado, leve-a a agir de uma maneira específica. Nos animais, teríamos chamamos os comportamentos infantis integrados de liberadores inatos. Referindo-se de volta ao sorriso, se o mesmo sorriso fosse realizado com o mesmo aumento na tensão corporal e no movimento dos membros, mas sem a tentativa de levantar a cabeça e inclinar a face e estender os braços, o impacto da comunicação seria significativamente diferente. O adulto teria inferido o mesmo prazer completo por parte da criança, mas a criança teria sido vista como um observador passivo e não do que como um ser ativo movendo-se em direção à fonte do delicioso estimulação. A questão, claro, é que a configuração específica do pacote integrado de comportamentos é percebido como uma gestalt e é entendido como tal. Ainda não sabemos até que ponto as mães ou outros adultos são eles próprios predispostos inatamente a perceber, compreender e reagir a esses pacotes. A maior parte da nossa pesquisa concentrou-se na potência dos elementos separados, em vez de do que na sua ação como um todo integrado.

O terceiro ponto sobre essas unidades integradas de comportamento é que eles também podem ser unidades em seqüências maiores que constituem os principais temas motivacionais de abordagem, prazer, evitação e assim por diante.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

A progressão de unidades de comportamento contínuo que vimos, desde rosto sóbrio através de várias unidades progredindo até o rosto de choro completo, descreveu o padrão comportamental de desprazer. Assumimos que estes padrões sequenciais, bem como a série de unidades que os compõem, também são amplamente determinados por fatores inatos.

Muito claramente então, por volta dos três meses pelo menos, a criança está bem equipado com um grande repertório de comportamentos para envolver e desengajar seus cuidadores. Todos os seus comportamentos – os padrões motores simples; as combinações mais complexas desses padrões simples em unidades integradas; e as sequências padronizadas dessas unidades - têm uma forte predisposição inata. Além disso, também foram submetidos ao processo de formação da aprendizagem durante os primeiros meses de vida. seu surgimento.

Quando observamos esta criança muito social, no final do seu primeiro semestre, as suas capacidades sociais são de facto formidáveis. Ele está totalmente pronto para se envolver nessa primeira fase de aprendizagem sobre e interagindo com o mundo humano. Durante estes primeiros seis meses, ele e sua mãe, utilizando seus repertórios distintos de comportamento, desenvolveram seu próprio estilo interativo e seu próprio ajuste interativo como par.

4

Do laboratório à vida real

No último capítulo nos preocupamos com o criança em sua primeira fase de aprendizagem sobre o mundo humano. Mais cedo discutimos os comportamentos que a mãe tem disponível para criar um mundo de estímulo humano para a criança durante este período. Como é que a interação desses comportamentos separados do bebê e da mãe funciona e resulta em fenômenos como interesse, deleite, tédio, e um relacionamento? Como as unidades separadas do comportamento de cada parceiro se enquadram nos movimentos padronizados que criam a coreografia? entre eles?

Para responder a essas questões, consideraremos diversas descobertas experimentais e hipóteses que fornecem maneiras de pensar sobre padrões interativos. Muitas das descobertas foram geradas em laboratório ou pelo menos em situações manipuladas experimentalmente. Em comparação com as observações principalmente naturalistas nas quais confiei fortemente até agora, a situação experimental dá ao cientista liberdade e controle. Ele tem a liberdade de ir além a série bastante desordenada de eventos que as situações naturais oferecem e criar eventos ou situações novas ou não naturais que possam testar criticamente diferentes hipóteses e gerar generalizações mais amplas. No entanto, uma desvantagem da abordagem experimental é que

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

muitas das descobertas com implicações potencialmente importantes para a interação cuidador-bebê parecem muito distantes da situação natural, pois é do conhecimento da maioria das mães e dos médicos que é transponível e útil.

A tarefa de relacionar eventos do laboratório com a situação natural será mais fácil se tivermos em mente que, embora a interação média mãe-bebê seja extremamente caótica em comparação com eventos experimentais, tudo o que uma mãe faz naturalmente pode e pode acontecer. Deve ser considerado um evento de estímulo para o bebê ou uma resposta a ele, e vice-versa, pouco diferente de qualquer um dos estímulos ou respostas encontrados no laboratório. Afinal, os comportamentos da mãe e do bebê são estímulos com parâmetros diferentes, como intensidade, complexidade ou novidade. Também duram um determinado período de tempo (têm uma duração de apresentação), com pausas intermediárias (intervalos intertentativas ou interestímulos). Muitas vezes é necessário ser mecanicista para ressurgir com um ponto de vista holístico mais amplo. Esse é o propósito deste capítulo.

O bebê é um buscador ativo de estímulos Hoje,

esta afirmação não é nem surpreendente nem controversa. Na verdade, tornou-se um ponto de partida importante e aceito para pensar sobre o que as crianças fazem. A maioria das teorias anteriores contrariava esta noção. A criança era vista como necessitando de proteção contra estímulos externos ou, na melhor das hipóteses, como um receptor passivo de estimulação. As especulações de Freud, que tiveram uma influência de longo alcance, seguiam essas linhas gerais, mas com algumas hipóteses adicionais provocativas. Ele especulou que a estimulação era acompanhada pelo aumento da excitação, que era vivenciada como desprazer, enquanto a descarga dessa excitação era vivenciada como prazerosa. Mais tarde voltaremos a esta noção. Para o momento,

no entanto, cometendo alguma injustiça, podemos deixar que isso seja representativo das hipóteses anteriores de que o bebê não atua ativa e busque prazerosamente estimulação.

Nas últimas décadas, acumularam-se evidências de São muitas as áreas diversas em que o bebê, desde o nascimento, buscará estímulo e até mesmo trabalhará para isso. Na verdade, a busca de estimulação tem por alcançou agora o estatuto de impulso ou tendência motivacional não muito diferente do da fome, uma analogia que não é absurda. Assim como a comida é necessário para o corpo crescer, é necessária estimulação para fornecer o cérebro com as "matérias-primas" necessárias para a maturação dos processos perceptivos, cognitivos e sensorio-motores. A criança recebe as tendências para procurar e obter esse "cérebro" necessário. comida."

Devemos distinguir dois tipos diferentes de estimulação que o bebê procura, estimulação sensorial ou perceptiva e estímulo intelectual ou estimulação cognitiva. A estimulação sensorial consistiria, por exemplo, na intensidade ou altura de um som ou na intensidade ou complexidade de uma imagem visual. Os estímulos cognitivos, por outro lado, são estimulante porque seu conteúdo tem alguma relação com um estímulo referente (como uma imagem do estímulo esperado). A avaliação da relação entre o estímulo e seu referente é o que põe em movimento várias operações e processos mentais. Para Por exemplo, se uma criança ouviu um barulho alto muitas vezes seguidas, e então ouviu um mais baixo, o ruído mais baixo lhe proporcionaria menos estimulação sensorial, pois tem menor intensidade. Porém, o ruído mais silencioso lhe proporcionaria um aumento na estimulação cognitiva, uma vez que ele avaliaria e compararia imediatamente o novo estímulo ao anterior. A relação do estímulo com um referente, e não as propriedades do estímulo em si, seria constituem a estimulação cognitiva, o engajamento e o trabalho das faculdades mentais. A distinção nem sempre é muito clara.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Alguma estimulação, especialmente no início da vida, poderia ser interpretada como unicamente perceptivo ou sensorial. No entanto, todos os estímulos cognitivos têm ser recebido através de processos perceptivos para chegar ao cérebro e, conseqüentemente, deve produzir alguma estimulação perceptiva, mesmo embora a estimulação cognitiva possa ser a de principal importância

importância.

Esta distinção é de extrema importância para nós porque de certa forma marca o início do que pode ser justamente chamado de atividade intelectual. Por volta dos três meses de idade, a estimulação cognitiva fornecida por muitos eventos de estímulo do cuidador começa a tornar-se o mais predominante. O bebê está se tornando mais um ser cognitivo do que um animal sensorial, embora ele nunca deixe de ser um animal sensorial também. Não há, contudo, nenhuma mudança acentuada em três meses; o a mudança é bastante gradual.

Talvez não seja surpreendente que a criança procure e precisa de estímulos para acionar o amadurecimento de sua percepção e processos sensoriais. É mais surpreendente descobrir que as nossas explicações do comportamento infantil exigem que vejamos os bebês como utilizando operações cognitivas desde as primeiras semanas de vida. Nos termos de Piaget, a criança, desde o início, é um agente ativo no desembolso do trabalho mental no processo de "assimilação eficaz" de estímulos ambientais para formar o esquema interno de seu mundo externo. Jerônimo Bruner enfatizou recentemente esta ideia ao afirmar que uma tendência central da vida mental da criança é o "processo ativo de hipóteses".

formação e teste de hipóteses."¹ A busca ativa de estímulos é certamente um precursor da curiosidade, aquela tendência poderosa que mais e mais é visto como uma força crucial para a adaptação e sobrevivência em homem e em outros animais.

Ainda assim, embora o bebê seja certamente um buscador de estímulos, sua busca por estímulos não são indiscriminados ou sem salvaguardas incorporadas. Ele vai evitará ser inundado por estimulação excessiva e também evitará

ficar imobilizado por ter que atender e responder a todos os eventos ambientais, por mais triviais ou chatos que sejam.

Estimulação e Atenção

o nível de estimulação

Todas as descobertas de diversos pesquisadores apontam para a mesma relação geral entre a atenção infantil e o nível de estimulação.² Se o nível de estimulação for muito baixo, mesmo que ele esteja ciente de sua presença, ele mal prestará atenção a ele, ou se o fizer, perderá rapidamente o interesse. Se o nível de estimulação for muito alto, ele irá evitá-lo virando-se ou chorando (pedindo ajuda para que alguém o remova). Quando o nível de estimulação for mais moderado, em algum lugar entre os dois extremos, sua atenção será mais facilmente capturada e mantida.

Dentro da faixa moderada, à medida que a força do estímulo aumenta, a atenção do bebê é mantida por mais tempo, ou ele assiste com mais frequência, até um ponto ideal quando o nível de estímulo fica muito alto e sua atenção diminui. Esta situação

A situação é ilustrada na Figura 2.

Esta tendência geral aplica-se à força ou quantidade de todos os vários parâmetros que constituem um estímulo: a sua intensidade, ou complexidade, ou quantidade de contraste, ou taxa de mudança, ou grau de novidade. Também se aplica a estímulos em todas as modalidades: visual, auditivo, tátil, cinestésico. É uma generalização bastante ampla. Cada parâmetro específico em cada modalidade de estímulo

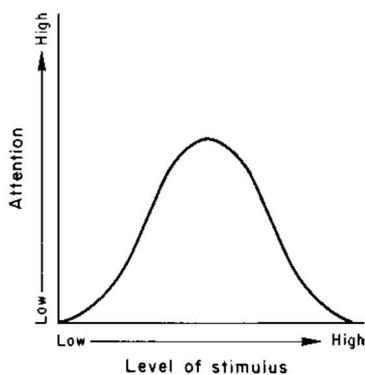


Figura 2. Relação entre o nível de atenção e o nível de estimulação.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

e em diferentes idades terá sua curva particular. A curva pode atingir o pico mais próximo da extremidade inferior ou superior e pode ser mais íngreme ou mais plana. Além disso, a posição na escala e a sua forma terão um curso de desenvolvimento próprio para cada um destes elementos de estímulo. Por exemplo, o que pode ser um nível moderado de complexidade numa imagem visual que mantém a atenção de uma criança de um mês pode estar num nível demasiado baixo para prender a atenção de uma criança de três meses. Ao mesmo tempo, o que é considerado um nível moderado de intensidade de luz da mesma imagem pode não ter mudado de um a três meses.

Nossa generalização abrange os casos individuais e suas histórias fornecidas por diferentes parâmetros de estímulo em diferentes modalidades. Na verdade, neste ponto deveríamos voltar e renomear a Figura 1. Na abcissa, em vez de apenas indicar um nível geral de estimulação de baixo para alto, podemos separar e especificar o parâmetro de estímulo: intensidade, grau de contraste, complexidade, e assim por diante, e desenhe uma série de curvas para cada um. Na verdade, para termos um conhecimento mais completo nesta situação deveríamos ter as curvas de desenvolvimento de todos os parâmetros de estímulo importantes (para o bebê) em todas as modalidades.

Há, no entanto, um problema sério. A generalização e a sua ilustração na curva teórica desenhada na figura não correspondem, de facto, ao que realmente observamos. Observações reais de bebês que respondem a níveis crescentes de estimulação sugerem fortemente que quando algum nível de limiar superior de estimulação é excedido, o bebê "desliga" rapidamente. De repente, ele desvia o olhar, vira o rosto rapidamente e também pode se afastar bruscamente. Consequentemente, a queda gradual da desatenção à medida que o nível de estímulo se aproxima do limite mais elevado não é observada. Em vez disso, há uma queda vertiginosa na atenção sempre que algum limiar de tolerância é ultrapassado. É como se o bebê não tolerasse ou não pudesse tolerar a estimulação além desse ponto e desligasse seus processos de atenção. Isso é ilustrado na Figura 3.

estimulação repetitiva

Até agora temos discutido a mudança dos níveis de estimulação e atenção. E quanto aos muitos sons e imagens repetidos que preenchem a nossa vida diária ou a de uma criança? Este grande território de eventos inclui a categoria de estímulos que chamamos de eventos de estímulo de fundo. Embora “queremos” que o bebê seja altamente responsivo ao ambiente (ou ao cuidador), também queremos que a responsividade seja um tanto seletiva. Não queremos que ele seja tão estimulante obrigado que ele permaneça constantemente altamente responsivo ao fundo curiosidades da vida - o tiquetaque dos relógios, ou o barulho de cada carro que passa. Ele deve ter alguma maneira de desligar o ruído de fundo enquanto mantém um sensibilidade aberta a novos ou alterados ou estímulos de outra forma salientes que vêm junto.

A criança recebe um meio de conseguir isso. Quando o bebê é apresentado repetidamente ao mesmo estímulo, ele reagirá menos

e menos em cada apresentação sucessiva. Isso é chamado de habituação. Mais precisamente, a habituação é o decréscimo progressivo da resposta a um estímulo repetido e imutável. A queda na resposta não é devido ao cansaço. A habituação é demonstrada em crianças de três meses e suas formas provavelmente estão presentes no nascimento. É mais convincente demonstrado para mim todos os dias nos metrô de Nova York, onde crianças de todas as idades parecem ser capazes de desligar o rugido rítmico e balançando em paradas e arranques para continuar dormindo ou manter um

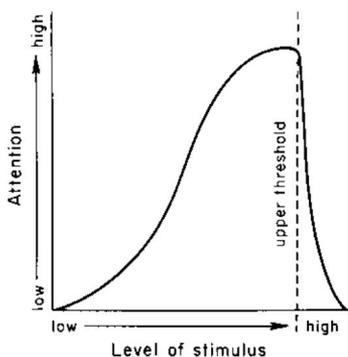


Figura 3. A relação observada entre o nível de atenção do bebê e o nível de estimulação fornecido por um cuidador.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

nível notavelmente uniforme de atenção social para quem quer que sejam com.

Descreverei com algum detalhe como é feito um experimento de habituação média. O fluxo de apresentações de estímulos manipulados fornece um excelente ponto de comparação e referência para o fluxo de comportamentos maternos eliciados pelo bebê em interações que ocorrem naturalmente. Numa experiência de habituação visual, a criança é colocada em um assento infantil e é mostrada uma foto ou imagem de algo, por exemplo, um padrão de alvo. Este estímulo visual permanece à vista por geralmente cerca de trinta segundos. O pesquisador conta a quantidade de tempo e o número de vezes que o bebê olha para o alvo do estímulo obter durante seus trinta segundos de apresentação. (Além de medir a quantidade de atenção visual, o pesquisador também pode observar e registrar outros comportamentos, como expressões faciais e corporais movimentos, ou ele também pode registrar alterações na frequência cardíaca e outras alterações fisiológicas.)

O padrão alvo é então desligado ou removido por um "intervalo entre tentativas" de novamente cerca de trinta segundos. O mesmo padrão de alvo é então representado por outro período de trinta segundos, a resposta do bebê foi registrada novamente e assim por diante. Este procedimento é repetido por seis ou mais vezes. A cada repetição, a atenção do bebê diminui e ele parece cada vez menos. Entretanto, na sétima apresentação, um novo estímulo é mostrado, digamos, um padrão xadrez em vez de o velho alvo. O interesse da criança é imediatamente reavivado pela novo estímulo, e seu nível de atenção é geralmente tão alto quanto em a primeira apresentação do primeiro estímulo.

A introdução do segundo estímulo no experimento é importante porque prova que a criança não perdeu a capacidade de respondem devido à fadiga ou algum outro processo que indica perda neurológica de capacidade. Ele simplesmente ficou "entediado" com a repetição da mesma coisa. Figura 4, adaptada esquematicamente de

Kagan e Lewis³ mostram a diminuição do tempo gasto atendendo às seis apresentações progressivas do primeiro estímulo (S1) e o tempo gasto atendendo ao novo estímulo (S2) na sétima apresentação.

As implicações destas experiências simples são de longo alcance e cruciais para a nossa compreensão do que é uma estimulação eficaz.

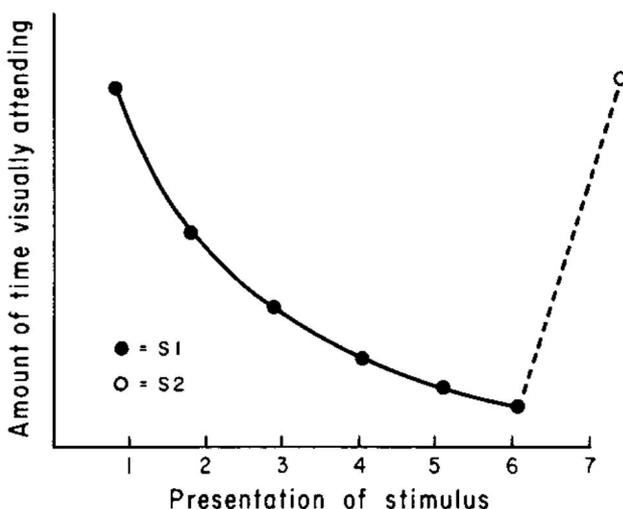


Figura 4. A diminuição progressiva da atenção visual após apresentações repetidas do mesmo estímulo (S1), e o "rebote" da atenção visual quando um novo estímulo (S2) é apresentado.

dentro da relação mãe-bebê e como o interesse pode ser captado e mantido na vida diária do bebê. Para que o bebê fique entediado, ele precisa "conhecer" ou "lembrar" de alguma forma, durante um intervalo de trinta segundos, a natureza do estímulo. Caso contrário, ele não poderia ter uma resposta "Ah, isso de novo", como Lewis descreveu. O segundo ponto é que para que qualquer estímulo "funcione", seja inter-

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

estimando, não pode ser repetido indefinidamente. Uma mãe não pode fazer exatamente a mesma coisa seis vezes seguidas e sair impune. Os eventos de estímulo que constituem o seu comportamento devem ser modificados quase constantemente para manter o mesmo nível de atenção. Ela tem que se mudar para permanecer no mesmo lugar.

da estimulação sensorial à cognitiva

Até agora discutimos principalmente os efeitos da estimulação nos processos perceptivos e sensoriais do bebê, tal como são refletidos através da atenção. Em algum momento do desenvolvimento, certamente por volta dos três meses, a criança começou a envolver-se, avaliar e lidar cognitivamente com o conteúdo específico de um estímulo. A quantidade da estimulação ou de qualquer dos seus parâmetros físicos já não será tão reveladora como a relação entre o conteúdo significativo do estímulo e algum outro referente. Por exemplo, o poder de estímulo de um rosto para prender a atenção não residirá mais no grau de complexidade, no contraste claro e escuro, na quantidade de angularidade, na soma de todos os estímulos que por acaso são um rosto, mas sim no contraste. ou relação semelhante entre aquela face presente e o esquema interno de uma face conhecida ou esperada.

Nessa mudança, o fenômeno da habituação representa um ponto intermediário. Pode-se presumir que, após várias visões do estímulo, o bebê começa a formar algum esquema dele, de modo que, quando o vir novamente, trinta segundos depois, ele poderá agir como "Ah, isso de novo" apenas se estiver formando um esquema de estímulo. o estímulo com o qual ele está comparando o próximo estímulo. Se for assim, podemos começar a falar da estimulação como proveniente não apenas das propriedades do estímulo em si, mas também da sua relação com o esquema da criança.

Muitas evidências recentes apoiam a noção de que é por volta do terceiro mês de vida, se não antes, que a criança está formando esquemas de objetos, eventos e pessoas em seu mundo. Este mental interno

“imagem” dá-lhe uma expectativa sobre como uma coisa deveria parecer, cheirar ou soar. Se a criança encontrar um objecto que seja de alguma forma diferente da sua imagem desse objecto – foi introduzido um elemento de novidade – existirá agora uma incompatibilidade entre o estímulo real e o seu esquema. A quantidade de incompatibilidade pode

ser utilmente rotulado como grau de discrepância.⁴ É como se a criança tentasse descobrir se o objeto presente é realmente igual ou diferente de sua expectativa em relação a ele. A fonte de estimulação reside agora principalmente na incompatibilidade estímulo-esquema, e não em quaisquer propriedades físicas do próprio estímulo. É apenas um pequeno passo para ver como a operação contínua de avaliações de correspondência e incompatibilidade de estímulos melhorará o estabelecimento do esquema e ampliará continuamente o seu alcance.

Uma vez que agora o próprio grau de discrepância se tornou a fonte de estimulação que gera e mantém a atenção, Kagan e outros vão um passo além e afirmam que deve haver algumas relações previsíveis entre o grau de discrepância (estimulação cognitiva) e a atenção. A relação que vimos entre o nível de estimulação perceptiva e a atenção (Figura 3) é essencialmente semelhante à relação entre o nível de estimulação cognitiva (grau de discrepância) e a atenção. Graus muito leves de discrepância proporcionam estimulação muito leve e produzem baixos níveis de atenção. Graus crescentes de discrepância produzem progressivamente mais atenção até um limite máximo, além do qual a criança considera a experiência desagradável e a evita.

Quando o limiar é largamente excedido, assumimos que a discrepância entre esse estímulo e o esquema que o representa foi esticada muito além do ponto de ruptura. A criança, portanto, não consegue ver o estímulo nem mesmo como relacionado ao seu esquema de trabalho para o que era esperado. Ele, portanto, não tem motivos para realizar uma avaliação de incompatibilidade e trata o estímulo excessivamente discrepante como um estímulo inteiramente

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

objeto novo. Sua atenção pode, portanto, diminuir após o ponto de tolerância ter sido excedido.

Excitação

termos

“Excitação” tem vários outros nomes e conceitos na literatura científica atual. Ativação, excitação e tensão são as mais prevalentes. Cada um carrega sua própria bagagem histórica, pontos de vista teóricos e valor heurístico. Escolhi usar o termo excitação por vários motivos. Em primeiro lugar, há actualmente muita reavaliação da natureza destes termos, dos fenómenos a que se referem e do seu valor como conceitos de trabalho úteis.⁵ Consequentemente, neste momento nenhum termo capta o consenso do pensamento actual à medida que se aplica para bebês. No entanto, todos eles se referem a um conceito crucialmente necessário sobre o estado interno da criança, um conceito que se dirige para a dimensão da intensidade e do nível de atividade dos processos internos refletidos no comportamento manifesto e, presumivelmente, na subjetividade da criança. experiência. O termo mais coloquial excitação capta facilmente a experiência comum de todos os comportamentos evidentes e sensações subjetivas que acompanham os processos neurológicos e neurofisiológicos internos.

excitação e atenção

As flutuações no nível de excitação podem ser causadas por eventos internos ou externos. Durante o sono, quando podemos presumir que não há estimulação externa apreciável, o bebê e o adulto passam por mudanças rítmicas em seu estado interno. No sono onírico, há atividade seletiva, produzindo sorrisos endógenos e outras expressões faciais, e irregularidades nas atividades fisiológicas, como frequência cardíaca e respiração. Durante o sono profundo, a atividade corporal é mais lenta e regular. Essas mudanças regulares refletem o ritmo

mudanças nos padrões de descarga e atividade do cérebro. Esse tipo de flutuação na excitação não requer processos de atenção de jeito nenhum. Tudo vem de dentro.

Durante as primeiras semanas de vida, a situação do bebê é um pouco semelhante à do sono, mesmo quando ele está acordado. Ele muda da sonolência para a inatividade alerta, para a atividade alerta e, ocasionalmente, para o estado de choro agitado. Cada um desses estados de vigília, assim como os estados de sono, é em grande parte determinado pelas mudanças periódicas em curso no intrínseco padrões de descarga do cérebro. Cada um também representa um diferente apontar ao longo de uma dimensão de excitação.

Mas os acontecimentos externos já não são irrelevantes e a atenção torna-se cada vez mais importante. Embora o ciclo desses estados de vigília ainda seja em grande parte impulsionado por atividades cerebrais intrínsecas, fatores externos estímulos podem prolongar ou encerrar um estado ou certamente levar o bebê para um estado superior, como o estado de agitação ou derrubá-lo, ajudando a acalmá-lo até a sonolência. A capacidade do bebê de atender os estímulos externos começam a desempenhar um papel mais importante, embora ainda secundário, na determinação de seu estado interno de excitação. Isto é particularmente verdadeiro durante o estado denominado "inatividade de alerta", quando o bebê está visualmente alerta, mas não movimentando o corpo e os membros. Durante a inatividade de alerta, o bebê fica mais atento e receptivo em direção à estimulação externa. Ele passa mais tempo olhando e perseguindo objetos visuais e prestando atenção aos sons. Num certo sentido, a sua capacidade de prestar atenção é grandemente influenciada pelo nível e padrão de excitação intrínseca do cérebro, pelo "estado" em que ele se encontra. o desenvolvimento é o servo da excitação intrínseca do cérebro. Ainda a criatura não está sem algum poder. Dentro de limites, por exemplo, dado que o bebê já está no estado de alerta inativo, qualquer estímulo externo atendido influenciará o nível de excitação do fã.

Quando chega o terceiro mês de vida, a situação já está há muito tempo equalizado ou mesmo revertido. Agora dentro de certos limites,

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

o nível de excitação é amplamente influenciado pela atenção do bebê. O bebê agora é capaz de manter um equilíbrio interno bastante constante estado que lhe permite estar atento e responder ao ambiente por longos períodos de cada vez, certamente até quinze minutos e muitas vezes por muito mais tempo. É durante esses trechos que ocorrem a maioria das interações sociais lúdicas. Nessas ocasiões, o seu nível de excitação será influenciado principalmente pela estimulação recebida. Essa entrada perceptiva é amplamente determinada por seus processos de atenção, que não pode ser separada da regulação do estado neurofisiológico interno ou da excitação.⁶ O controle da atenção do bebê dá-lhe controle sobre a entrada de estímulos e, portanto, controle sobre excitação interna. Isto é especialmente verdadeiro para estímulos visuais, pois tem visto. Sua capacidade de regular ou controlar a entrada perceptiva em outras modalidades é menos completa. (Como e até que ponto uma criança pode desligar-se dos estímulos auditivos, táteis e cinestésicos é uma questão fascinante à qual voltaremos mais tarde.)

excitação e estimulação

A relação geral descrita entre estimulação e atenção aplica-se a grande parte da relação entre estimulação e atenção. excitação. Baixos níveis de estimulação produzem baixos níveis de excitação. À medida que o nível de estimulação aumenta, também aumenta o grau de excitação. No entanto, em níveis elevados de estimulação, a atenção pode ser desligado, pelo menos em algumas modalidades, desligando a entrada estimulação e permitindo que o grau de excitação diminua. Em nessas situações a atenção pode ser desviada instantaneamente. A excitação, no entanto, age como se tivesse mais impulso e requer uma período mais longo para diminuir. Também requer mais tempo para construir. Durante a resposta de orientação, quando a atenção é capturada pela primeira vez, o nível de excitação é provavelmente nulo até bem depois de terminada uma "avaliação" interna do novo estímulo. Nos níveis muito elevados onde a superestimulação está claramente em vigor, o nível de excitação pode aumentar

a um ponto em que a situação não incomum de choro incontrolável, lamento e agitação dos membros ocorre e continua por algum tempo. A excitação neste nível parece não ter nenhum mecanismo de auto-regulação para se desligar, exceto através da fadiga.

Neste domínio de excitação, as distinções entre estímulos sensoriais e cognitivos tornam-se sutis. Cécegas fornece um bom exemplo.

Quanto mais vigorosas e dinâmicas forem as cécegas, maior será a excitação do bebê. O estímulo pode ser claramente classificado como sensorial.

No entanto, vários meses depois, a excitação começa a vir da surpresa de saber ou não saber exatamente quando a explosão de cécegas irá ocorrer. Isso evolui para um jogo inteiro com muitas variantes, onde dois estímulos diferentes operam simultaneamente para aumentar a excitação. Existe a excitação gerada pela estimulação sensorial das próprias cécegas, e ainda por cima há a excitação gerada pela estimulação cognitiva de criar expectativas e violá-las (causando surpresa).

afetar

O desenvolvimento do afeto ou da emoção intrigou e escapou parcialmente à compreensão dos estudantes sobre o comportamento humano.

Parte do problema é que o aspecto mais crucial de um afeto é o seu sentimento subjetivo de alegria ou desprazer ou qualquer outra coisa, e os sentimentos subjetivos não podem ser observados ou mesmo explorados diretamente numa criança não-verbal. Eles só podem ser inferidos a partir de comportamentos evidentes que, embora reflitam o estado de sentimento, estão pelo menos a um passo de distância.

Dado este estado de coisas, a maioria dos estudos sobre o afeto tem sido estudos observacionais ou experimentais dos comportamentos manifestos que refletem e comunicam o estado subjetivo, ou estudos de natureza mais filosófica e metapsicológica que tratam dos aspectos subjetivos dos afetos. O problema ainda está conosco. Ainda assim, é estranho que a nossa busca e compreensão da percepção, cognição e habilidades motoras humanas tenham ultrapassado tanto a nossa compreensão.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

de afeto. A vida sem afeto é tão impensável quanto a vida sem cognição. Além disso, os distúrbios psiquiátricos, o que consideramos comportamento anormal, são quase invariavelmente manifestados por distúrbios no afeto, certamente tanto quanto por distúrbios na cognição ou percepção. Contudo, só muito recentemente é que se registou um regresso concertado do interesse e da investigação a esta área vital.

A principal explicação de Freud sobre o afeto servirá como a primeira peça do montando esse quebra-cabeça inacabado. Ele propôs que toda estimulação causava tensão interna ou excitação que era invariavelmente experimentado como desprazer. A criança então procurou dar alta tensão, e a redução da tensão foi acompanhada pela experiência de prazer. Existem vários problemas com o modelo de Freud.

Em primeiro lugar, os bebés procuram activamente a estimulação e, em segundo lugar, o aumento da excitação pode claramente ser prazeroso. Freud também postulou que um quantum de energia de estímulo que entrou no sistema foi convertido em um quantum de energia de tensão que teve que ser descarregado. Sabemos agora que a estimulação não age como um quantum de energia que entrou num sistema fechado, onde pressiona por descarga para manter o equilíbrio. A criança tolera e prospera recebendo cada vez mais estímulo à medida que amadurece. Por último, a cessação de estimulação prazerosa pode ser experimentada como aversiva.

À primeira vista, parece que desmantelámos totalmente a ideia de Freud. modelo, mas não é assim. O que resta é um conceito central: o afeto é relacionado ao aumento e diminuição da estimulação e tensão. Freud tomou uma posição extrema ao afirmar que o lado da construção era apenas desprazeroso e o lado negativo puramente prazeroso. Sroufe reúne quatro exemplos diversos de aumento e queda na estimulação e excitação. A primeira instância é tirada do sono onírico (REM) dos neonatos. O trabalho de Emde e outros sugere que durante Sono REM, as porções subcorticais mais primitivas do cérebro descarregar ritmicamente, criando ciclos ascendentes e descendentes de neuro-

excitação lógica. O sorriso endógeno do neonato sonhador ocorre quando o nível de excitação sobe acima e depois cai abaixo um limite postulado. A segunda instância trata dos acordados organismo na presença de estímulos externos e não internos. Berlyne propõe que um "ataque de excitação", um aumento e diminuição repentinos no nível contínuo de excitação, é necessário para produzir uma experiência afetiva.⁷ O terceiro caso envolve um bebê exposto à estimulação cognitiva de uma incompatibilidade estímulo-esquema. Kagan propõe que enquanto a criança processa e trabalha a incongruência, a tensão aumentará até que ele tenha assimilado o estímulo, ou seja, resolveu o problema, momento em que a tensão se dissipa, manifestando-se comportamentalmente em um sorriso.⁸ A quarta instância vem dos estudos de Sroufe sobre o riso em bebês. Ele acha que para um som para fazer uma criança rir, deve produzir uma forte "tensão flutuação." Além disso, a forma mais bem sucedida de estimulação sonora para produzir esta flutuação rápida foi um estímulo que acelerou em intensidade até um corte abrupto. Um gradiente acentuado de tensão e a recuperação rápida eram os melhores para produzir risos.

Ainda permanece a questão de saber se o prazer ou o desprazer reside, por assim dizer, apenas no lado ascendente ou descendente do acesso de excitação. Freud está certo de que o aumento da tensão é aversivo e apenas a redução da tensão é prazerosa. Kagan sugere que para atividades cognitivas estímulos, o acúmulo é ligeiramente negativo ou incerto no tom do afeto, e a diminuição da tensão produzida pela assimilação bem-sucedida é afetivamente positiva, enquanto a diminuição da tensão produzida por uma falha na assimilação e na evitação de estímulos é afetivamente negativa. Sroufe ocupa a posição menos comprometida, sustentando que o aumento da excitação pode ser positivo ou negativo afetivamente tonificado ou neutro, dependendo das condições em curso e contexto em que a estimulação ocorre. Da mesma forma, a fase de redução da excitação pode ter um tom positivo ou negativo no afeto,

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

novamente dependendo da natureza do envolvimento da criança com o estímulo e do contexto desse envolvimento.

Por algum conjunto de critérios, qualquer atividade mantida ou repetida pode ser considerada prazerosa. Durante a fase de construção, o facto de a criança achar que o estímulo mantém a atenção, o que de facto permite que a excitação aumente, argumenta que a fase de construção é prazerosa, mesmo que não o suficiente para produzir sorrisos e gargalhadas. Esta é uma maneira indireta de dizer que, se você precisar de um gradiente acentuado de aumento e queda, os estímulos que causam o aumento devem ser capazes de capturar e reter a atenção do bebê.

Até agora, levantei a questão sobre o que determina a direção do afeto. Qual padrão ou sequência de fenômenos causará alegria e qual infelicidade? Simplesmente nem sempre sabemos. É evidente que estímulos demasiado intensos ou demasiado incongruentes, ou que de alguma forma se desenvolvem demasiado rapidamente ou com uma flutuação demasiado elevada, serão sentidos como aversivos. Ainda assim, o início de uma estimulação, digamos, uma cócega ou uma canção, de intensidade "ideal" e taxa de desenvolvimento "perfeita" pode resultar num bebê radiante ou a gritar, dependendo de factores complexos que ainda não estão totalmente claros para nós. Certamente incluem o estado e o tom afetivo do bebê e a direção de sua tendência no momento do nascimento.

estimulação, a situação e o contexto, incluindo a história de tais eventos passados, e o estado de outros sistemas rítmicos, como a fome e a vigília. O afeto ainda permanece um mistério parcial, mas pelo menos começamos a ver sua relação com a estimulação, a atenção e a excitação. mento.

O mundo do estímulo doméstico Uma

das principais diferenças entre a maioria dos estímulos laboratoriais e domésticos é que a estimulação doméstica fornecida pelos cuidadores é muito mais heterogênea e variável. Em casa o interativo

os estímulos são quase exclusivamente a mãe e seu comportamento. O rosto, a voz ou o corpo da mãe mudam quase constantemente e as mudanças são muitas vezes dramáticas. Por causa disso, é difícil falar sobre o nível de estímulo de qualquer "rosto" ou som ou comportamento que ela executa, uma vez que o nível de estímulo muda durante a própria execução do comportamento. No entanto, a generalização que aprendemos ao examinar os estímulos laboratoriais mais estáticos ou constantes nos ajudará na compreensão dos eventos altamente variáveis que a mãe proporciona. A realidade com a qual somos confrontados é que quase todos os comportamentos sociais induzidos pelas crianças são altamente dinâmicos. Esse é o nosso problema e a vantagem deles. Para conceituar o efeito de um estímulo flutuante sobre a atenção ou excitação, temos que examinar como o nível desse estímulo muda ao longo do tempo. Quase todo comportamento social provocado por bebês fornece um exemplo adequado. Podemos começar com a expressão de falsa surpresa. O aumento e a diminuição da intensidade do estímulo ao longo do tempo de uma expressão de falsa surpresa pode ser representado esquematicamente como mostrado na Figura 5, que mostra o aumento e a diminuição da plenitude da exibição conforme distribuído em

tempo.

A plenitude da exibição em qualquer momento durante a execução da expressão corresponde, na situação de laboratório, à intensidade da estimulação. Se, em vez de um estímulo visual, tivéssemos tomado uma vocalização provocada por uma criança, como "hiiiiiiya", poderíamos desenhar uma curva semelhante onde a forma refletisse mudanças tanto no volume quanto no tom. Quando vemos o comportamento da mãe desta forma, as mesmas generalizações que governam a relação entre o nível de estímulo (perceptual ou cognitivo) e o nível de atenção e de excitação aplicam-se tal como se aplicavam no laboratório. À medida que o nível de estimulação aumenta e diminui dentro de cada evento de estímulo, no decorrer de tal comportamento materno, o mesmo acontecerá com a atenção e a excitação do bebê.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Embora cada evento de estímulo tenha a sua própria história local, esse evento e a sua história local não ocorrem no vácuo ou fora de relação com a história mais ampla de eventos ocorridos anteriormente. Devemos considerar, para uma série de tais eventos, as tendências no nível de estimulação e no nível de excitação. Também aqui existem limites superiores de tolerância. Uma explosão de estímulo que era tolerável, na verdade fascinante, quando ocorria contra um nível de excitação inferior, poderia ser intolerável se ocorresse contra um nível de fundo que

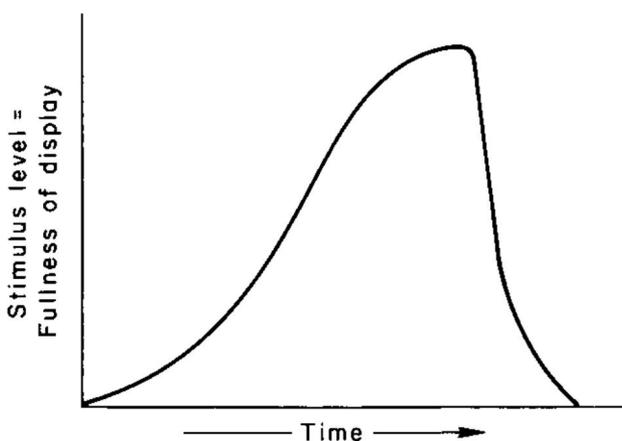


Figura 5. A maneira pela qual o nível de estímulo, que consiste na plenitude da exibição de um comportamento, pode mudar ao longo de sua execução.

tinha subido mais, desde então poderia "empurrar" o grau de excitação para além de algum limite superior.

Agora que reintroduzimos o elemento tempo, ao ter que considerar como uma mãe realmente modula o nível de estímulo de um comportamento ao longo da duração do seu desempenho, estamos em melhor posição para ver como ela pode gerar e regular o afeto no -fantástico. Podemos redesenhar a Figura 5 mostrando duas maneiras diferentes pelas quais uma mãe

pode modular a plenitude da exibição de uma expressão de falsa surpresa (Figura 6). Na curva número 2, mas não na curva número 1, reconhecemos o gradiente acentuado de aceleração rápida, corte abrupto e queda de o nível de estimulação. Embora a curva número 2 possa resultar em uma sorriso, a curva número 1 manteria bastante a atenção.

A enorme flexibilidade da mãe em sua capacidade de realizar comportamentos eliciados pelo bebê, com diferentes distribuições no tempo, proporciona ela com um controle potencialmente extraordinário sobre a atenção do bebê,

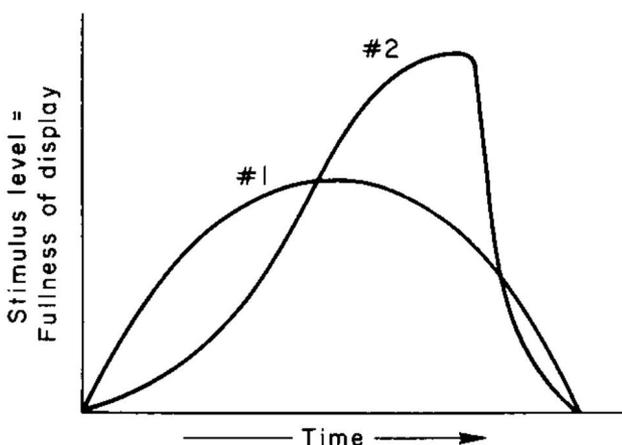


Figura 6. Duas maneiras pelas quais o nível de estímulo, consistindo no plenitude de exibição de um comportamento, pode mudar ao longo da duração de seu desempenho.

citação e afeto. Digo potencialmente, porque o bebê tem uma grande acordo para dizer sobre isso.

Uma segunda grande diferença entre a estimulação experimental e a estimulação doméstica diz respeito à forma como definimos a unidade que chamamos de estímulo (descritiva ou funcionalmente). Na situação experimental a tarefa é relativamente fácil, como vimos. Por ser uma entidade predefinida, pode ser um série de eventos muito complexa e também simples. Em casa,

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

com uma mãe que se comporta naturalmente, a tarefa não é nada fácil. A unidade de estimulação que nos interessa é muitas vezes uma mistura de diferentes eventos de estímulo, onde a primeira tarefa é descobrir que tal mistura existe como uma entidade regular e atua como um estímulo. Uma vez identificadas regularidades definíveis no comportamento de uma mãe como unidades repetidas que atuam como estímulos, descobrimos que as generalizações relativas à habituação e à geração e violação de expectativas também se aplicam aos comportamentos maternos como estímulos.

Podemos agora regressar à interação real entre bebé e cuidador e explorar os seus objectivos, estrutura e funções neste contexto de descobertas e teorias actuais.

5

Para onde levam os passos?

O objetivo imediato de uma interação lúdica face a face é divertir-se, interessar, encantar e estar um com o outro.

Durante esses períodos de brincadeira puramente social entre mãe e bebê, não há tarefas a serem realizadas, nem alimentação ou troca de roupa.

ou tomar banho na agenda imediata. Não há nada que tenha

ser ensinado. Na verdade, se a tarefa é ensinar algo ao bebê, ele

não será capaz de aprender o que a experiência de jogo pode trazer para ele.

Estamos lidando com um acontecimento humano, conduzido apenas com

“movimentos” interpessoais, sem outro fim em mente a não ser estar com

e desfrutar de outra pessoa.

Não há como enfatizar demais a importância de uma situação aparentemente tão esforço sem esforço. Todos nós aceitamos, em geral, que o primeiro e prototípico

relacionamento de carinho e amor da criança é estabelecido com seu cuidador

principal. Mas o que é um relacionamento e

como isso se estabelece? A criança primeiro precisa aprender a ser

com alguém e criar e compartilhar as experiências nas quais um relacionamento é

construído. Além da satisfação da alimentação e do calor,

estes envolvem a criação mútua de prazer compartilhado, alegria, interesse,

curiosidade, emoção, admiração, susto, tédio, riso, surpresa, deleite, momentos de

paz, silêncios que resolvem angústia e muitos outros.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

tais fenômenos e experiências indescritíveis que constituem a matéria de amizade e amor.

Divertir-se pode ser considerado o objetivo imediato do jogo para duas razões. Primeiro, se você perguntar às mães por que brincam com seus bebês, a maioria responderá algo como: "Não sei, geralmente divirta-se." Essa, na verdade, é a sua experiência subjetiva e senso de o ponto ou objetivo da atividade. A segunda razão é mais conceitual e prática. Interesse e deleite também capturam a atenção do observador sentido do que se trata a atividade. Além disso, essas palavras são facilmente traduzível em termos e conceitos psicológicos que têm explorado: estimulação, atenção, excitação e afeto. Uma vez traduzidos, o interesse e o deleite tornam-se mais receptivos quaisquer manobras experimentais ou teóricas que precisemos realizar para compreender o jogo social mais plenamente.

Por interesse e prazer quero dizer o fornecimento mútuo de estímulo eventos de tal natureza que a atenção é engajada e mantida o suficiente para permitir o aumento e a flutuação da excitação dentro de uma faixa tolerável para que experiências afetivamente positivas sejam gerado. Essa pode ser uma maneira indireta de falar sobre isso, mas tal é o estado da nossa ciência. Ambos os parceiros devem regular o qualidade, quantidade e tempo dos eventos de estímulo, de modo que a atenção, a excitação e o afeto possam aumentar e diminuir, cada um dentro de seu próprio nível ideal faixa.

Como vimos, para manter as coisas dentro de uma faixa ideal, o os eventos de estímulo não podem ser muito fracos, ou muito poderosos, ou muito simples, ou muito complexo, ou muito familiar, ou muito novo. Eventos sucessivos não podem ser muito repetitivos ou a atenção é perdida e a excitação cai abaixo o intervalo ideal; o afeto torna-se neutro. Por outro lado, estímulos sucessivos não podem ser muito diferentes ou o bebê irá não ser capaz de envolvê-los cognitivamente. Parece um aperto e caminho estreito que requer navegação precisa conduzida com consciência e avaliando cuidadosamente cada momento do caminho. Felizmente, a opção

ONDE OS PASSOS LEVAM?

postulado está mais próximo da verdade. Requer uma mãe sem nenhum outro pensamento em mente, exceto se divertir com seu bebê e um bebê com vontade de se divertir.

Acontece que somos animais extremamente brincalhões. Brincamos com tudo e mais alguma coisa, inclusive com nosso próprio comportamento. Achamos cativante e divertido brincar com nossas vozes, rostos e movimentos no sentido de sentir prazer na criação de novas variações, elaborações e combinações de comportamentos simples. Canção, mímica e dança são provavelmente as ritualizações culturais desse processo. Uma mãe diante de um bebê disposto é colocada na posição quase irresistível de poder brincar com seu bebê brincando com seu próprio comportamento.

A diversão, no sentido de alegria em brincar, é uma noção fundamental porque muda a forma como agimos e, portanto, o que pode acontecer. Um cuidador que se diverte “tocando” os instrumentos naturais da sua voz, rosto, cabeça e corpo e orquestrando-os para e em conjunto com o seu bebê estará afetivamente “vivo”. Ela proporcionará estimulação que corresponda mais de perto à gama ideal de eventos de estímulo para os quais o bebê está constitucionalmente predisposto a receber do que virtualmente qualquer outra fonte de estímulos em um ambiente normal. Se ela estiver se divertindo, seu comportamento consistirá naqueles comportamentos sociais induzidos pela criança, que são predefinidos pelo longo curso da evolução para serem para a criança o melhor “show de luz sonora” da Terra. Se ela não estiver se divertindo e fingindo, ou apenas fazendo o que acontece, a dupla terá um dia de folga, ou a sessão de brincadeira será mais curta do que o normal, ou não haverá dança alguma.

Uma vez que o bebê esteja se divertindo, no sentido de vivenciar o comportamento de sua mãe como interessante o suficiente para captar sua atenção e mudar seu nível de excitação dentro de um intervalo e período de tempo que produza experiências afetivas prazerosas, então ele manifestará seu interesse e deleite por meio de sorrisos, e arrulhos e um olhar e rosto alertas e ávidos. A mãe então vivencia essas demonstrações tão profundamente

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

gratificante e reforçador positivamente. Ela procurará, assim, manter o bebê em um nível de atenção e excitação em que ele realizará as demonstrações afetivas que, por sua vez, produzirão nele os comportamentos que mantêm níveis ideais de estimulação para ele. Um sistema de feedback mútuo está em operação.

A mãe tende a ajustar o nível de estímulo de seu comportamento dentro da faixa ideal apropriada para o bebê. Ambos tendem, portanto, ao mesmo objetivo de manter um conjunto de faixas ótimas, que correspondem às experiências de interesse e deleite mútuos, de seguir um ao outro em o padrão de dança.

A noção de "alcance ideal" ajuda a pensar sobre o objetivo imediato da interação. Ambos os parceiros podem regular o montante de estimulação eficaz que incide sobre o bebê, de modo que, se o nível contínuo tiver disparado acima ou abaixo de alguns limites superiores ou inferiores, ambos os parceiros tenham os comportamentos à sua disposição para trazer o nível novamente dentro da faixa ideal e faça ajustes mais precisos para mantê-lo lá. No entanto, a noção de um intervalo fixo e rígido que é o objetivo definido de um sistema de feedback mútuo certamente não fazer justiça à flexibilidade e fluidez do atual sistema compartilhado pela mãe e pelo bebê. Eu o descrevi até agora quase como um termostato em casa, programado para desligar o aquecimento quando a temperatura ultrapassar 70 graus e ligue o fogo novamente quando a temperatura cai abaixo de 60 graus. Para levar a analogia mais longe, o mãe e bebê negociam um sistema que lhes permite continuamente para alterar o nível absoluto e a largura da faixa de tolerância do intervalo acordado. A maioria das sessões de jogo passa por períodos de excitação e às vezes grande hilaridade e depois passam para o silêncio, alongamentos mais tranquilos antes do início do próximo ciclo de subidas e descidas. O curso exato não é previsível e muda de dia para dia. Em qualquer evento, esse fluxo e refluxo natural exige que a faixa ideal ser, por assim dizer, um alvo móvel e mutável.

A próxima questão crucial é como a dupla concorda mutuamente sobre o

ONDE OS PASSOS LEVAM?

natureza momentânea e posição da meta, e como cada uma delas regula seus passos em direção a esse objetivo. É fundamental enfatizar que estou falando do objetivo imediato ou momentâneo do jogo presencial. Este é um objetivo que nos permite fazer perguntas como, Por que neste instante a mãe fez isso logo antes do querido, você fez isso? A noção de um sistema de feedback mútuo permite-nos conceituar esses tipos de questões.

À primeira vista, parece fora de perspectiva considerar a brincadeira e a divertir-se por ocupar um papel tão fundamental nas interações sociais entre mãe e bebê. Onde amar e precisar cuidar e a identificação com o bebê aparecem? Estas são forças motivadoras poderosas que as mães sentem profundamente, mas temos mal toquei neles e não sei bem como fazê-lo. Certamente nenhuma brincadeira presencial jamais ocorreria se a mãe não fosse ativada por essas forças mais profundas e pelos objetivos de longo prazo que as acompanham. Ainda assim surge a questão: se a mãe ama e sente a necessidade de cuidar e se identificar com seu bebê, e eles estão sentados frente a frente, cara a cara, o que acontecerá? Como esses motivos se traduzirão em quais atos? Como você ama seu bebê para que surja uma interação social? É aqui que brincar e se divertindo entre em operação. Eles já estão disponíveis e conjunto ideal de operações humanas para efetuar a tradução do os motivos de longo alcance nos comportamentos que constituem a interação e fornecem diretrizes para o fluxo de todo o processo.

As virtudes de “bagunçar”

Não existe um cuidador ideal que seja extremamente sensível a todos os comportamentos infantis e que responda de acordo. Tal pessoa e tal situação são inconcebíveis devido à natureza das interações sociais. Tanto a mãe como o bebê, ao tentarem constantemente ajustar o seu comportamento ao do outro, estão em contínuo

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

fluxo. A gama de estímulos que a mãe fornece ao bebê e o nível de atenção, excitação e afeto do bebê cai repetidamente abaixo de algum nível ideal onde o interesse é perdido, e sobe repetidamente acima de algum nível ideal onde a aversão ativa ou a terminação são executadas. Em ambos os casos, tanto a mãe como o bebê podem reajustar seu comportamento para trazer o nível temporariamente de volta a um nível faixa ideal, onde flutua até que os limites sejam novamente excedidos. Essa é a natureza de um sistema de correção de metas. Muito de o jogo é gasto cruzando e recruzando os limites superior e inferior, bem como dentro da faixa ideal.

As virtudes de "bagunçar" são simples. Por bagunçar, quero dizer que a mãe, de forma mais consistente do que o habitual, ultrapassa ou ultrapassa os limites de tolerância do bebê. Em primeiro lugar, apenas quando um limite é excedido se o bebê for forçado a executar algum enfrentamento ou manobra adaptativa para corrigir ou evitar a situação ou para sinalizar para a mãe altere o ambiente de estímulo imediato. O in-comportamentos fantásticos, como quaisquer outros, requerem prática constante, constante oportunidades sob condições ligeiramente diferentes para se tornarem comportamentos adaptativos totalmente desenvolvidos. Em segundo lugar, a menos que a mãe frequentemente corre o risco de exceder um limite, seja por projeto ou erro de cálculo, ela será incapaz de ajudar a esticar e expandir o crescimento do bebê faixa de tolerância à estimulação.

Deste ponto de vista, a mistura de dias ruins, dias bons, dias ruins humor, bom humor, agir, fingir e compensar demais fazem parte do panorama necessário dos eventos reais que ajudam o bebê a adquirir habilidades interpessoais para lidar com interações sociais.

6

Estrutura e Tempo

Um período de interação social é a maior unidade da atividade com a qual estamos preocupados. Geralmente chamamos esses períodos de jogo períodos, porque envolvem essencialmente uma forma inicial de brincadeira restrita ao uso de comportamentos sociais. Por período de jogo quero dizer simplesmente um período de tempo limitado, de segundos a muitos minutos, quando um ou ambos os membros concentram sua atenção no comportamentos *sociais* do outro parceiro e reagir a esses comportamentos com comportamentos *sociais* próprios. Durante o primeiro semestre de vida, essas interações lúdicas são diferentes das formas posteriores de brincadeira, na medida em que eles são realizados sem recurso a quaisquer brinquedos ou artefatos ou regras do jogo. A interação se dá com movimentos interpessoais.

Dado o dia incrivelmente ocupado de uma mãe (ou de qualquer escola primária cuidador), não há muito tempo para brincadeiras depois de todas as funções inescapáveis de alimentar, trocar fraldas, deitar, sem falar nas atividades não relacionadas ao bebê. No entanto, os períodos de jogo não requer um intervalo específico na programação do dia. São períodos que são levados ou roubados ou geralmente surgem espontaneamente no curso de outras atividades e eclipsar essas atividades por um tempo.

Algumas mães programam, na medida do possível, seus períodos de brincadeira com bastante regularidade. Alguns acham que o bebê está mais pronto para brincar alguns minutos antes das mamadas. Outras crianças têm muita fome e

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

exigente então, mas jogará por minutos a fio no meio de um alimentando-se quando a fome está acabando. Outros jogam melhor depois alimentação e antes de dormir. Outros pares aproveitam períodos de brincadeira desde a troca de fraldas ou, mais frequentemente, sequências de banho. Geralmente, mães e os bebês utilizarão toda e qualquer oportunidade para se entregarem a um jogo. Para nossos propósitos, não importa muito quando uma peça ocorre o período. Uma vez iniciada, todas as outras tarefas externas em curso paralisam e os eventos interpessoais focados que caracterizam o jogo social assumem o controle e são essencialmente os mesmos, não importa o que estava acontecendo antes ou o que será retomado mais tarde.

Pode parecer estranho que estes períodos de jogo, que são de tal importância crucial para o desenvolvimento, não recebem o status de atividades regularmente estruturadas, mas muitas vezes são introduzidas ou irrompeu de forma não planejada no decorrer de outras atividades. Na verdade, porque a brincadeira mútua só pode ocorrer quando o bebê está acordado e alerta, que é uma pequena parte do seu dia, uma parte bastante considerável de seu tempo ativo é gasto em brincadeiras sociais. Assim, mesmo sendo uma atividade que às vezes pode parecer passageira e infrequente, e estagnada nos espaços entre outras atividades, ocupa uma impressionante porcentagem da experiência de mundo da criança. Na verdade, como temos visto, tanto a capacidade de resposta da mãe quanto do bebê a cada outros são pré-projetados para maximizar as chances de que esta atividade mútua "decole" dada a menor desculpa ou, mais precisamente, dada uma ampla gama de condições de eliciação adequadas.

O período de jogo

Os períodos de brincadeira invariavelmente começam com a mãe e o bebê pegando um olho de outro. Há então um momento de olhar mútuo. O que se segue imediatamente a esse momento determinará se um período de jogo começará ou não. Se a mãe ou o bebê desviarem o olhar, por

ESTRUTURA E TEMPO

seja qual for o motivo, o período de jogo geralmente é abortado, pelo menos por enquanto. Se eles mantiverem o olhar, ambos deverão sinalizar um ao outro que estão prontos para se envolverem em uma interação social. A mãe sinaliza com uma versão da exibição facial geral que envolve levantar as sobrancelhas, arregalar os olhos, abrir a boca e reposicionar a cabeça, como numa falsa surpresa. O bebê ao seu lado, especialmente à medida que a excitação aumenta, executa sua versão do que parecem ser comportamentos semelhantes. (Estes provavelmente derivam com poucas mudanças da resposta de orientação.) Seus olhos se abrem mais, suas sobrancelhas, na medida em que ele pode controlá-las, movem-se incertas para cima e para baixo, muitas vezes há abertura de boca e sorriso, e a cabeça se reorienta para alcançar uma posição de rosto inteiro. Isso às vezes parece um balançar de cabeça para frente e para trás para "chegar em casa". Às vezes a cabeça e

tensão do pescoço para frente em um movimento de aproximação. Esses movimentos e exibições são o sinal correspondente de iniciação do bebê para a mãe. Depois que esses sinais forem trocados e o olhar mútuo for mantido, o período de jogo começa e começa.

É importante notar que enquanto tudo isso acontecia (pode ter durado apenas um segundo ou mais, já que ambas as exibições são realizadas quase simultaneamente), dois outros eventos essenciais para o período de jogo foram realizados. Primeiro, durante a troca de "saudação" ou sinalização de prontidão, todas as outras atividades terão cessado e cada parceiro terá captado toda a atenção do outro.

Em segundo lugar, o próprio desempenho dos comportamentos iniciais provocou uma reorientação, de modo que ambos os parceiros assumiram uma posição frontal. Lembre-se de que nesta posição as mudanças nas expressões faciais, no olhar e nos movimentos da cabeça serão mais visíveis e potentes como sinais.

É claro que nem todas as sessões de jogo começam com tanto entusiasmo mútuo e sinalização simultânea de prontidão. Muitas vezes há falsos começos, geralmente com a mãe iniciando e

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

o bebê recusando-se a olhar ou cumprimentar. Depois de vários falsos começa a interação pode continuar. Muitas vezes são necessários para despertar o bebê para um estado de alerta suficiente para poder interagir.

Todo o período de jogo (se for suficientemente longo) é subdividido em duas unidades menores que se alternam: episódios de engajamento, que estão preenchidos com o fluxo de comportamentos sociais; e episódios de intervalo que têm mais a qualidade de descansos e silêncios para reajustar a interação antes de se engajar novamente.

um episódio de noivado

Um episódio de engajamento tem as seguintes características: É uma sequência de comportamentos sociais de duração variável delimitada por características claras. pausando o tempo em ambos os lados. O episódio é geralmente introduzido com comportamento de "saudação" por parte da mãe, menos frequentemente por parte do do bebê. Desta forma, o início de cada episódio de envolvimento é como no início da sessão de jogo, exceto que as exibições de saudação tornam-se menos cheias e exageradas. Mesmo assim, algumas mães essencialmente cumprimentará seu filho no início de cada episódio - o que pode acontecer várias vezes por minuto. Durante um episódio de engajamento, o cuidador produz comportamentos discretos, vocalizações ou comportamentos não-verbais, ou ambos, em um ritmo surpreendentemente regular, de modo que cada episódio tenha seu próprio ritmo. A regularidade de ritmo foi uma surpresa, talvez em parte porque uma mãe pode e altera o grau de estresse, ou vigor, ou amplitude dos movimentos e sons de momento a momento, dando assim a impressão de mudar o andamento sem realmente fazê-lo.

Cada cuidador pode alterar o ritmo de um episódio de envolvimento para o próximo e certamente possui uma ampla gama de características andamentos. É interessante especular se existem faixas características para indivíduos, ou culturas, ou idades infantis, e o que pode quais serão as consequências de desenvolvimento de tais diferenças. A importância

ESTRUTURA E TEMPO

O ponto importante é que, para uma determinada díade, uma vez estabelecido um ritmo para uma episódio particular, geralmente é mantido. A descoberta de uma taxa de comportamento relativamente regular durante episódios de envolvimento aplica-se para comportamentos vocais e não vocais. A “adição” de som ao movimento não altera o andamento. Seja falando ou apenas movendo-se, o cuidador fornece ao bebê explosões discretas de comportamento humano que ocorrem em intervalos aproximadamente regulares. De acordo, durante cada episódio, o bebê experimenta um mundo de estímulos suficientemente previsível a partir do qual pode formar expectativas.

Grande parte do comportamento humano tem esta característica de se desenvolver em taxas que flutuam, mas apenas dentro de certos limites a um preço previsível tempo. Tenho a impressão de que os adultos geralmente estabelecem mais ritmos comportamentais regulares ao interagir com bebês em comparação com outros adultos. Em qualquer caso, um aspecto importante do mundo de estímulos da criança é o padrão temporal desse mundo. Esse aplica-se aos comportamentos humanos, bem como a todos os outros eventos de estímulo. Isto é provável que a variedade de ritmos dos comportamentos dos cuidadores e a extensão das flutuações momentâneas na taxa são bem adequadas ao estruturas temporais de percepção e processamento do bebê. Nosso conhecimento dos processos atencionais e cognitivos de uma criança preveria que um processo temporal geralmente regular, com variabilidade limitada, mas quase constante, seria mais adequado para obter e prendendo sua atenção do que um método precisamente fixo e completamente redundante processo ou um processo completamente imprevisível. Nós esperaríamos que eventos humanos biologicamente importantes, como tentativas de comunicação e estabelecimento de vínculos afetivos, seriam padronizados em tempo, de modo a corresponder bem aos vieses de resposta inatos do bebê. Aceitamos agora que o desenho do rosto humano é tal que as suas características de estímulo visual correspondem de perto às características visuais inatas evoluídas. preferências do bebê humano. Estou aqui ampliando esse conceito para incluir o padrão temporal dos comportamentos sociais humanos.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

O que esse ritmo bastante regular pode significar para o bebê é intrigante. Uma tendência central da vida mental do bebê é a formação e o teste de hipóteses. A criação de expectativas (temporais e outros) e a avaliação de desvios ou discrepâncias em relação ao esperado constituem uma parte crucial deste processo central de tendência. Conseqüentemente, um estímulo temporal ideal não pode ser absolutamente regular e fixo. Se fosse, não haveria desvios para avaliar e nada para continuar a envolver o processo mental do bebê. Ele se habituaria rapidamente. Se, por outro lado, os desvios do esperado eram muito grandes ou irregulares para ele abrangesse, então ele seria presumivelmente incapaz de percebê-los como desvios. Ou seja, eles não estariam relacionados ao referente esperado. Mais uma vez, o seu interesse e envolvimento cognitivo não puderam ser mantidos. Nossa noção atual dos processos cognitivos da criança exige, portanto, que um estímulo temporal mais adequado para manter o interesse e o envolvimento teria que ter um andamento geralmente regular (para permitir a formação de expectativa), mas com uma variabilidade limitada, ou pelo menos legal (para envolver e manter seus processos avaliativos). Os ritmos que as mães estabelecem durante estes episódios de envolvimento são idealmente adequados para manter a atenção e o envolvimento cognitivo.

Finalmente, durante um episódio de noivado, geralmente só há uma intenção principal, como obter ou manter a atenção do bebê, ou entrar em um jogo como perseguir a mãe, esquivar-se do bebê. A intenção principal do episódio geralmente é representada com apenas uma parte selecionada do repertório total de comportamentos do parceiro. Nesse sentido, um episódio de engajamento é um tanto análogo a um parágrafo escrito: é como uma unidade temática.

um episódio de intervalo

Um episódio de castigo consiste em um relativo silêncio comportamental, onde há tanto silêncio vocal quanto uma relativa cessação do movimento contínuo.

ESTRUTURA E TEMPO

momentos.¹ Essas pausas no fluxo contínuo são necessariamente mais longas em duração do que qualquer uma das pausas dentro da sequência de comportamentos distintos que constituem um episódio de envolvimento, e descobrimos que elas quase sempre têm duração superior a três segundos. Tempos limite também são geralmente acompanhados por uma interrupção na atenção visual prestada ao bebê. Geralmente, isso envolve simplesmente que o cuidador desvie o olhar do bebê e concentre sua atenção em outro lugar. Mudanças na atenção visual do rosto do bebê para outro corpo partes também podem constituir tal interrupção. Em ambos os casos há não precisa haver uma mudança no nível de atividade comportamental materna. Mas a direção ou o foco dos seus atos serão alterados.

A maioria dos episódios de castigo parece envolver uma mudança na atenção foco e atividade comportamental juntos. Um exemplo comum é quando o cuidador simplesmente se recosta na cadeira por um momento, em silêncio, muitas vezes olhando para outro lugar e esperando antes de voltar a chamar sua atenção e reiniciar uma nova sequência de comportamentos.

O episódio de noivado e o subsequente episódio de castigo parecem funcionar como unidades de sintonia na regulação da interação. Durante cada episódio de envolvimento, tanto a mãe quanto o bebê estão tentando permanecer dentro dos limites dos intervalos opcionais de excitação e afeto. Os episódios de noivado chegam ao fim quando um limite superior ou inferior foi excedido ou ameaça ser. Mais frequentemente, o bebê sinaliza isso. Durante o subsequente No episódio de castigo, a situação interpessoal pode ser reavaliada (quase sempre fora da consciência), ou seja, a tendência interativa em relação aos níveis e direção da atenção, excitação e afeto pode ser avaliado e, com base nesta informação, novos resultados imediatos estratégias de correção de metas são formuladas e então testadas durante o próximo episódio de noivado e assim por diante. Cada episódio de noivado oferece assim a oportunidade de “reiniciar” a interação em um rumo diferente. É importante observar que os intervalos de tempo limite são também momentos de reajuste ou redefinição potencialmente importantes. Muito de-

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

dezo o cuidador usa essas cessações relativas na interação para acalme a interação.

a corrida repetitiva

A corrida repetida é uma série de comportamentos repetidos que ocorrem em o curso de toda a sequência de comportamentos que compõem um episódio de engajamento. A maioria dos episódios incluirá muitas execuções repetitivas separadas. Uma das características comuns, mas marcantes, o que uma mãe realmente faz durante uma sessão de brincadeira natural com ela infantil é a repetitividade de seu comportamento. Essa repetitividade é aparente tanto no que ela diz ao bebê quanto no que ela faz com ele.

seu rosto, cabeça e corpo. Snow, entre outros, comentou sobre o uso da repetição pelas mães para facilitar a aquisição da linguagem e compreensão na criança que está aprendendo a falar.²

O fenômeno que desejo focar, contudo, é um pouco diferente e mais geral. O comportamento materno manifesta ou utiliza a repetição em todas as modalidades: vocalização; movimento; expressão facial; estimulação tátil e cinestésica. Além disso, as mães utilizam a repetição nos primeiros momentos do desenvolvimento do bebê (isso pode ser visto em berçário de recém-nascidos) onde considerações como tentar obter o bebê aprender um elemento repetido não pode estar em questão. O uso "instrucional" da repetição pode ser melhor considerado como um recurso especial. uso deste fenômeno mais geral.

A extensão da repetição por parte das mães é impressionante. Nós descobrir que, quer medimos comportamentos verbais ou comportamentos não-verbais, Por exemplo, até 30% de todas as expressões vocais ou de todas as exibições ou movimentos faciais (digamos, um aceno de cabeça) são repetições do que foi imediatamente dito. comportamento anterior. A corrida repetitiva média é um pouco mais do que três unidades de comprimento.

Por que as mães se repetem tanto é uma questão interessante. Além de tentar chamar a atenção do bebê, o mais simples A resposta é provavelmente que eles ficam sem coisas diferentes para dizer e

ESTRUTURA E TEMPO

fazer em uma situação onde na verdade importa muito pouco, se é que importa, o que eles dizem, desde que continuem recebendo o estímulo. Esta explicação pode parecer tornar o fenômeno da repetição sem importância – o que não é de todo o caso. O que é muito importante é o sons que ela faz, não as palavras que ela diz. A partir deste ponto de vista a corrida repetitiva assume sua importância como unidade estrutural e funcional na interação.

Todo o fluxo de comportamentos sociais maternos pode ser comparado a um sinfonia, em que os elementos musicais são suas mudanças faciais expressões, vocalizações, movimentos e toques. Por analogia, até até este ponto, nos preocupamos apenas com as diferentes notas e frases que ela usa, sua variedade de volume, qualidade e duração, e também na variedade de instrumentos de seu repertório. Nós somos apenas agora ficando preocupado com a forma como esses elementos são estruturados a tempo de produzir unidades maiores. Acabamos de considerar como diferentes andamentos são construídos e podem funcionar. A corrida repetitiva fornece à mãe meios para criar temas e variações. A maioria das execuções repetitivas não repete a unidade exatamente, e algumas variações são introduzidas progressivamente, como “Olá... Oláoo... Olá!

A característica crucial da corrida é que ela consiste em uma apresentação do estímulo imediatamente seguida por uma representação do estímulo, inalterado ou ligeiramente alterado. A forma geral pode ser conceituada como afirmação e reafirmação de um tema com ou sem variações. Mais da metade das corridas, vocais e não-verbais, envolvem variações. Esta forma de tema e variação, criada pelos cuidadores com seus próprios comportamentos, pode assumir diversas formas. O tema e a variação pode mudar de corrida para corrida. Podem ser os sons que variam ligeiramente em cada apresentação sucessiva, ou o estresse, ou o tom, ou a intensidade, ou vários destes ao mesmo tempo. Ou o cuidador pode mudar para um formato diferente de tema e variação onde o tempo se torna a variação, por exemplo, “Oi querido...

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Oi, querido Oi, querido Oi, querido." Isto é como o inverso da música. Em vez de a batida permanecer a mesma enquanto o a letra ou a melodia mudam, isso é semelhante a uma música em que a letra são a batida que mantém a regularidade da estrutura, enquanto o intervalo de tempo é o elemento que muda. Muitos tipos de uso de música esta forma invertida de tema e variação.

De qualquer forma, o cuidador dispõe de uma ferramenta poderosa na tarefa repetitiva correr. Isso permite que ela apresente e represente de forma ligeiramente variada todo e qualquer aspecto do comportamento comunicativo e expressivo humano. Como todo ato social importante tende a ser repetido ao longo do tempo, e de novo, com todas e cada uma de suas propriedades comunicativas variado, o bebê pode acomodar melhor cada vez mais categorias de diferentes comportamentos humanos e ampliar constantemente o escopo dessas categorias. Assim, o cuidador, ao tentar envolver o bebê e se divertir, além de superar o tédio, criará temas e variações de som e movimento que a criança, em virtude de a natureza de seus processos mentais, irá gradualmente se retranspor para as classes de comportamento social humano que ele deve compreender e se envolver no.

Um mundo em uma fração de segundo

Mãe e bebê, como todos os seres humanos, interagem socialmente numa fração de segundo mundo. Nossos comportamentos sociais passam rapidamente e são percebidos mais rapidamente do que geralmente imaginamos. A vocalização materna média ou a exibição ou movimento facial dura menos de um segundo. Então faça o comportamentos correspondentes do bebê. Em um cuidadoso filme quadro a quadro análise de uma interação lúdica, a grande maioria dos comportamentos maternos e infantis tinham duração entre 0,3 e 1,0 segundos.³

A maneira como os comportamentos interativos são estruturados no tempo influencia muito a maneira como pensamos que a interação funciona e quais modelos adotamos. inventar para explicar seu funcionamento. Às vezes, os comportamentos interativos são

ESTRUTURA E TEMPO

bem e ordenadamente separados no tempo. Por exemplo, o comportamento de uma mãe ocorre e é seguido por um comportamento do bebê que, após um ligeiro atraso é seguido pelo próximo comportamento da mãe, e assim por diante. Nisso sequência temporal é fácil conceber cada comportamento como uma resposta ao comportamento anterior e, ao mesmo tempo, um estímulo para o comportamento subsequente. Uma cadeia de estímulo-resposta, com o clareza conceitual de uma partida de tênis onde a bola volta e transmitido de um tribunal para outro, é o modelo explicativo mais razoável de como a interação funciona casualmente – e qual é o seu significado. o formato é coreograficamente. Este é um modelo com o qual estamos tudo bastante confortável. Contudo, os acontecimentos tal como os encontramos não são tão ordenadamente. Na maioria das vezes, pelo menos durante um episódio de envolvimento, os comportamentos da mãe e do bebê se sobrepõem. Mesmo assim, muitas vezes há tempo suficiente (tempo de reação) entre o início do comportamento de um membro e o início do comportamento do outro, de modo que podemos chamar o segundo comportamento uma resposta ao primeiro. O modelo permanece intacto. Frequentemente, porém, não há tempo suficiente entre o início da o comportamento de cada parceiro para pensar em termos de uma resposta (o tempo entre os ataques é menor que os tempos de reação conhecidos). Apresentando mesmo mais problemas, os dois parceiros podem começar a agir precisamente mesmo instante, e nosso modelo de uma cadeia simples de estímulo-resposta começa a ter sérios problemas.

Quando a mãe e o bebê agem de forma sincronizada e bem sob tempo de reação, então somos forçados a pensar que eles estão seguindo um programa compartilhado. Uma analogia melhor para este modelo é a valsa, onde ambos os parceiros sabem de cor os passos e a música e podem, portanto, mover-se precisamente juntos, em oposição à analogia da cadeia estímulo-resposta com uma partida de tênis. Como podemos conciliar essas diversas visões ou explicações do funcionamento interno do dança interativa entre pessoas? Para maior clareza posterior, é vale a pena complicar a imagem com um olhar mais atento para o temporal domínio de vários outros exemplos de trocas interpessoais.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Onde, no tempo e qual em substância, está o principal estímulo social? A resposta nem sempre é simples. Por exemplo, se você vir alguém que você conhece e que não vê há algum tempo se aproximando de você no rua, você tem um programa ou expectativa bastante exato com base em seu relacionamento anterior e o tempo decorrido desde a última vez que você se conheceu, de a quantos metros de distância, na aproximação, vocês dois dirão "oi", quanto tempo o "oi" deve durar e quanta animação deve transmitir. Se com base na sua compreensão de onde está o relacionamento, você atua e espera um "oi" de pelo menos 0,5 segundo, Se você receber um "oi" de 0,3 segundo, provavelmente irá embora se perguntando se há algum problema e rapidamente voltará para a página. eventos desde sua última reunião. Por outro lado, se o "oi" durou 0,8 segundos em vez dos 0,5 esperados, você deve estar se perguntando "O que foi isso?" ou, dado outro contexto, "o que eles querer?"

O ponto importante sobre tais experiências, que muitas piadas são construídos, é que não é o evento de estímulo aparente em si (o "oi") que é mais relevante e respondido, mas sim a extensão para o qual um programa bem conhecido (antecipado) é desviado. A incompatibilidade temporal de algumas centenas de milissegundos entre o estímulo falado e o estímulo esperado torna-se o estímulo efetivo evento de estímulo. Além disso, o evento de estímulo efetivo não Ocorre até *que* o "oi" de 0,3 segundo termine e só comece a ocorrer 0,5 segundo após o "oi" muito longo. Grande parte do uso sutil ou abuso de boas maneiras (programas convencionais compartilhados) ocorre neste domínio de fração de segundo. Neste caso, só podemos compreender um estímulo e uma resposta em termos da sua relação com um programa comportamental realizado.

Outro exemplo, de uma troca humana diferente e um tanto improvável, uma luta de boxe, exemplifica bem os problemas e complexidades na compreensão de interações bem coordenadas. Em um ponto eu estava interessado, por razões não relacionadas, em saber quão rápido um

ESTRUTURA E TEMPO

humano poderia executar um grande movimento de braço. Para fazer isso analisei um filme de boxe de Muhammad Ali, e contou quantos filmes frames que ele levou para lançar um jab de esquerda (1/24 de segundo). Ele supostamente deu um dos golpes mais rápidos da história dos pesos pesados. Durante a primeira rodada ("fresca") do Ali-Mildenberger luta pelo título mundial dos pesos pesados em 1966, 53 por cento de todos os sobreviventes de Ali os jabs tiveram duração mais curta do que o tempo de reação visual mais rápido geralmente acordado de 180 milissegundos (ver Figura 7). Por isso Na verdade, 36% dos golpes de Mildenberger foram mais rápidos que 180 milissegundos, e ele não era conhecido por sua velocidade. A questão desse aparente desvio é que um soco no boxe não pode ser considerado o estímulo ao qual a resposta é uma esquiva ou bloqueio, mesmo que isso é o que o bom senso teria adivinhado. De acordo com o nosso conhecimento do tempo de reação (o tempo desde a primeira visão do estímulo ao *início* da resposta), pelo menos 53 por cento ou mais dos golpes de Ali deveriam ter se conectado, quando na verdade muito poucos o fizeram. Pode-se argumentar que Mildenberger estava respondendo a algum estímulo, alguma sugestão, que precedeu o jab real. Contudo, um lutador do calibre de Ali não telegrafar seus golpes com antecedência e, conseqüentemente, a tentativa de olhar para trás no tempo para descobrir *que* o evento de estímulo efetivo seria muito provavelmente falhará. Mais uma vez somos forçados a olhar além *de um* estímulo e *uma* resposta, isolada, e deve visualizar seqüências maiores de comportamento padronizado (programas). É mais razoável considere um soco ou uma esquiva como uma tentativa de sondar hipóteses ou gerar por parte de cada lutador para compreender e prever o seqüências comportamentais de outro homem – ou forçá-lo a um repertório mais restrito de programas que é, portanto, mais previsível. Visto desta forma, o soco bem-sucedido reflete a habilidade de um lutador. capacidade de decodificar a seqüência comportamental contínua do outro lutador, para que o próximo movimento do outro lutador seja corretamente antecipado no tempo e espaço. O que é verdadeiramente surpreendente é como os humanos especialistas conseguem adquirir rapidamente "mapas" temporais e espaciais do ser de outra pessoa.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

seqüências comportamentais, mesmo quando um ponto importante de uma atividade como boxe é manter as seqüências comportamentais em fluxo constante e tão imprevisível possível.

O exemplo do boxe é instrutivo ao demonstrar quão previsíveis são realmente os nossos programas comportamentais, mesmo quando foram concebidos para não o serem. Em contraste, então, quando o objetivo de uma atividade é

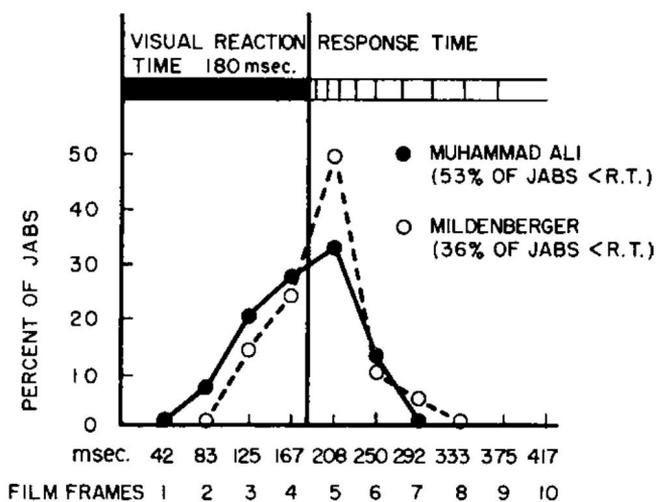


Figura 7. A duração de um jab no primeiro round do Muhammad Luta pelo título mundial dos pesos pesados Ali-Mildenberger, 1966.

exibir e compartilhar programas comportamentais, a velocidade e precisão com O fato de podermos formar um esquema temporal-espacial do fluxo comportamental de outra pessoa não é tão surpreendente.

Voltemos novamente à valsa como exemplo de partilha de um conjunto programa. Nos exemplos anteriores do "oi" e do boxe correspondência, descobrimos que precisávamos introduzir a noção de programas. Quando olhamos atentamente para a valsa como um exemplo óbvio de um programa partilhado, descobriremos que temos de trazer de volta alguns

ESTRUTURA E TEMPO

explicações diretas de estímulo-resposta. Podemos começar em qualquer ponto da valsa. O parceiro líder deve indicar ao parceiro seguinte, no final de um compasso, para que lado ele irá virar ou girar. Este sinal é transmitido através da pressão da mão, inclinação do corpo e outros. Uma vez respondido esse estímulo e definido o rumo imediato, os dois parceiros podem seguir o programa conhecido e mover-se em sincronia durante um curto período, “um, dois, três – um, dois, três”, até que um novo ponto de decisão seja alcançado. Alcançado no final de um ou dois compassos; um novo intercâmbio estímulo-resposta redefine a direção geral do movimento que os dois tomarão quando reentrar na porção programada conjuntamente de “um, dois, três”. Quanto mais eles dançam juntos, mais longas seqüências de padrões programados eles podem encadear sem exigir um estímulo principal e uma resposta seguinte.

Parece que praticamente todas as atividades humanas sociais complexas, incluindo a maioria das trocas interpessoais, exigem a consideração simultânea de seqüências comportamentais programadas e do paradigma estímulo-resposta. Em todas as situações que encontramos, ambos estão operando. Em alguns momentos, a interação é melhor conceituada (e vivenciada?) como um processo diádico estímulo-resposta e em outros momentos como uma seqüência comportamental diádica programada. Ele alterna para frente e para trás.

Há uma suposição importante subjacente a toda a discussão até este ponto. É que os adultos (e provavelmente as crianças) têm a capacidade de estimar e reproduzir com bastante precisão intervalos de tempo e seqüências de intervalos de tempo. Sem capacidades consideráveis neste domínio, a diferença de 200 milissegundos entre um “oi” falado de 0,3 segundos e um “oi” esperado de 0,5 segundos nunca poderia constituir um evento de estímulo; nem um lutador poderia acertar um soco bem-sucedido a menos que pudesse estimar com precisão onde o alvo estará exatamente em tantos milissegundos no futuro; nem a valsa poderia ser executada em conjunto. Como veremos, a criança deve ser semelhante

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

equipado de alguma forma para lidar com o mundo temporal de suas interações sociais.

Portanto, devemos explorar o que se sabe sobre o tempo humano para ajudar a apontar o caminho para uma maior compreensão desses eventos. Nós sabemos a partir de estudos sobre as capacidades do adulto para estimar e antecipar intervalos de tempo, que possuímos vários modos diferentes de temporização. Para intervalos de tempo muito curtos abaixo de 550 milissegundos, temos disponível um método chamado Absolute Timing com o qual somos extremamente preciso na estimativa ou reprodução desses intervalos curtos.⁴ Um dos as características do Absolute Timing é que dentro desta faixa temos a mesma pequena variabilidade ou erro na estimativa, independentemente do duração do intervalo que está sendo cronometrado. Em outras palavras, ao estimar um intervalo de 250 milissegundos, poderíamos estar errados em, digamos, 15 milissegundos em ambos os lados, e ao estimar um intervalo de 500 milissegundos, estaríamos desligados nos mesmos 15 milissegundos.

A maior parte da música é tocada nesta faixa de temporização máxima precisa coberta pelo processo Absolute Timing. O intervalo entre batidas em uma variedade de músicas abrangidas por adagio, andante, allegro e presto é de 0,63 a 0,29 segundos. Dentro desta faixa, desvios muito pequenos da regularidade do batimento são facilmente detectáveis e podemos antecipar com extrema precisão o próximo batimento.

Quando os seres humanos têm que estimar intervalos de tempo maiores do que cerca de meio segundo, diferentes modos de cronometragem são utilizados. Os dois mais bem estudados são Poisson Timing e Scalar Timing.⁵ Um Uma das características importantes de ambos os modos de cronometragem é que, ao contrário do Tempo Absoluto, à medida que a duração do intervalo a ser estimado aumenta, a precisão da estimativa aumenta progressivamente. menos, mas de maneiras diferentes para cada um.

Temos muito poucas evidências diretas sobre o momento em que o bebê capacidades. No entanto, é difícil compreender como é que a criança poderia reagir como o faz, bem como começar a compreender o seu universo social, se

ESTRUTURA E TEMPO

ele (ou seu sistema nervoso, se preferir) não era capaz de alguma operações de estimativa de tempo bastante impressionantes. Afinal, cada evento, incluindo os comportamentos sociais complexos de cuidadores e bebês, desdobra-se na dimensão do tempo, e o próprio timing dos comportamentos sociais muitas vezes detém a chave para o valor do sinal, o significado ou o efeito. Além disso, como foi apontado, os tipos de interações possíveis dependem, em grande medida, das habilidades existentes entre os indivíduos. parceiros para antecipar (fazer uma estimativa de tempo) quando o próximo comportamento deve ocorrer. O compartilhamento de programas de sequências comportamentais depende disso.

O que sabemos sobre o uso do tempo na relação cuidador-bebê interações sociais? Os cuidadores, ao brincarem com bebês, dependem consideravelmente do canto e de outras formas regulares e rápidas de estimulação sonora, como bater palmas, cacarejar, clicar, “tsking”, quase todas. que têm um andamento mais rápido que uma batida a cada meio segundo. Além disso, os cuidadores parecem utilizar eficazmente o desvio ou a mudança progressiva no ritmo, ou às vezes uma mudança súbita, mas pequena, no ritmo. ritmo, para influenciar o estado contínuo de excitação ou afeto do bebê. Isto sugeriria que dentro desta faixa de intervalos, de menos de um meio segundo, com estimulação repetida o bebê fica condicionado à batida: ele forma expectativas temporais de quando o a próxima batida cairá e responderá, em algum nível, a pequenas mudanças no ritmo.

Isso acontece em uma variedade de situações comuns. Por exemplo, quando uma criança fica superexcitada e começa a emitir o “ah ah ah” som do grito agitado, o cuidador muitas vezes acelera seu ritmo de comportamento para “superar” ou substituir o do bebê. Ela então lentamente e diminui progressivamente o ritmo de sua fala ou movimento e ao fazer isso, atua como um marca-passo para acalmar ou acalmar o bebê. Isto soa como: “Ei. Ei. Ei. Sim . . . Sim . . . OK . . . lá..... aqui vamos nós Sim isso é melhor agora. . . . o que era

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

o assunto, querido? Da mesma forma, o cuidador pode usar este formato geral ao contrário, para ajudar a despertar o bebê e aumentar o seu nível de excitação. citação.

A questão do momento do bebê também é bastante relevante para o importante uso da corrida repetitiva. A corrida permite que o cuidador apresente estímulos sociais em forma de tema com variações. Um dos principais variações nas repetições subsequentes geralmente são o próprio tempo. Um de as ilustrações mais dramáticas disso nos trazem de volta a um exemplo usado em um capítulo anterior: o jogo repetido “Eu vou te pegar”:

“Eu vou pegar você... eu vou te pegar... eu vou boooooonnaaa, pegue você. Nessa sequência, o cuidador “estica” progressivamente o intervalo do batimento antecipado e ao fazê-lo aumenta o grau de discrepância entre o esperado e a excitação do bebê. Contudo, não poderia haver tal efeito, a menos que a criança tenha algum mecanismo para cronometrar a batida e formar um estimativa temporal de quando a próxima batida deve cair. A diferença entre a estimativa do bebê e o atraso no desempenho da mãe é o que constitui a discrepância cheia de suspense e emocionante.

Durante um episódio de envolvimento, os cuidadores geralmente estabelecem um ritmo aproximadamente regular de produção comportamental, seja na voz ou modo não-verbal ou ambos. Além disso, vimos como alguma regularidade era essencial para permitir a possibilidade ou necessidade de formação de expectativas (geração de hipóteses) e também que uma certa quantia A existência de uma variabilidade pequena, mas legal, em torno do ritmo médio era essencial para envolver e manter os processos avaliativos do bebê. Conseqüentemente, o bebê é exposto ao ritmo um tanto variável de uma série de comportamentos do cuidador.

O problema de tempo para o bebê é este. De episódio para episódio, o cuidador pode mudar o ritmo de seus comportamentos. Ela pode acelerar ou desacelerar. Por exemplo, ela pode deixar de produzir um comportamento (digamos, uma expressão) aproximadamente a cada dois segundos para um taxa mais lenta de um a cada três segundos. Quando o intervalo entre

ESTRUTURA E TEMPO

comportamentos fica maior que meio segundo, a capacidade de estimar quando o próximo comportamento cairá torna-se menos preciso. Em outras palavras, a variabilidade na estimativa torna-se maior à medida que o intervalo até ser estimado torna-se mais longo. Quando a mãe faz uma mudança de ritmo, a criança precisa ter alguma maneira de descobrir qual é o novo tempo e quanta variação no novo andamento é aceitável ou apropriado ao novo ritmo.

Recentemente medimos vários andamentos diferentes que as mães usam e a quantidade de variabilidade associada a cada andamento. À medida que o intervalo entre os comportamentos maternos aumentou, o padrão de desvio em relação ao andamento aumentou proporcionalmente à medida que o intervalo ficou mais longo.⁶ As mudanças nos ritmos maternos e sua variabilidade seguiram o modelo de um processo de temporização escalar. Conseqüentemente, postulamos que a criança poderia muito bem ter um cronômetro de unidade escalar para estimar comportamentos sociais na faixa além de meio segundo. Um cronômetro assim "age" como um elástico com um ponto no meio para que, quer está expandido ou contraído, o ponto está sempre no meio. Da mesma forma, o temporizador da unidade pode ser definido, expandido ou reduzido para uma unidade de tempo a ser estimado, de modo que a variabilidade apropriada em torno da unidade a ser cronometrada também se expande ou contrai proporcionalmente ao tamanho da unidade. Se o bebê tiver um cronômetro de unidade escalar, o cuidador pode mudar para qualquer ritmo e o bebê reajustará o cronômetro da unidade para estimar a nova batida média e a nova faixa de variabilidade apropriada à nova batida. Desta forma, a sua capacidade de formar expectativas e de avaliar desvios do esperado permanecerá intacta em toda a ampla gama de ritmos comportamentais que um cuidador pode usar. Além disso, a menos que a criança estivesse equipada com este tempo processo, ou semelhante, ele só poderia reagir - seguir ou liderar - a cuidadora, mas nunca dance *com* ela.

A capacidade de estimar e antecipar intervalos de tempo relaciona-se claramente e até determina os vários tipos de processos interativos possíveis. Sabemos que mães e bebês podem e

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

execute sequências de estímulo-resposta encadeadas. Sabemos também que às vezes eles executam em conjunto sequências que exigem “conhecimento” antecipado do fluxo comportamental do outro. Finalmente, sabemos que grande parte do processo social interactivo entre eles envolve a mudança subtil e suave de e para um padrão de interacção para outro, de modo que o fluxo interactivo continue ininterrupto. Contudo, ainda precisamos de saber muito mais sobre a natureza e a extensão das capacidades de timing da criança que lhe permitem participar no intrincado processo de troca interpessoal e formar as representações mentais internas sobre as quais se constrói uma relação.

7

Da interação ao relacionamento

Até aqui estivemos falando sobre interações bebê-cuidador. Devemos agora começar a falar sobre o relação bebê-cuidador e como ela emerge das diversas interações que contribuem para sua formação. Este é um salto difícil. A

O relacionamento é certamente determinado pela história de todas as interações separadas, mas implica mais do que a soma do passado e do presente. interações. Conceitualmente, é um tipo diferente de organização, ou uma integração diferente da experiência. Uma de suas características centrais é uma imagem mental duradoura, ou esquema, ou representação do outro pessoa. Na maioria das teorias psicológicas, começando pela psicanálise, esta representação interna duradoura é a condição sine qua non da permanência do objeto.

Quando podemos falar de uma criança como estando em um relacionamento? Lá não há uma resposta dura e rápida. No entanto, na última parte do primeiro ano de vida, o bebê apresenta uma série de comportamentos que fortemente sugiro que possamos começar a falar sobre relacionamentos. Às vezes por volta do nono mês de vida o bebê manifesta o que se chama a reação estranha. Esta reação pode variar amplamente, desde uma leve cautela até extrema angústia na aproximação ou na presença de um estranho.¹ Logo após o aparecimento da reação de estranho, a maioria dos bebês

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

começam a manifestar uma “reação de separação” quando o cuidador principal sai de sua presença e uma “reação de reencontro” quando ela retorna. A reação de separação é de sofrimento, mas também aqui a intensidade varia muito de bebê para bebê. A reação do reencontro é de alegria e envolve a realização de comportamentos afiliativos.

Supõe-se geralmente que estes marcos de desenvolvimento tomados em conjunto indicam que o bebê formou um apego específico a uma única pessoa, seu cuidador principal. Eles indicam também que a criança está começando a consolidar uma representação interna dela, de modo que algum grau de permanência do objeto fica em evidência. Neste ponto, podemos finalmente falar sobre um relacionamento real com alguém que está, em grande medida, pelo menos, separado do auto. Ainda há alguma controvérsia sobre a natureza desses marcos, bem como sobre o quanto pode ser inferido deles. No entanto-
menos, é razoável supor que no final do primeiro ano de vida a criança deu um salto significativo em direção ao estabelecimento de relacionamentos. Realmente não sabemos se existe um verdadeiro “salto” em desenvolvimento ou se um processo gradual se torna subitamente mais visível devido a outras mudanças de desenvolvimento relacionadas. Nós sei que o processo não está de forma alguma concluído neste ponto. Em de qualquer forma, já aconteceu o suficiente na última parte do primeiro ano que devemos perguntar como é que os acontecimentos anteriores contribuíram para este avanço no desenvolvimento.

A tarefa que temos diante de nós agora é tentar conceituar como um uma representação interna duradoura, como pedra angular de um relacionamento, poderia emergir das experiências interativas que temos considerando até agora. Na verdade, não sabemos como essa façanha é realizada. Teremos que especular e extrapolar a partir do que fazemos saber como os esquemas mentais internos de objetos inanimados são formado, e das reconstruções cuidadosas dos psicanalistas que lutaram com o problema das primeiras representações

dos cuidadores primários. A partir de agora, seguirei a convenção de usar o termo “esquemas” quando me referir à internalização de objetos inanimados e o termo “representações” quando me referir a os das pessoas. Por que não usar os mesmos termos e conceituar o mesmo processo para objetos inanimados e animados? O principal razão é intuitiva. A natureza e o sentimento subjetivo do nosso relacionamento com as coisas parecem qualitativamente diferentes daqueles com os seres humanos. Através de vínculos associativos pode-se agir e sentir em relação um objeto como se fosse em relação à pessoa com a qual está associado. Esse é uma experiência muito comum. A experiência inversa é bastante rara. Também não há dúvida de que se pode ter um estado “puro” (não associado) a qualquer outra resposta emocional humana específica a um objeto como uma árvore ou uma pedra bonita. Contudo, pergunto-me até que ponto essas experiências foram, no curso da evolução, inicialmente “projetadas” com o propósito de responder aos humanos, mas em virtude da extraordinária plasticidade do homem foram transferidas para que, no configuração correta, eles também podem ser liberados por objetos inanimados.

Os bebês certamente demonstram emoções óbvias, como prazer, em suas interações com chocalhos e outros brinquedos. Mas a questão nesta situação é se a sua resposta emocional está relacionada com o objeto per se ou à experiência com seus próprios processos de domínio ou reconhecimento. Eu diria o último, e assumiria que o sentimento afetivo a experiência é entre o bebê como ator e o bebê como auto-observador e avaliador.

Algumas evidências que apoiam esta distinção sugerem, mas não não concluímos que a experiência da criança com objetos e pessoas é de natureza significativamente diferente. Berry Brazelton e seus colegas relataram que a qualidade do movimento corporal de uma criança na presença de objetos é diferente, mais espasmódica e menos fluente do que visto na presença de pessoas.² Sylvia Bell constata que o cronograma para o estabelecimento do esquema de objetos e

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

representações de pessoas podem prosseguir ao longo de diferentes cursos.³

A Formação de Esquemas

O trabalho de Piaget sobre a formação de esquemas de objetos inanimados durante os primeiros anos de vida continua a ser o mais abrangente e influente. Piaget postulou que, durante os primeiros anos, a formação dos esquemas mentais ocorre por meio da internalização de ações e as sensações e percepções que resultam dessas ações. Um esquema de ação consiste, portanto, em dois elementos fundidos: o ato a criança faz em direção ou sobre um objeto e a experiência sensorial proporcionada pelo objeto, que é em grande parte determinada pela ação específica que a criança realizou. Tomemos um chocalho em particular no berço de uma criança, por exemplo. Inicialmente, são estabelecidos esquemas de ação para os seguintes eventos sensório-motores separados: olhar para o chocalho e como são esses movimentos; segurando o chocalho e como é; sacudindo e como isso soa.

Existem, portanto, dois “elementos” distintos da experiência. Lá é a ação que é uma *experiência motora muscular e proprioceptiva*, e há a *experiência sensorial* que emana do objeto – o propriedades de estímulo específicas do objeto que são perceptíveis em o curso da ação específica executada. A experiência motora e a experiência sensorial estão sempre intimamente ligadas e são experimentados como uma unidade única de experiência. Cada um desses unidades sensório-motoras devem ser praticadas e experimentadas repetidamente antes que a unidade específica de experiência seja internalizada para se tornar um esquema específico na mente.

Ao mesmo tempo que cada um desses esquemas sensório-motores é sendo consolidados internamente, ocorre uma crescente intercoordenação entre eles. Vínculos internos são estabelecidos entre

os esquemas separados para produzir uma rede que emerge como um esquema maior ou de ordem superior do chocalho, uma vez que consiste em uma integração de todos os esquemas sensório-motores separados: o chocalho visto, alcançado, agarrado, segurado, abalado, ouvido.

Agora suponhamos que um segundo e diferente tipo de chocalho seja dado ao bebê em seu berço. Na primeira exposição, o bebê não tem como saber que esse novo objeto também é um chocalho. Ele utilizará as mesmas operações que aprendeu em sua interação com o primeiro chocalho e, ao fazê-lo, reorganizará e expandirá seu esquema do primeiro chocalho para que também possa abranger o segundo chocalho. Desta forma ele cria um esquema maior de diferentes objetos que podem ser vistos e vistos; alcançado e experimentado pelo movimento; segurado e sentido; abalado e ouvido. O resultado é um esquema de uma *classe* de objetos: chocalhos, que podem ser vistos, vistos, alcançados, agarrados, sentidos, sacudidos e ouvidos. É desta forma que os esquemas mentais crescem.

É importante notar que o que é inicialmente internalizado como um esquema não é o objeto em si ou sozinho, nem a ação em si, mas sim uma interação entre a criança e o objeto, isto é, uma “relação objetal” ativa na forma de um esquema sensório-motor.

A Formação de Representações de Pessoas Ao

considerar a internalização de unidades sensório-motoras de experiência em esquemas mentais de objetos como chocalhos, tínhamos apenas dois elementos com os quais lidar: a experiência motora do ato e a experiência sensorial do objeto. . Numa interação com um participante humano vivo e ativo, na qual os comportamentos conjuntos do bebê e do “objeto” (cuidador) resultam em mudanças internas na excitação e no afeto do bebê, temos um terceiro elemento com o qual lidar: o in- experiência excitatório-afetiva do fant. Por uma questão de brevidade, chamarei este elemento de “experiência afetiva” da criança, alertando que

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

inclui importante o estado de excitação ou ativação do bebê bem como o afeto, e que às vezes é apenas o primeiro que se manifesta e o segundo é inferido.

Unidades de Processo Interpessoal

Considere por um minuto o fato e o problema discutidos no capítulo anterior, de que todos os eventos se desenrolam no tempo. O comportamento humano está quase sempre mudando, e até mesmo as experiências internas de excitação e o afeto sofre mudanças momentâneas em intensidade e direção.

O sorriso de um cuidador é um exemplo disso. Será que o bebê perceber e experimentar o sorriso como uma imagem estática, como uma fotografia, ou como uma sequência de movimentos de curta duração padronizada no tempo e espaço, como um clipe de filme? Sabemos que isso soa e talvez sentimentos internos são experimentados apenas ao longo do tempo – isto é, uma “fatia” instantânea de som ou afeto não tem significado coerente ou forma reconhecível. Suspeitamos que o mesmo seja verdade para as percepções de o sorriso e outros comportamentos humanos visualizados.

Estou sugerindo que, pelo menos no domínio da interação humana comportamentos, existe uma unidade de processo básica de experiência interativa. Esta unidade de processo não é necessariamente a menor unidade de percepção em qualquer modalidade, mas é a menor unidade na qual um evento interativo temporalmente dinâmico com começo, meio e fim pode acontecer. Tal unidade de processo é como o mais breve incidente ou vinheta que pode conter um elemento de experiência sensorial, motor e afetivo e, conseqüentemente, ter valor de sinal como um evento interpessoal.

Uma expressão vocal, ou a decomposição de formação-manutenção de uma expressão facial, poderia definir os limites de uma unidade de processo interpessoal. O mesmo aconteceria com movimentos discretos da cabeça, a maioria eventos de estímulo cinestésico (um salto) e tátil (um toque ou cócegas), e a maioria dos atos infantis. Todos esses eventos ocorrem aproximadamente no mesmo domínio temporal de cerca de um terço de segundo a um pouco abaixo

alguns segundos de duração. Essas unidades de processos interpessoais podem ser as unidades de experiência sensório-motora-afetiva que são inicialmente internalizado como a representação separada de outra pessoa.

Existem algumas evidências clínicas sugestivas que indicam a existência de tais unidades. Se você pedir a alguém para “pensar no seu mãe ou de seu pai”, eles geralmente relatam a memória de um ou dois momentos dinâmicos que correspondam bastante de perto o que estou chamando de unidades de processos interpessoais. Em muitos outros Em situações de pensar em outra pessoa, as “peças” que caem da memória têm aproximadamente esse tamanho e composição. Isso é não fazer uma afirmação definitiva de que tais unidades experienciais existem conforme descritas e são os blocos de construção de representações internas. Sobre pelo contrário, estou dizendo que temos uma necessidade conceitual de uma unidade funcional como esta e o que esbocei não passa de dez descrição de trabalho tativa de tal unidade.

A Experiência Sensorial

A experiência sensorial é a percepção que o bebê tem do estímulo eventos fornecidos pelo cuidador. Como vimos, o cuidador fornece uma vasta gama de imagens, sons e recursos táteis e cinestésicos sensações. A questão central é: como a criança forma a “elemento” sensorial da representação desses eventos? Deixe-nos comece com os pontos turísticos e, a título de exemplo, concentre-se no expressões faciais do cuidador. Do ponto de vista do bebê, a princípio não há razão para supor que o rosto da mãe que exibe um sorriso seja considerado o mesmo rosto, ou mesmo o mesmo objeto, como quando ela está exibindo uma carranca. É semelhante ao problema do dois chocalhos diferentes.

Parece razoável, até mesmo óbvio, que a maneira como os cuidadores realizam expressões faciais provocadas pelo bebê contribui muito para a capacidade do bebê de formar representações sensoriais dessas

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

expressões. A primeira maneira de fazer isso é através do exagero na desempenho, especialmente daquelas características mais características da determinada expressão facial. Este sublinhado comportamental dos elementos cruciais deve facilitar os processos de reconhecimento da criança. Em segundo lugar, geralmente cada expressão facial é limitada por um relativo silêncio comportamental, pelo menos mais do que é visto nas interações adulto-adulto. Ao fazer isso, a mãe coloca cada expressão em um pacote discreto, separado do fluxo contínuo. Assim, cada unidade de o comportamento é mais reconhecível e o problema de discriminar lentamente onde uma coisa começa e outra termina, isolando assim cada unidade separada, é de certa forma contornado. Terceiro, não conhecer a velocidade com que os bebês processam informações. Presumivelmente é mais lento do que as taxas dos adultos e acelera com a idade. Se o cuidador não desacelerou muitos de seus comportamentos como uma das características de variações provocadas pelo bebê, seu comportamento pode passar muito rapidamente para a taxa imatura de processamento de informações perceptivas do bebê, especialmente sequências visuais. A mãe pode então parecer uma figura em um dos primeiros filmes mudos, movendo-se tão aos solavancos e com tantos lapsos na continuidade do movimento que o bebê seria incapaz de manter lembre-se da constância do objeto através de suas muitas transformações desconexas. A criança nunca poderia capturar e segurar um movimento sequência e nunca ser capaz de perceber e assimilar eventos comportamentais unitários, como sorrisos ou qualquer expressão facial ou padronizada movimento corporal.

Por último, devido à grande repetitividade no trabalho materno comportamentos que o bebê está constantemente exposto a corridas repetidas, em qual uma expressão pode ser apresentada na forma de um tema com variações. Cada sorriso sucessivo, por exemplo, será ligeiramente diferente do anterior, mas ainda pertence à mesma classe de eventos: sorrisos. Dessa forma, a corrida repetitiva pode melhorar muito a aquisição, pelo bebê, das classes de comportamentos que um cuidador executa. Pelo No final do sexto mês, o bebê é capaz de diferenciar diferentes

expressões faciais conforme exibidas nas fotos.⁴ Assumiríamos que sua capacidade discriminativa em termos do repertório expressivo do rosto real de sua mãe seria ainda maior.

Desta forma, a criança pode gradualmente formar os elementos sensoriais das representações de diferentes expressões, diferentes vocalizações, diferentes movimentos. À medida que cada um deles está sendo consolidado, as intercoordenações entre eles se estabelecem em uma ordem superior. representação sensorial do cuidador como fonte de diversas estímulos que são classes integradas de comportamentos em diferentes modalidades. Um exemplo claro deste tipo de intercoordenação de representações sensoriais em diferentes modalidades ocorre no experimento mencionado anteriormente: a expectativa dos bebês aos três anos de idade. meses que a imagem visual do rosto da mãe e o som de sua voz deveria emanar do mesmo lugar.

A experiência motora

O segundo “elemento” internalizado do sistema sensorio-motor-afetivo

A unidade de experiência consiste nas ações do bebê, a experiência proprioceptiva do ato que é seu próprio comportamento. Essas ações incluem o comportamento de olhar do bebê (se ele olha, se ele olha diretamente de uma posição de rosto inteiro ou lateralmente de um posição evitada, ou se ele vê com visão periférica); dele movimentos da cabeça; exibições faciais; vocalizações; e movimentos corporais. Podemos especular que o bebê vivencia e codifica esses comportamentos como unidades de processo interpessoal, assim como a experiência sensorial do comportamento do cuidador é vivenciada por ele no mesmas unidades de processo.

Um dos pontos mais cruciais sobre a experiência motora do bebê é que ela determina em grande parte a natureza de sua experiência sensorial. Isto é verdade em vários sentidos. Ele pode mudar seu sensorial experiência do cuidador fazendo algo que altera o cuidado

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

comportamento do doador. Por exemplo, se ele desviar a cabeça e os olhos para que seu comportamento for visto periféricamente em vez de visto na posição face a face, ele terá uma experiência sensorio-motora totalmente diferente, mesmo que o comportamento do cuidador seja objetivamente o mesmo (de qualquer ponto de vista diferente do dele). Ou sua experiência motora pode alterar sua experiência sensorial alterando o comportamento do cuidador. Se ele sorrir e, assim, provocar um sorriso de volta, ele terá conseguido isso.

A situação simples que acabamos de descrever levanta uma nova questão. Se ele sorri e enquanto o faz - experimentando as sensações de seu próprio músculos faciais - vê que o rosto dela *não* muda por um intervalo de tempo palpável e então explode em um sorriso, ele tem uma aparência muito particular. experiência sensorio-motora - altamente propícia ao aprendizado o formato temporal das relações de contingência (estímulo, pausa para tempo de reação, resposta). Se em outra situação ele e seu cuidador estivessem por um momento presos a um breve programa compartilhado, então ela poderia ter começado a sorrir ao mesmo tempo que ele. Uma experiência sensorio-motora totalmente diferente teria sido criada. Uma terceira possibilidade é que ele sorria e o rosto dela não mude ao mesmo tempo. todos. As experiências sensorio-motoras associadas a cada situação pode ser necessário para o contraste, para que a criança possa começar a compreender o conceito de contingência no sentido de que um comportamento causa outro.

Geralmente pensamos que a criança durante o primeiro ano é inteiramente egocêntrica, no sentido de que ela não traça nenhuma linha divisória entre ela mesma e outra pessoa, ou entre suas ações e as de outra pessoa, e também que ela imagina que suas comportamento causa ou cria o comportamento dos outros. Como ele aprende a separar-se do outro é uma questão em aberto, mas a natureza de sua experiência sensorio-motora claramente lhe oferece muitas oportunidades para começar a separar a fusão eu-outro que se reflete na fusão sensorio-motora de seu ex-

experiência. Dado que a mesma experiência motora pode ser acompanhada por uma variedade de experiências sensoriais, das quais apenas algumas são uma função previsível do seu comportamento motor, a distinção entre eu e outro deve ter uma origem no facto de qualquer experiência motora poder ser acoplada. com uma multiplicidade de experiências sensoriais, algumas das quais são mais previsíveis que outras.

Por um lado, estou salientando a enorme extensão em que a experiência sensorial da criança é determinada pela natureza da sua experiência motora, resultando numa experiência fundida. Por outro lado, estou dizendo que na medida em que sua experiência sensorial não é determinada de forma confiável pela natureza de sua experiência motora, resultando em uma multiplicidade de experiências sensório-motoras construídas em torno da mesma experiência motora, a essa até que ponto ele pode começar a desacoplar a fusão eu-outro.

Um exemplo simples deste processo de desacoplamento pode ser visto no exemplo frequentemente citado do "controle mágico" do bebê de fazer coisas ou pessoas desaparecerem e reaparecerem simplesmente fechando e reabrindo os olhos ou desviando totalmente o olhar e depois retornando-o. O que normalmente é omitido neste exemplo é que quando ele olha novamente a imagem e a posição da pessoa podem ou não ter sido transformadas. A experiência sensório-motora fundida é uma faca de dois gumes. Cria uma união interna com outra na forma de um representação interna e, ao mesmo tempo, contribui para a desunião do eu do outro no mundo externo.

A Experiência Afetiva O bebê

e o cuidador contribuem conjuntamente para a regulação do estado de atenção, excitação e afeto do bebê. Vimos como a cuidadora utiliza seus comportamentos como estímulos para alterar o estado interno do bebê. Vimos também como a criança regula a sua própria

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Estado interno. Na verdade, as mudanças momentâneas na vida da criança a excitação e o afeto são tanto um produto quanto uma causa da interação entre os estímulos corrigidos por objetivos do cuidador e as ações reguladoras corrigidas por objetivos do bebê. Do ponto de vista do bebê essas poderosas mudanças e sensações internas provavelmente não são vivenciadas como pertencentes exclusivamente à estimulação do cuidador (a experiência sensorial), nem são vivenciadas como pertencentes exclusivamente às suas próprias ações (a experiência motora). É mais provável que eles são experimentados como parte de um composto indiferenciado experiência, incluindo o que o cuidador faz, o que o bebê faz, e como é isso internamente.

Para examinar essas unidades internas de experiência mais de perto, iremos isolá-los artificialmente por enquanto. Essas experiências, desprovidas de contexto sensório-motor, incluem sentimentos como como ter a atenção capturada e um sentimento de crescente excitação e expectativa prazerosa; experimentando um aumento gradual excitação prazerosa ou desprazerosa; experimentando um rápido aumento em excitação acompanhada de cautela, desprazer ou deleite; experimentando uma diminuição na excitação acompanhada por um aumento no bem-estar ou por uma perda de prazer e o aparecimento de algo semelhante ao tédio; vivenciar a reversão de uma tendência de queda na excitação e a sensação de prazer na alta; experimentando desprazer com superexcitação; experimentando a manutenção de um nível de prazer com uma mudança na excitação. As várias combinações de diferentes níveis ou mudanças na excitação e no afeto são muitas, mas correspondem a momentos comuns e reconhecíveis de experiência. É importante notar que estamos principalmente preocupados com mudanças de nível e mudanças na direção do afeto e da excitação, isto é, com os pontos nodais de flutuações nos sentimentos internos. Esta ênfase nos pontos de mudança é ditada por duas preocupações: primeiro, esses momentos são os mais propensos a ter alto valor de estímulo (em virtude do contraste); e segundo, a duração temporal e a natureza

A estrutura de tais momentos nodais provavelmente corresponde ao que tenho chamadas unidades de processos interpessoais.

Representações como unidades internalizadas de experiência

Uma unidade de experiência sensorio-motora-afetiva é difícil de descrever simplesmente. Tal experiência, por exemplo, poderia ser a sensação de sorrir, veja o cuidador sorrir e experimente uma sensação interna prazerosa de excitação crescente. Esta é uma unidade fundida de experiência interpessoal. Outra pode ser a sensação de perceber um rosto iminente e experimentar um rápido aumento na excitação que é tom negativo e executa uma aversão à cabeça acentuada que atenua a intensidade da percepção e o sentimento interno.

Uma interação social entre bebê e cuidador consiste, para o infantil, de centenas dessas unidades experienciais interligadas. Além disso, essas unidades sensorio-motoras-afetivas ocorrem repetidamente durante cada interação social todos os dias. A criança tem, portanto, ampla oportunidade de internalizar cada unidade como uma representação separada. ção.

Não sabemos como essas unidades são internalizadas, exceto que claramente, seus traços de memória devem ser formados e armazenados. Especulamos que o "tamanho" das unidades experienciais que são internalizado corresponde a uma unidade de processo interpessoal e consiste em um momento coerente de experiência interativa. Além disso, por um unidade de experiência para ser internalizada como uma representação, ela deve contém todos os três elementos. A situação pode ser comparada a uma situação-chave abrindo uma fechadura. A chave é a unidade sensorio-motora-afetiva da experiência. A fechadura que abre a porta permitindo que uma experiência seja codificado internamente como uma representação é feita de três copos, e cada um dos copos, um copo sensorial, motor e afetivo, tudo deve ser colocado no lugar para que a fechadura seja aberta. Uma das implicações importantes desta formulação é que não pode haver representação

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

ressentimentos sem componente afetivo. Esquema, por outro

Por outro lado, pode ser formado apenas a partir de experiências sensório-motoras.

Depois que cada unidade de experiência sensório-motora-afetiva separada é internalizadas como uma representação única, qual o destino dessas representações inicialmente isoladas? Como eles agrupam, organizam e integrar para formar representações maiores e mais ordenadas? Através processos, talvez não tão diferentes daqueles assumidos para o interação de esquemas, as representações tornam-se interconectadas. As ligações entre representações relacionadas formam redes de representações. As redes se integram para estabelecer uma rede progressivamente representação mais abrangente para a outra pessoa - ou mais com precisão da experiência interpessoal de estar com o outro pessoa. Neste sentido, uma vez que a representação tenha se tornado suficientemente inclusiva, ela equivale a uma relação que existe, ou é continuado, dentro da mente.

Uma vez que o bebê tenha formado, mesmo que moderadamente abrangente, representação, pode-se dizer que ele traz para cada novo evento interativo uma história da relação, na forma da representação. Esse A "história" afeta então o curso de cada nova interação. Da mesma forma, a experiência sensório-motora-afetiva de cada nova interação, uma vez internalizada, pode alterar a configuração da história. à medida que avança. Assim, desenvolve-se uma interação dinâmica entre o passado e presente, entre representações estabelecidas e trocas atuais, entre o relacionamento e a interação em curso. Concebido desta forma, é perfeitamente compreensível que cada A dupla cuidador-bebê pode desenvolver um curso individual para seus próprios relacionamento, e que o resultado de interações aparentemente semelhantes pode ser bastante divergente para pares diferentes com histórias diferentes. Os relacionamentos assumem assim direção e impulso.

Também parece necessário postular aqui que a mente tem algo como um sistema de referência cruzada, de modo que todas as imagens sensoriais de uma pessoa, por exemplo – ou todos os afetos codificados de uma pessoa.

certo tipo - pode ser parcialmente desacoplado dos outros elementos componentes da representação e ser "recorrido" ou reintegrado para formar representações parciais estritamente sensoriais ou afetivas.

representações parciais. A relativa habilidade e facilidade com que o três elementos de uma representação podem ser desacoplados, integrados, desmontados e reacoplados reversivelmente, nos leva a alguns aspectos fascinantes questões que há muito ocupam a psiquiatria e a psicanálise. Isto é um fenômeno clínico comum encontrar o componente afetivo de uma experiência ou representação separada do sensorio-motor componente, de modo que apenas este último esteja disponível para a conscientização. Por exemplo, a lembrança de uma cena emocionante com um ente querido pode ser lembrado com detalhes visuais e verbais requintados, mas os sentimentos associados ao incidente permanecem fora da consciência. O inverso também é encontrado, onde sentimentos fortes são vivenciados ou lembrados, mas estão desapegados e desintegrados de seu contexto sensorio-motor. Nós Não temos como saber até que ponto disjunções semelhantes podem ocorrer na infância, durante o período inicial da formação da representação.

No entanto, os conceitos de formação e, em última análise, de união de representações da mãe "boa" e da "má", formulados por Margaret Mahler e outros,⁵ requerem alguma fluidez na desmontagem e remontagem em diferentes configurações das partes componentes de diferentes representações.

Porque este exame das atividades entre bebês e cuidadores centrou-se quase exclusivamente nas interações sociais lúdicas durante um curto período de desenvolvimento, só podemos traçar uma imagem parcial do relacionamento. Para chegar a uma imagem mais completa, o que O período de brincadeira que descrevi também deve ser descrito para alimentação, troca de fraldas, banho e assim por diante. Como cada uma dessas atividades envolve algumas atividades sensorio-motoras-afetivas bastante diferentes e até únicas, experiências, é concebível, e até provável, que a criança integre diferentes representações do cuidador conforme ele é vivenciado atividades separadas, digamos uma "mãe que amamenta" que é diferente de

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

a “mãe brincalhona”. No início, estas integrações separadas podem sobrepor-se apenas ligeiramente e fundir-se muito gradualmente para formar uma representação unificada do cuidador em todas as atividades. No entanto, as interações lúdicas, como vimos, costumam surgir espontaneamente no decorrer de quase toda e qualquer atividade. Desta forma, o reaparecimento constante da “mãe brincalhona” no decorrer de uma experiência com a “mãe que alimenta” e com a “mãe que dá banho” pode ajudar a facilitar a integração do bebê numa representação plenamente consolidada.

Todo o processo de formação de um relacionamento nunca para, mesmo na idade adulta. É ainda mais dramático para o bebê, que está a mudar tão rapidamente que, apenas pela força do crescimento e do desenvolvimento, trará constantemente novas experiências motoras e capacidades sensoriais e afectivas às suas interações. Suas relações e representações estão sempre se expandindo, mudando, reformando.

8

Erros na dança

O bebê é um artista virtuoso em suas tentativas de regular tanto o nível de estimulação do cuidador e o nível interno de estimulação em si mesmo. A mãe também é virtuoso em sua regulação da interação momento a momento. Juntos, eles desenvolvem alguns padrões diádicos primorosamente intrincados. Isto são necessários dois para criar esses padrões, que às vezes parecem ameaçadores para o futuro curso de desenvolvimento e às vezes parecem bonitos sem esforço.

Aceitamos que a natureza dos nossos primeiros relacionamentos influencia enormemente o curso dos relacionamentos futuros. Afinal, neste início período em que o bebê está aprendendo o que esperar, como lidar, e como estar com um determinado ser humano. Há algum tempo a criança tem oportunidades limitadas de aprender que existe alguma maneira de "estar com" outra pessoa que não seja a maneira particular que ela está conhecendo.*

* Há um interesse e uma literatura pequenos, mas crescentes, sobre o pai como cuidador principal. Ainda mais relevantes, porém (pelo menos estatisticamente falando), são perguntas sobre o efeito do cuidador secundário na expansão, redirecionamento ou perturbar os padrões criados pelo poderoso impacto do cuidador principal. Esta é claramente uma área de conhecimento vitalmente necessária. Relaciona-se não apenas com a maioria dos pais, mas com todos os familiares alargados e outros cuidadores "secundários". A própria questão

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

Se pudéssemos capturar a essência da natureza dos padrões interativos característicos de qualquer par individual de cuidador-bebê, poderia ser possível, até mesmo viável, prever e traçar o curso provável do futuro relacionamento interpessoal. No entanto, esta tarefa nos escapa. Ambos os pais e os pesquisadores sustentam que algumas características temperamentais dos bebês, como o nível de atividade, permanecem consistentes durante o desenvolvimento.¹ Além disso, a um nível diferente, a maioria dos pais sente que o “sensação” interpessoal de como é estar com a pessoa que está seu filho mantém uma tensão ininterrupta, indescritível, mas amplamente reconhecível, desde a infância, embora a manifestação dessa “sensação” possa mudar consideravelmente durante diferentes épocas de desenvolvimento. Todos nós já experimentamos isso na maior parte de nossos relacionamentos de longo prazo.

No entanto, é difícil prever o resultado futuro de qualquer dada a interação mãe-bebê. Ao observar de fato o surgimento desses relacionamentos iniciais, a menos que o bebê esteja obviamente e grosseiramente desviante ou prejudicado, ou a mãe negligenciando grosseiramente ou fisicamente abusivo, é difícil dizer se alguém está assistindo ao início de um padrão permanentemente desadaptativo ou a um período normal de “bagunçar”, ou apenas a formação de um ajuste individualizado, até mesmo idiossincrático, mas natural, entre uma criança específica e um cuidador específico. Uma ilustração de caso servirá aqui.

Um dos primeiros pares mãe-bebê que segui me levou ao longo de um caminho difícil que desafiou e forçou muitas reavaliações de meu papel como pesquisador-clínico. A jornada que viajei com eles gerou muita restrição na previsão de resultados e na avaliação da necessidade e do momento das intervenções – uma restrição que permanece ainda.

da potência do efeito dos cuidadores primários versus secundários pode revelar-se uma dicotomia enganosa. Ambos podem ser cruciais de maneiras diferentes e provavelmente complementares.

Conheci Jenny quando ela tinha quase três meses. Dela mãe era uma mulher animada que seria claramente categorizada como intrusivo, controlador e superestimulante pela maioria dos padrões. Ela parecia querer, precisar e esperar um alto nível de interação excitante e animada, sempre mantendo o nível de estimulação pairando sobre o limite superior da faixa ideal de tolerância de Jenny. Além disso, a mãe parecia querer o nível que ela queria quando ela queria.

A dança que eles haviam elaborado quando os conheci foi algo assim. Sempre que ocorria um momento de olhar mútuo, a mãe entrou imediatamente em comportamentos estimulantes de alta velocidade, produzindo uma profusão de imagens faciais e faciais totalmente exibidas e de alta intensidade. comportamento social vocal eliciado pelo bebê. Jenny invariavelmente quebrava o olhar rapidamente. Sua mãe nunca interpretou esse rosto e olhar temporário aversão como um sinal para diminuir seu nível de comportamento, nem ela deixaria Jenny autocontrola o nível ganhando distância. Em vez disso, ela iria balançar a cabeça seguindo Jenny para restabelecer o rosto inteiro posição. Uma vez que a mãe conseguisse isso, ela reiniciaria o mesmo nível de estimulação com um novo arranjo de combinações faciais e vocais. Jenny se virou novamente, empurrando o rosto ainda mais no travesseiro para tentar quebrar todo contato visual. Novamente, em vez de contendo-se, a mãe continuou a perseguir Jenny. O travesseiro e a asa lateral do assento infantil agora impedia que a mãe se virasse para a posição face a face. Então desta vez ela se mudou mais perto, numa aparente tentativa de romper e estabelecer contato. Ela também aumentou ainda mais o nível de sua estimulação ao adicionando toques e cócegas ao fluxo inabalável de comportamentos vocais e faciais. (Curiosamente, a maioria dos observadores que vêem este tipo de intrusão sente que é quase fisicamente doloroso ficar sentado quieto e assistir. Ela gera sentimentos de raiva impotente e muitas vezes é acompanhada por um aperto no intestino ou uma dor de cabeça.)

Com a cabeça de Jenny agora presa no canto, o próximo parto do bebê

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

curso era realizar uma “passagem”. Ela rapidamente balançou o rosto de um lado para o outro, passando pelo rosto da mãe. Quando ela rosto cruzou o rosto da mãe, na zona cara a cara, Jenny fechou os olhos para evitar qualquer contato visual mútuo e só reabriu depois que a aversão à cabeça foi estabelecida no outro lado. Todos desses comportamentos por parte de Jenny foram realizados com um rosto sóbrio ou às vezes uma careta.

A mãe a seguiu para o novo lado, produzindo saraivadas de estimulação que novamente empurrou progressivamente a cabeça de Jenny mais longe longe até que ela realizasse outra passagem. Depois de uma série de nessas “falhas”, a mãe pegava o bebê na cadeirinha e o segurava pelas axilas, pendurado na posição face a face. Essa manobra geralmente conseguia reorientar Jenny

em direção a ela, mas assim que ela colocou Jenny de volta no chão, o mesmo padrão se restabeleceu. Depois de mais algumas repetições dessas sequências, a mãe ficou visivelmente frustrada, irritada e confusa. e Jenny, bastante chateada. Nesse ponto a interação foi encerrada e Jenny foi colocada na cama.

A natureza flagrante deste tipo de comportamento intrusivo torna difícil difícil não inferir alguma hostilidade materna inconsciente em relação ao bebê ou o papel de cuidador. Do ponto de vista de um observador, parece inconcebível que a mãe possa manter-se inconsciente do natureza aversiva da interação. No entanto, é bem possível, a partir do ponto de vista do cuidador participante para não ver isso. Também não é sempre acontece que tal comportamento tem a hostilidade como principal motivação. A inexperiência entusiasmada e bem motivada, aliada à insensibilidade interpessoal, produziria ações semelhantes.

De qualquer forma, o padrão geral de perseguição à mãe e esquiva do bebê não é de forma alguma uma sequência incomum. O que era incomum com Jenny e sua mãe estava a perseguição implacável e o efeito negativo de ambos os lados. Vimos o padrão de perseguição e esquiva entre outros pares mãe-bebê funcionam como um delicado e mu-

jogo devidamente regulamentado que de fato mantém a criança pairando sobre os limites superiores de sua tolerância à estimulação e excitação, mas permite os pequenos ajustes que o tornam prazeroso. excitante em vez de aversivo. Nessas situações, depois que o bebê desvia o olhar (muitas vezes com um leve sorriso), a mãe espera um momento antes de perseguir – um momento em que o bebê pode autorregular seu estado interno e começar a construir uma antecipação do futuro da mãe. próximo movimento. Então, quando ela finalmente persegue, ela reinicia o encontro em um nível mais baixo de estimulação, construindo cuidadosamente para um nível mais alto. e níveis mais altos até que o bebê se esquive novamente.

Outras vezes, o padrão de perseguição e esquiva não é tão sequencial no sentido de estímulo-resposta, mas tem mais um sentido síncrono compartilhado sequência programática. Neste caso, depois que a criança se esquiva, a mãe previsivelmente hesita antes de ir atrás dele. Ela mede cuidadosamente o intervalo de hesitação (e provavelmente dos comportamentos preparatórios), de modo que no mesmo momento ela se move para persegui-lo. pode começar sua esquiva. Cada um para simultaneamente novamente, ainda não frente a frente, mas, o que é mais importante, sem nunca mudar o quantidade de distância ou contato entre eles, apenas brincando com isso.

O padrão entre Jenny e sua mãe não tinha nada disso ludicidade ou leveza. Depois de várias semanas de visitas, o padrão básico entre eles não havia mudado, exceto que cada um parecia desisti um pouco do outro. Jenny evitou contato visual com sua mãe cada vez com mais frequência, e a mãe, enquanto ela fazia não alterou seu estilo, interagiu menos e passou mais tempo apenas sentada. EU tornou-se progressivamente mais preocupado quando, cerca de uma semana depois, A evitação de contato visual por parte de Jenny era quase completa, seu rosto aversões mais pronunciadas e contínuas, e seu rosto quase inexpressivo.

À medida que esta situação piorava, fiquei positivamente alarmado. Um grande parte do meu alarme resultou do conhecimento de que evitar o contato visual e a posição face a face é considerado o

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

característica mais persistente e consistente do autismo infantil.² Além disso, foi relatado de forma anedótica que, em alguns casos de autismo infantil, mais tarde, no autismo ou na esquizofrenia infantil, esse tipo de desligamento visual e afastamento do ambiente humano pode retrospectivamente ser rastreada até o primeiro semestre de vida. Eu estava com medo de estar assistindo o início precoce do autismo. A razão (talvez felizmente) pela qual eu não O que eu agi antes tinha a ver com a maneira particular como eu "vi" a interação, conforme ditado pelo meu papel como experimentador. Com isso eu não significa qualquer escrúpulo em interromper um "experimento" com um precisava de intervenção. O problema era mais simples e mais complexo. Quando visitei a casa com a câmera, observei apenas com olhar técnico, atendendo aos ângulos, enquadramentos, iluminação e vi pouco mais. Somente depois de estudar as fitas de TV no laboratório durante a semana seguinte ou mais, é que as análises comportamentais e clínicas história se desenrola para mim. Só então "vi" a interação como uma entidade clínica. Conseqüentemente, eu estava sempre algumas semanas atrasado em relação à notícia de última hora. Quando percebi a gravidade potencial do que estava acontecendo (o que realmente aconteceu há duas semanas) consultei vários colegas de trabalho para aconselhamento e imediatamente construí outra casa. Visita. Jenny estava agora com quase quatro meses. Eu trouxe a câmera, mas assisti a interação como um clínico, pronto com a decisão de intervir a menos que as coisas tivessem mudado consideravelmente. Eles tinham.

De alguma forma, Jenny e sua mãe estavam conseguindo e mantendo um olhar mais mútuo. O jogo de perseguição e esquiva, embora ainda parecesse ameaçador, havia se tornado mais leve o suficiente para que houvesse alguns momentos de provocação alegres e alguns sorrisos fossem vistos. Eu não disse nada naquele dia, mas em vez disso voltei ao laboratório para recuperar o atraso nas semanas que eu estava atrasado, apenas para descobrir que a tendência de melhoria havia claramente começado há duas semanas e eu estava simplesmente observando sua continuação. A história termina feliz. A interação continuou a melhorar, embora eu nunca tenha tido certeza do porquê. A mãe baixou-a nível de estimulação apenas ligeiramente e tornou-se apenas um pouco menos controlável.

ling e intrusivo. Talvez a maior mudança tenha ocorrido em Jenny, simplesmente em virtude do amadurecimento. (Duas semanas, aos três meses de idade, é muito tempo. Como Burton White demonstrou, os bebês tornam-se cada vez mais capazes de tolerar doses maiores de estimulação.)³ Jenny parecia mais capaz de lidar com o nível e a “dosagem” de estimulação dos seus filhos. mãe e, ao fazê-lo, começou a dar-lhe mais feedback positivo que lhe permitiu alterar o seu comportamento.

Um ciclo vicioso foi quebrado. A história, claro, não termina aí.

A cada nova fase de desenvolvimento, Jenny e a sua mãe tiveram de repetir este cenário básico de ultrapassagem e resolução, mas com diferentes conjuntos de comportamentos e em níveis mais elevados de organização. Ainda não sabemos quais são os pontos fortes e os trunfos ou quais os pontos fracos e os défices para o curso futuro do seu relacionamento com os quais Jenny acabará por emergir.

Ainda me pergunto se, se Jenny tivesse nascido com uma maior sensibilidade à estimulação ou com uma capacidade de maturação mais lenta para regular e, assim, tolerar quantidades progressivamente maiores de estimulação, as coisas também teriam acontecido e, se não, uma intervenção oportuna teria importância? A questão oposta também permanece em aberto. Suponhamos que eu tivesse intervindo no dia daquela visita, embora as coisas estivessem autocorrigidas. Isso teria sido melhor ou pior? Afinal, eles começaram a resolver o problema por conta própria, sem a potencial turbulência que uma intervenção pode introduzir.

A noção de que o bebê e o cuidador regulam e corrigem mutuamente ou não o curso de suas interações momento a momento permite uma perspectiva sobre dois aspectos clínicos relacionados do relacionamento. Primeiro, o que seria considerado desregulamentação dentro da díade ou falhas na correção dos objetivos dos níveis de atenção, excitação e afeto, de modo que a faixa ideal raramente seja mantida? Em segundo lugar, qualquer ato de correção de objetivos que o bebê faça pode ser considerado uma manobra de enfrentamento para adaptar-se ou ajustar a situação interna.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

e estimulação externa apresentada pela situação em curso. A linha entre um mecanismo de enfrentamento precoce e uma operação defensiva precoce é tênue. Encontramo-nos, assim, em posição de considerar algumas das origens dos primeiros mecanismos e defesas de resposta. É fundamental lembrar que as constantes tentativas de adaptação do bebê são sinônimos, nesta situação social, da sua experiência de como é estar com alguém.

Falhas regulatórias e superestimulação Existem

muitos caminhos para a superestimulação e muitas soluções ou tentativas diferentes de soluções adaptativas. Podemos ignorar rapidamente as "causas" da superestimulação. O impulso inicial pode vir do cuidador ou do bebê. Em ambos os casos, há uma incompatibilidade.

Para os nossos propósitos, a questão da responsabilidade primária é menor, quando presente, uma vez que o "organismo" de interesse, o "paciente", é a díade. No entanto, é necessário descrever, quando possível, de onde vem o ímpeto inicial de uma potencial desregulação, embora o nosso interesse central seja a forma como a díade se ajusta à desregulação.

Comportamentos controladores e intrusivos por parte do cuidador estão entre as causas mais comuns de superestimulação. Quando visto golpe por golpe ou instante a instante, a maioria dos comportamentos controladores envolve interferir nos comportamentos autorreguladores do bebê. Por exemplo, se a aversão ao olhar de uma criança não for respeitada e não for permitida atingir o seu objectivo (como no caso de Jenny), a criança é privada ou roubada de um dos seus principais mecanismos de auto-regulação para se adaptar ao nível de estimulação. Ele pode então ser forçado a desenvolver comportamentos reguladores ou finalizadores mais extremos. Outro exemplo simples de tal comportamento pode ser visto no decorrer de uma interação social ativa. Se o bebê mostrar uma mudança na direção do afeto, de positivo para negativo, mudando repentinamente de um sorriso para um rosto sóbrio ou triste,

Mace, a mãe pode mais uma vez respeitar e até reforçar esse sinal como uma comunicação para amenizar. Em vez disso, a resposta intrusiva ou controladora seria o cuidador aumentar dramaticamente a situação.

intensidade, complexidade e riqueza de sua exibição comportamental. Se ela faz isso, ela normalmente conseguirá, por um instante, reorientar o atenção do bebê sobre ela. Mas no instante imediatamente seguinte o bebê apresentará sinais ainda maiores de angústia ou infelicidade. O ponto importante é que durante essa sequência momentânea o criança terá perdido a oportunidade de aprender que pode regular o mundo externo e, como subproduto, seu estado interno, através do uso de uma comunicação emocional. Perder uma oportunidade significa pouco. No entanto, se tais experiências forem crônicas, o bebê pode aprender que suas demonstrações faciais de emoção são eventos comunicativos não relevantes para mudar o mundo ou, pior, que eles são, mas vão piorar as coisas. A questão em jogo é importante. O bebê requer a experiência integrativa de ter suas experiências motoras, que estão associadas a estados afetivos, reestruturar com sucesso o mundo externo, com sucesso no sentido de mudar o estado afetivo na direção desejada ou necessária. Se não o fizerem, a expressão motora da afetividade será mais provavelmente progressivamente inibido e o bebê deixará gradativamente de realizar expressões faciais afetivas.

Há dois outros pontos ocultos nesses exemplos de comportamento controlador e intrusivo. A primeira é que, para ser controlador, é necessário ser extremamente sensível a mudanças e sugestões interativas. Você tem que ser igualmente reativo às dicas interpessoais para responder mal como você faz para responder "corretamente". Paradoxalmente, então, comportamentos controladores e intrusivos por parte do cuidador podem exigir um grau considerável de responsividade. Isto leva ao segundo ponto. Suponhamos que o bebê seja constitucionalmente um tanto letárgico ou hipoativo ou tenha um certo atraso no desenvolvimento. Nessas situações, comportamentos de cuidado que pareceriam "apropriados" para uma

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

um bebê normal pode parecer controlador ou intrusivo. O cuidador, na verdade, pode estar bem ciente de que seu comportamento nesta partida ou contexto é controlador ou intrusivo, mas ela pode ter optado (conscientemente) ou inconscientemente) para ampliar a capacidade de resposta do bebê à estimulação e gerar mais animação nele, mesmo no momento temporário. à custa de adular os seus mecanismos de auto-regulação em desenvolvimento. No longo prazo, ela pode muito bem provar que está certa.

A questão da correspondência entre o comportamento do cuidador, a expectativa de como deveria ser o comportamento do bebê e o que isso o comportamento do bebê nunca pode ser ignorado, como Escalona totalmente nos mostrado. Às vezes, tanto o cuidador quanto o bebê caem claramente dentro de uma faixa normal de tolerância a estímulos e estimulação, mas em extremos opostos do espectro. Mais uma vez, uma incompatibilidade poderia potencialmente resultar em uma situação diádica controladora e intrusiva ou em uma situação diferente a resolução poderia ser resolvida.

Em contraste com os comportamentos controladores, a insensibilidade aos comportamentos do bebê comportamento por parte de um cuidador animado ou excessivamente entusiasmado também resultará em uma falha na regulamentação. Nesta situação, porém, o cuidador simplesmente perde as dicas interpessoais e as tentativas de autorregulação do bebê para diminuir o nível ambiente de estimulação. Conseqüentemente, ela não faz alterações para corrigir metas. O que o bebê importa relativamente pouco. Seu comportamento (dentro dos limites) não tomar as coisas melhores ou piores. Tenho a impressão de que "lock-in" ou qualidade e firmeza da ligação em tais pares é menor do que aquela observada com os cuidadores controladores mais abertamente aversivos, mas altamente responsivos e reativos. Até certo ponto, é melhor responder mal do que não responder. Clínica reconstrutiva histórias geralmente confirmam essa impressão, assim como as de Spitz e O trabalho de Bowlby com crianças em orfanatos. A própria contingência, independentemente do valor hedônico, é um elemento potente e onipresente em todos os aspectos. o próprio cerne do relacionamento.

Diante da superestimulação, especialmente quando o cuidador

é insensível, frequentemente vimos bebês utilizando um método diferente "técnica" de adaptação ao sistema desregulado. Eles se tornam olhos vidrados e olhar diretamente através ou logo além do rosto do cuidador. Spitz ressaltou que quase todas as crianças fazem isso às vezes. No entanto, isso comportamento continua a me intrigar. Poderia ser uma forma muito precoce e parcial de dissociar ou separar a percepção do estado de sentimento interno relacionado a essa percepção? Quando o bebê vai em um desses olhares, presumo que ele refoca os olhos em algum ponto infinitamente distante. No entanto, seus olhos repousam sobre o cuidador rosto, de modo que a percepção formal de seu comportamento facial provavelmente está sendo registrada, mas não supervisionada. A criança é, portanto, potencialmente capaz de perceber exatamente o que o cuidador está fazendo, mas sua atenção visual nos eventos de estímulo que ela fornece foi atenuada o suficiente para que esses eventos não pareçam mais influenciar seus estados internos de excitação ou afeto.

Esse comportamento infantil tem o sabor de desligar-se, mas de uma forma relativamente aceitável. Eu segui um bebê de uma raça bastante insensível mãe superestimulante que, aos quatro meses de idade, era mestre nessa forma específica de desatenção parcial. Eu o vi passar seu segundo ano, e ele se tornou um garotinho bastante normal, um toque discreto, mas não sem a capacidade de se tornar envolvente animado. Ainda assim, ele manteve a tendência ou capacidade de fazer você sentir que ele não estava contínua e consistentemente "lá" para você, mas momentaneamente foi ou escapou para outro lugar. Este fenômeno não parecia de forma alguma ser um sinal de patologia em ele. Tinha mais a qualidade de estar com essa pessoa em particular. No entanto, a complexa operação psíquica e comportamental que estamos observando tem um claro potencial para evoluir para uma evolução posterior. Enfrentamento desadaptativo ou operações defensivas se as pressões da vida forem tão canalizá-lo.

Ficar mole ou inibir a motilidade de outra forma é outro comportamento infantil de considerável interesse quando realizado diante de uma criança.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

interação superestimulante. Beebe descreve isso muito bem em uma análise quadro a quadro de uma interação mãe-bebê em que a perseguição e o jogo de esquila é perseguido com excesso de zelo pela mãe. Depois várias tentativas de aversão ao olhar, sinalização emocional com expressões faciais expressões e a fuga física falham, o bebê fica mole por um momento ou assim. Vimos esta inibição momentânea em muitos bebês, muitas vezes acompanhada de olhar fixo. Em alguns, porém, parece tornar-se um meio mais predominante e crônico de lidar com superestimulação.

Mais uma vez, as implicações especulativas são de longo alcance. Quando considera-se que o aparelho motor sobre o qual o bebê de quatro meses tem controle voluntário consiste principalmente nos olhos, face, cabeça e alguns movimentos não muito bem coordenados de braços e pernas, o simples ato de ficar mole representa uma enorme inibição de seu funcionamento executivo (ou funções motoras do ego). Também aqui surge a questão de saber se estamos a observar as origens de um comportamento que sob pressão das circunstâncias diádicas e de vida "certas" ou "erradas", mais tarde evoluirão para inibições motoras mal adaptativas ou passividade como reação ao estresse interpessoal.

Finalmente, há a criança incomum que é excepcionalmente sensível a estímulos ou, dito de outra forma, tem um limiar mais baixo e um valor ideal faixa que é absolutamente menor, embora talvez tenha a mesma largura. Isto é difícil para um cuidador que se comporta normalmente não estimular demais tal uma criança, e ela deve modular seu comportamento. O "problema" pode ser mais complicado do que ter um limiar mais baixo para estimulação (que pode ser relativamente seletivo para uma modalidade sensorial, como audição). Esse bebê também pode ser menos capaz de tolerar um aceleração rápida na intensidade de um estímulo e no nível concomitante de excitação interna. O mesmo estímulo crescente que faria um bebê sorrir seria muito intenso para esse bebê, e ele pode chorar. Mesmo que a explosão de estímulo estivesse na faixa ideal correta, sua taxa de aceleração poderia ser esmagadora.

Periodicamente, surgem teorias sugerindo que muitas crianças que nascem com sensibilidades constitucionalmente altas para a maioria dos estímulos devem desenvolver adaptações que os protegerão da barragem de eventos de estímulo, especialmente os eventos humanos altamente estimulantes, que eles vivenciam. As adaptações mais extremas resultam em comportamentos severamente protetores e retraídos que são sinônimos com autismo infantil. Essas teorias e suas variações ainda não foram ser provado ou refutado. Na verdade, um pequeno número de crianças que tornar-se autista fornecem histórias retrospectivas de extrema sensibilidade a a maioria e especialmente os estímulos humanos durante a infância. No entanto, o A grande maioria dos bebês hipersensíveis diminui à medida que o desenvolvimento prossegue ou cresce e se torna criança normal e adultos com um limiar mais baixo para estímulos e muitas vezes com níveis mais finos sensibilidades afinadas, que podem ou não ser utilizadas de forma criativa.

Falhas regulatórias e subestimulação

Qualquer condição diádica que impeça a captura e retenção da atenção, ou permita que o nível de excitação e afeto caia ou permaneça abaixo do limite inferior de uma faixa ideal, pode ser chamada de condição de subestimulação. As razões para tal condição diádica pode ser extremamente diverso tanto em origem quanto em reversibilidade. No Do lado da mãe, as razões consistem principalmente em distúrbios na capacidade de desempenhar comportamentos sociais eficazes eliciados pelo bebê.

Se uma mãe estiver deprimida, por exemplo, ela poderá ir através de todas as atividades práticas de cuidado, mas ela não será capaz de iluminar seu rosto, voz ou movimentos. Os envelopes necessários de intensidade e contorno de estímulo que são tão bem projetados influenciar a atenção, a excitação e o afeto do bebê não estará disponível para ele. O estímulo progressivamente crescente e culminante rajadas necessárias para gerar os ataques de excitação que produzem afeto estar ausente; o mesmo acontecerá com as rápidas mudanças no tom, na velocidade ou na modalidade para

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

recuperar uma atenção debilitada; e o mesmo acontecerá com o suspense do andamento e outras mudanças surpreendentes no tempo. O deprimido cuidador será incapaz de brincar com seu próprio comportamento, a fim de brincar com seu bebê.

Da mesma forma, uma mãe com respostas emocionais restritas ou achatadas devido a um processo esquizofrênico terá uma capacidade de resposta limitada. alcance e capacidade reduzida de modular a intensidade e riqueza de os estímulos sociais que ela fornece ao bebê. Um cuidador que, por razões caracterológicas ou neuróticas, tem uma inibição excessiva de a espontaneidade estará em uma posição aproximadamente semelhante. (No entanto, temos frequentemente visto cuidadores que são bastante inibidos na maior parte de suas atividades adultas interações ganham vida com seus bebês.)

A subestimulação também pode ocorrer com um cuidador que tenha um repertório inteiramente normal de comportamentos sociais induzidos pelo bebê, mas há é uma interferência com o poder de eliciação da criança sobre ela, mesmo que o bebê seja, sob todos os padrões, uma fonte eliciadora bastante adequada estímulo. Se o cuidador estiver obsessivamente preocupado com pensamentos não tem relação com o bebê, ou se ela está ressentida e rejeita seu bebê ou o papel de cuidadora, então ela pode ser relativamente impermeável ou insensível aos convites do bebê, e pouco acontecerá com ela em termos de comportamentos sociais provocados pelo bebê, mesmo embora ela tenha um repertório totalmente disponível, mas latente. Outra vez, a subestimulação prevalecerá.*

Vimos o resultado da subestimulação por outro caminho. Alguns cuidadores são hipersensíveis ou temem a rejeição seus bebês. Às vezes, essa insegurança se limita ao cuidado papel, mas com a mesma frequência é uma manifestação de uma insegurança mais generalizada. Em qualquer caso, isso geralmente é desempenhado pelo cuidador

* Em todas essas situações vale a pena imaginar qual é a característica predominante do bebê. experiências sensorio-motoras-afetivas provavelmente o serão, uma vez que serão internalizadas para formar representações de seu primeiro e mais importante relacionamento.

que age como se cada cessação da atenção infantil, cada aversão ao olhar, fosse uma "micro-rejeição" e cada retorno do olhar uma "micro-aceitação". Sentindo-se rejeitado, o cuidador interpreta um bebê encarar a aversão como um comportamento de corte permanente e interromper a interação levantando-se e afastando-se ou colocando o bebê no chão, em vez de ver a aversão como uma retenção temporária e um reajuste comportamento. Conseqüentemente, as sessões de jogo também são frequentemente encerradas rapidamente, muito antes de o bebê estar pronto para parar. O resultado é que o a duração da estimulação fica aquém da capacidade do bebê.

Uma "falta" semelhante de estimulação acontece se o cuidador tiver um repertório estereotipado limitado de variações de comportamento social. Alguns pais ou outros membros da família que interagem pouco com seus os bebês demonstram essa situação em caricatura. Quando um estereótipo o pai chega em casa depois do trabalho e ele e o bebê estão prontos para tocar, ele repassa seu repertório. Primeiro ele joga "pular no joelho" com grande alegria para ambos. Quando o bebê se habitua lentamente a esse estímulo, ele passa a "balançar a cabeça de um lado para o outro", e depois disso começa a ficar pálido, ele muda para "fazer cócegas na barriga". Em tudo três jogos, ele é uma fonte maravilhosamente rica de estimulação e conduz as transições de um jogo para o seguinte com grande sensibilidade às tendências e desvios do bebê. Porém, depois de "fazer cócegas na barriga" seguiu seu curso para o bebê, o pai esgotou todo o seu repertório de jogos estereotipados. Ele então encerra a interação; embora a criança possa estar cansada do último jogo, ela está, no entanto, pronta para uma nova e diferente. Infelizmente, o pai não tem nenhum disponível.

Uma situação um tanto análoga pode ocorrer quando um cuidador é muito inibido ou mesmo fóbico, por qualquer motivo, em qualquer modalidade de jogo, mais geralmente ao tocar ou fornecer estimulação cinestésica vigorosa. Nessas circunstâncias, a interação pode ocorrer suavemente e lindamente através de muitos episódios de comportamentos vocais e faciais rica e variadamente combinados. Em algum momento, porém,

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

algo diferente e mais vigoroso pode ser necessário para manter o fluxo, como uma mudança para estimulação proximal por meio de toque ou salto. Mas o cuidador não consegue fornecê-lo e o fluxo interativo começa a diminuir.

Até agora mencionei apenas o cuidador como a fonte inicial da má regulação. O evento primário também pode residir no comportamento do bebê. Se o bebê estiver hipoativo ou tiver um atraso significativo no desenvolvimento ou danos cerebrais mínimos, então uma quantidade normalmente eficaz de estimulação pode não movê-lo ou mantê-lo dentro da faixa ideal. Ao mesmo tempo, ele será incapaz de produzir sorrisos, arrulhos e outras ações que evoquem sentimentos sociais provocados pela criança.

comportamentos do cuidador. A cuidadora é então colocada na situação de não ser adequadamente estimulada pelo bebê para produzir os comportamentos que irão estimulá-lo adequadamente para fornecer os comportamentos eliciadores que irão estimulá-la a estimulá-lo. . . e assim por diante.

Mesmo quando o cuidador consegue avançar sozinho, muitas vezes à custa de muito esforço, os seus esforços podem ser insuficientes para estimular o bebê e não podem ser mantidos, exceto com considerável determinação, o que é exaustivo e pouco gratificante. Numa tal situação, para manter a interação diádica mutuamente regulada, o cuidador tem de reajustar o seu próprio repertório comportamental e nível de estímulo para corresponder à gama de responsividade do bebê. Ela também precisa se "retreinar" para descobrir quais comportamentos sociais estão disponíveis para o bebê e que respondem ao seu comportamento. Esta não é uma tarefa fácil. Contudo, na medida em que isso possa ser conseguido, um sistema diádico de regulação mútua pode ser restaurado com todas as vantagens que isso acarreta para o desenvolvimento social e cognitivo da criança.

Falhas regulatórias e estimulação paradoxal

Vimos um punhado de mães que só ganham vida para seus bebês, a fim de proporcionar eventos de estímulo eficazes quando seus bebês

ERROS NA DANÇA

se machucar ou sofrer algum outro acidente desconfortável. Esta é uma forma incomum e felizmente pouco frequente de responsividade paradoxal seletiva. Estas mães eram extremamente ambivalentes em relação aos seus bebês e aproximavam-se do grau de perturbação nos seus cuidados que poderia classificá-las como mães “negligentes” ou “abusivas”. (Os dois andam juntos com mais frequência do que nunca.)

Estas mães eram geralmente bastante inexpressivas quando confrontadas com os seus bebês e pareciam envolver-se pouco em brincadeiras sociais, muito menos em brincadeiras animadas.

Todos os bebês têm um “repertório” de contratempos comuns que provocam danos ou são desconfortáveis, como perder o equilíbrio na cadeira e cair “em câmera lenta” para o lado; ou errar a boca com uma colherada e acertar o olho, orelha ou queixo; ou julgar mal o alcance de algo e cair de cara no chão; ou calcular mal a trajetória de um objeto que estão trazendo em direção ao rosto e bater com ele na testa. Muitas dessas ocorrências erradas são de fato engraçadas da mesma forma que o pastelão é engraçado, e a maioria dos cuidadores pode rir (se não houver nenhum ferimento real) e também apresentar alguns comportamentos calmantes do tipo “ali-ali”.

O que é incomum nesse grupo de mães é que somente quando um desses acidentes acontece com o bebê é que elas ganham vida. Somente quando inspirada pelas circunstâncias “engraçadas” do desconforto do bebê é que a mãe executa comportamentos sociais animados provocados pelo bebê.

Nesses momentos, ela deixa de ser impassível e se torna uma parceira social eficaz. Nesse ponto, o bebê normalmente recupera rapidamente do seu acidente em resposta à sua mãe “transformada”, e então partilham um dos seus raros momentos de estimulação mutuamente prazerosa e excitante. O problema, claro, é que os principais momentos de deleite interativo e de vivacidade do bebê com sua mãe dependem e talvez se tornem associados a um sentimento desagradável imediatamente precedente. Dificilmente poderia ser concebido um paradigma de aprendizagem mais ideal para adquirir a base de

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

masoquismo: a dor como condição e pré-requisito para o prazer.

(O comportamento maternal dessas mães não é isento de óbvio sadismo.)

Embora a mãe "média" também possa se divertir, envolver-se e animar-se com esses pequenos contratempos, seus comportamentos sociais induzidos pelo bebê são evocados por uma ampla gama de outros comportamentos mais comportamentos frequentes, bem como produzidos espontaneamente, que qualquer associação entre o desconforto e o prazer subsequente seria lavado.

Outra forma muito mais comum de estimulação paradoxal consiste em gastar enormes quantidades de tempo, energia, e sensibilidade em outra pessoa, evitando contato total e, pelo menos ao mesmo tempo, desligamento total. Como estudantes casuais do comportamento humano, todos nós já vimos muitas versões do intrincado processo interpessoal. coreografia que permite que as pessoas percam as chances de realmente conseguir juntos e ainda assim evitar as oportunidades de realmente se separarem. Isto pode ocorrer entre casais, ou pais e filhos, ou amigos. O a sensibilidade mútua reside em assegurar as "falhas" e assegurar o "vincular."

Uma versão disso pode ser chamada de dança mútua de aproximação e retirada. Já analisei detalhadamente as etapas intrincadas que perpetuam uma variação desse padrão.⁴ Foi assim.

A mãe era uma mulher comprometida e carinhosa que deu à luz aos gêmeos, Mark e Fred. Como tem sido comumente observado em mães de gêmeos, parte da ambivalência "normal" sobre ter gêmeos é dividido de modo que mais sentimentos positivos sejam inicialmente ligados a um bebê e mais sentimentos negativos para o outro. Isso não é incomum e geralmente se corrige depois de um tempo. Neste particular caso, a mãe já havia feito distinções entre os gêmeos enquanto eles ainda estavam em seu ventre. Um bebê chutou mais e, porque

Como a mãe se considerava uma pessoa viva e enérgica, ela fez uma identificação mais próxima com aquela pessoa ativa, mas invisível. presença. Após o parto, ela de alguma forma presumiu que Mark, que na verdade era o bebê mais ativo dos dois, era quem tinha nascido. tenho chutado mais por dentro. De qualquer forma, esta mãe encontrou coisas mais fácil com Mark, e ela experimentou um relacionamento mais pronto com ele. A interação e o entrosamento foram mais difíceis e turbulentos com Fred, a criança quieta.

A sessão de jogo específica usada para filmes detalhados quadro a quadro análise foi escolhida porque era altamente característica da maioria das suas interações sociais. A mãe sentou-se no chão com cada criança (eles tinham três meses e meio de idade) colocados em bebês separados assentos à sua frente. A peça, como sempre, transcorreu sem esforço com Mark e piorou progressivamente com Fred até que sua agitação acabou o período. Eu queria saber o que havia de tão diferente entre os dois interações: mãe com Mark e mãe com Fred. Para fazer isso o filme foi visto quadro a quadro por meio de um editor de filmes. A número foi impresso em cada quadro. Desta forma eu poderia mover o filme para frente ou para trás quantas vezes eu quisesse, e tão rápido ou lento porque eu precisava registrar o que aconteceu em cada quadro.*

* Para os leitores interessados na análise detalhada do comportamento, há algo que quero dizer sobre esse método de análise. Isso coloca o pesquisador em contato muito íntimo com o material. Por mais que me envolvi com o processo entre Jenny e sua mãe, então através deste método me tornei um observador-participante da interação entre os gêmeos e seus mãe. O método é menos usado agora porque os avanços tecnológicos tanto na TV e equipamentos de filme disponibilizaram uma variedade de recursos de reprodução: parar quadros, recursos de câmera lenta para frente e para trás, etc., tudo ao virar de um trocar. Algo se perde com essas inovações, no entanto. Usando o editor antigo e bobinas de recolhimento manuais para visualizar um único comportamento completo de limite a limite, do início ao fim, você tem que girar as bobinas com ambos os braços, uma mão em cada um, exatamente "aqui" para exatamente "lá" para examinar todo o movimento. Depois de observar esse único comportamento, diga o crescendo e decrescendo do sorriso de uma mãe, repetidamente, sua coordenação espacial se torna

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

O primeiro fenômeno que esse método tornou aparente foi que mãe e Fred tendiam a se mover quase exatamente juntos, como dois fantoches no mesmo conjunto de cordas. Além disso, seus movimentos seguiu um padrão claro. Quando a mãe se aproximou de Fred, ele se retirou, e quando Fred se aproximou da mãe, ela se retirou. Esse padrão é ilustrado na Figura 8, retirada do filme.

Esta foi a primeira vez que se tornou óbvio que uma mãe e fant poderia se mover juntos e começar e parar de se mover juntos, em pelo menos por curtos períodos, com o tipo de precisão que defendia o modelo de um programa partilhado em vez de uma explicação estímulo-resposta. Para me assegurar de que muito deste “dançar juntos” realmente ocorreu, cobri metade da tela e gravei em que ponto a mãe iniciou uma aproximação ou afastamento de Fred. Fiz então o inverso, gravando em quais frames Fred iniciou uma abordagem ou afastamento da mãe. Quando comparei esses dois registros, ficou evidente que a maioria na época, os dois atuavam simultaneamente para todos os efeitos. Às vezes, porém, um membro começava a se mover ou parava, tempo suficiente antes do outro, para que um movimento pudesse ser considerado um estímulo e o outro uma resposta. Nestes casos a mãe era um pouco mais frequentemente o líder.

Acontece que Mark também estava se movendo de forma aproximadamente síncrona com os movimentos da mãe, mas apenas quando estavam de frente e

aperfeiçoado para que você possa iniciar e parar o filme exatamente nos limites do comportamento. Você então se tornou um observador participante. Você pode reproduzir o extensão do comportamento da mãe, mesmo com os olhos fechados, porque o “conhecimento” de onde estão os limites agora reside em seus próprios braços e mãos. Esse o envolvimento íntimo com os dados permite uma oportunidade rara. Enquanto você reproduz o comportamento da mãe solteira “com os braços”, agora você pode observar o bebê com os olhos, mas sabendo o tempo todo quando a mãe está fazendo o quê. Em um sentido, ao deixar seu corpo se tornar parte da ação, ele fica “treinado” para fazer uma tarefa de observação enquanto seus olhos ficam livres para fazer outra. E apenas ambos juntos contam toda a história.

olhando um para o outro durante uma interação. Fora isso, os movimentos de Mark eram independentes dos da mãe. Fred, por outro lado, continuou a se mudar com a mãe, mesmo quando ela não estava

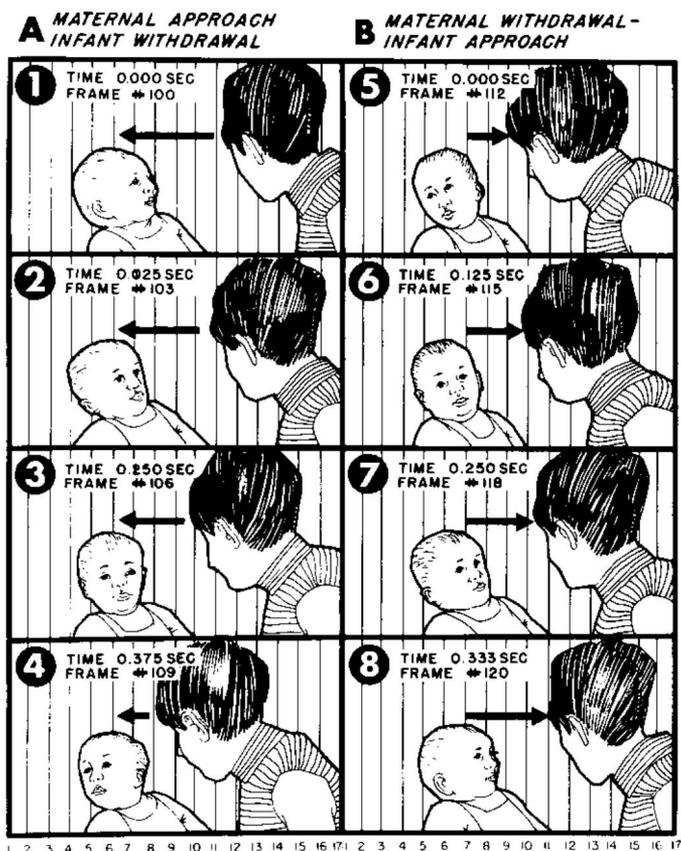


Figura 8. Padrão de aproximação-afastamento mútuo entre uma mãe e um de seus 31 gêmeos de 2 meses de idade, extraído do meu filme.

olhando ou interagindo com ele, e mesmo quando ele não estava olhando diretamente para ela. Ele aparentemente estava sempre monitorando seus movimentos.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

movimentos periféricamente e respondendo a eles com seus próprios movimentos. Nesse sentido, ele sempre manteve contato responsivo com ela; nunca foi quebrado. Mas Mark só mantinha contato responsivo com ela quando eles também se entreolhavam; caso contrário, ele quebrou o contato.

Outra diferença crucial nas duas interações foi que a mãe agia de maneira diferente em relação à aversão ao olhar dependendo de quem o realizava. Se Mark desviasse o rosto, a mãe aceitava isso como uma interrupção temporária e desviava o olhar ou ficava quieta. Se Fred desviasse o rosto, a mãe não aceitava isso como um sinal de corte e aproximava-se dele como se quisesse forçar um contato mais completo, mas conseguindo apenas forçá-lo a uma posição de maior aversão.

Em resumo, o padrão de passos entre Fred e a mãe traçou uma sequência repetida que era a seguinte: Se Fred e a mãe estivessem frente a frente num momento de olhar mútuo, um momento de duração geralmente curta entre eles, Fred invariavelmente se encararia. habilmente desviou ligeiramente o olhar *enquanto* a mãe se aproximava dele. Em vez de considerar a aversão facial de Fred como um sinal para recuar (como faz com Mark), ela trata isso como um sinal para se aproximar. Uma razão pela qual ela pode agir de forma diferente com Fred é que, ao contrário de Mark, mesmo quando Fred desvia o olhar, ele continua monitorando cada movimento dela, e ela pode sentir isso através da resposta dos movimentos dele aos dela. Isso pode lhe dar a impressão de que ele ainda está em contato com ela, então ela se aproxima para estabelecer contato visual e cara a cara. Isso afasta Fred ainda mais, com uma aversão exagerada ao rosto. Dessa posição, *quando* Fred se vira para ela, ela se afasta e se afasta. Ainda é um fluxo de aproximação-afastamento mútuo, mas agora na direção oposta, Fred se aproximando e a mãe se afastando. No momento em que ela está totalmente afastada e de costas para Fred, ele agora está totalmente de frente para ela novamente e ainda executando os pequenos movimentos de aproximação e afastamento que dependem dos movimentos dela em direção a ele, mesmo que seus movimentos não sejam mais repetidos.

ligada a ele. Ela está procurando em outro lugar. No entanto, a combinação O fato de ele olhar para ela e se mover com ela rapidamente recupera sua atenção. Ela novamente se vira para Fred, e enquanto ela se aproxima dele, ele evita e eles estão novamente refazendo os mesmos passos sequenciais.

Uma das características marcantes deste padrão de “desaparecimento” é que mãe e Fred nunca ficaram juntos por muito tempo e nunca ficaram completamente separados por muito tempo. No entanto, eles gastam muito mais tempo e esforço trabalhando ou, melhor, falhando em se reunir. (Marcos e mãe gaste menos tempo interagindo, mas mais tempo no olhar mútuo e no contato cara a cara.)

Um dos resultados interessantes deste padrão interativo foi que durante o segundo ano de vida Fred continuou a ter mais dificuldade em estabelecer e manter o olhar mútuo com mãe e outros, em comparação com Mark, e também mais problemas em desligando-se da mãe e vagando sozinho sem voltar atrás, assim como Mark. Em geral, ele permaneceu menos apegado e menos separados.

Uma das principais inferências deste exemplo de paradoxal estimulação é que o curso da fase de separação-individação desenvolvimento, que se torna uma importante questão de desenvolvimento no segundo ano de vida, pode ser parcialmente prefigurada e predeterminada pelos padrões interativos estabelecidos no primeiro semestre de vida, quando a principal questão do desenvolvimento é o apego.

Apego e separação, ou engajamento e desligamento, estão inextricavelmente relacionados, lados opostos da mesma moeda. Geralmente ao observar bebês no primeiro ano, focamos no apego aspecto e, ao visualizá-los no segundo ano, no aspecto separação-individação. Esta é uma mudança de foco um tanto artificial e potencialmente enganosa, embora compreensível. Durante no primeiro ano de vida, os comportamentos de apego estão se tornando plenos florescer. Sorrir, olhar, agarrar-se e arrulhar são as formas que parecem preencher a imagem, enquanto aversões ao olhar, olhares fixos e momentos

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

inibições temporárias constituem o espaço entre as formas. Então, no segundo ano, os comportamentos de separação parecem florescer, e a mobilidade, o afastamento e o envolvimento com objetos, tornam-se a forma que preenche o quadro, enquanto o olhar voltado para a mãe e as vocalizações periódicas agora preenchem os espaços.

A questão é que toda a "imagem" em qualquer idade consiste na relação entre as formas dominantes e as formas dos espaços entre elas. A estrutura e a função do envolvimento e do desligamento estão interligadas, de modo que a história do desenvolvimento de um deve abranger a história do desenvolvimento do outro, independentemente da fase de desenvolvimento em que a criança se encontra. com o início do apego.

9

Encontrando seu próprio caminho

É bastante óbvio que quando uma criança é “desviantes” ou o comportamento de uma mãe anormal e obviamente deletério, nós têm que intervir imediatamente com qualquer conhecimento e engenhosidade que estejam disponíveis e que possam ser úteis. Mas todos nós, cuidadores, investigadores, educadores e médicos, estão agora numa posição diferente, num lugar de transição. Estamos muito encorajados e entusiasmados com nossa compreensão rapidamente crescente da biologia e da psicologia do desenvolvimento social da criança, mas ainda não é capaz de traduzir plenamente este conhecimento na prática do dia a dia. Trabalhar neste ponto de transição coloca problemas sobre saber o que é normal e o que é anormal e o que fazer a respeito, se houver alguma coisa. A intervenção, mesmo a intervenção educativa, é sempre problemática, e a contenção é chamada pois diante do zelo criado pelo nosso novo conhecimento.

Em primeiro lugar, simplesmente ainda não conhecemos a nossa própria gama cultural de padrões interativos normais entre bebê e cuidador. Uma intervenção implica que algo identificável está errado. A distinção nem sempre é clara (nas mentes de observadores com formação semelhante e, muitas vezes, com antecedentes semelhantes) entre potenciais padrões patológicos. e simplesmente “do jeito que as coisas são” em qualquer família. Afinal, a criança está, em parte, sendo moldada para crescer, viver e se adaptar a essa realidade. cuidador naquele ambiente. Erik Erikson alertou-nos a todos sobre como

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

cada sociedade educa seus filhos para que eles tenham uma adaptação adaptativa com as necessidades e a natureza daquela sociedade específica. O mesmo é verdadeiro dentro de cada família.

Em segundo lugar, mesmo quando a maioria de nós concorda que algo parece errado em uma interação, não sabemos com certeza suficiente se ela irá se corrigir em um mês, ou na próxima fase de desenvolvimento, ou se isso não acontecer, quais serão as suas consequências a longo prazo. Sem essa garantia, as intervenções não são justificáveis.

Terceiro, mesmo que tivéssemos mais certeza sobre o que dizer a um cuidador e pudéssemos dizer "faça isto, não aquilo", a cura poderia ser pior do que a doença. Uma das características mais eficazes do cuidador comportamento social é sua espontaneidade. Na verdade, a capacidade de realizar variações eficazes de comportamento social provocadas pela criança baseia-se, em grande parte, numa base de inconsciência e de uma confiança intuitiva em seu próprio ser. próprio comportamento. Prejudicar isso pode colocar em risco um dos cuidadores ativos mais potentes e colocam diferentes tensões e tensões no ajuste interativo.

Os mesmos problemas que dificultam a questão da intervenção envolvem aspectos da educação para o cuidador. No entanto, a educação em alguns a forma é extremamente necessária. Ao trabalhar com cuidadores, principalmente mães de primeira viagem, tenho visto como a maioria deles realmente "aprende troca." Não é através de nenhuma instituição médica, paramédica ou educacional. Se uma mulher não viver numa família alargada, e a maioria já não o faz, ela aprende através de agrupamentos informais de cuidadores. Esses pequenos e transitórios, mas poderosos e onipresentes As "instituições" flutuantes são os disseminadores de informação de importância vital. Geralmente são formados ao acaso por quem vive no seu quarteirão, ou no seu prédio, ou quem sua irmã conhece, ou quem você se conheceu no parquinho e por acaso tem um filho mais ou menos idade do seu filho, ou um pouco mais velho, se você tiver sorte, já que ele já estive lá no mês passado.

É nestes agrupamentos sociais informais e pouco estruturados que

grande parte da educação real e precisava de apoio emocional para o “emprego” ocorre, não em nossas instituições reconhecidas e não através de livros de instruções. Suspeito que ser um cuidador principal é mais parecido com ser um artista criativo do que qualquer outra coisa, atuando em seu próprio trabalho conforme você o cria: um coreógrafo-dançarino ou um compositor-músico. Observe que enfatizei a dinâmica não-verbal e temporalmente artes, pelo menos durante este período da infância.

As normas culturais irão infiltrar-se de qualquer maneira, e a formação formal é útil e inestimável, mas apenas para dominar habilidades técnicas básicas como troca de fraldas, banho, nutrição e alimentação. No entanto, o processo de ter uma interação social e brincar com uma criança realmente não pode ser ensinado. Isso não significa que o cuidador não possa aprender cada vez mais sobre esse processo, tenha mais facilidade para criar e atuar, e desfrutar mais assim.

O processo de aprender a interagir com uma criança e obter a “sensação” do processo interativo é aproximadamente semelhante de um cuidador para outro, mas também com algumas diferenças reais. Ainda para cada cuidadora, subjetivamente, sente como se os eventos e emoções que ela encontra fossem altamente pessoais e individuais para ela e seu bebê, de forma exclusiva e incompartilhável. Criar e atuar em uma interação social continuamente improvisada e muitas vezes idiossincrática pode ser um processo solitário e até alienante. Ninguém jamais escreveu o “passos e notas” a serem seguidos, pois são improvisados conforme você vá, e ninguém jamais listou ou “sancionou” a grande variedade de combinações comportamentais novas, muitas vezes incomuns e inesperadas, o cuidador irá involuntariamente usar com seu bebê. No em algum momento, então, a maioria dos cuidadores descobre ou sente que está fora sozinho em um membro de interações comportamentais improvisadas próprias criação pessoal. Para alguns esta experiência é estimulante, para mais muitas vezes é assustador.

Presumo que todos os empreendimentos criativos, dos quais a interação social diária com uma criança é um deles, periodicamente chegam a esse lugar solitário.

O PRIMEIRO RELACIONAMENTO

onde tanto o caminho que foi trilhado quanto tudo o que você é agora fazer é questionado. É por esta razão que acredito que qualquer O grupo de pares de cuidadores para aumentar a consciência é o melhor "dispositivo" educacional para transmitir novas ideias, apoio emocional e, talvez o mais importante, a perspectiva de que o que cada um está fazendo e preocupação é geralmente bastante comum e compartilhada por todos, para saiba, em outras palavras, que toda boa mãe está sozinha membro.

É também a mesma razão pela qual este livro foi escrito. Neste espírito, Tentei compartilhar informações, para que um cuidador possa criar o passos de sua própria "dança" única com seu bebê e ao mesmo tempo tempo sabemos que os "movimentos" individuais que ela e eles fazem, e as sequências improvisadas que traçam, são mesmo na sua individualidade parte de um processo natural comum a todos nós.

A primeira lição geral que advém destes estudos é que a condução da interação social, mesmo com uma criança, é um processo individual e intrincado: de improvisar no local inesperado comportamentos que vêm de dentro; de criar espontaneamente e mudando padrões temporais e sequências comportamentais que têm nunca foi realizado exatamente assim antes e ainda assim é visto um milhões de vezes; de alterar com flexibilidade o tom, o tom e a velocidade e modalidade impensadamente à medida que você avança, com base em pistas que passam rapidamente e são apenas vagamente experimentados e parcialmente identificados, mas percebido o suficiente para levar a uma direção nova e desconhecida de Ação; mas tudo isto dentro de uma estrutura sólida e estruturada que a natureza proporcionou tanto à criança como ao cuidador.

A outra lição importante é que este sistema de variabilidade dentro estrutura é aquela para a qual tanto o bebê quanto o cuidador trazem os comportamentos e responsabilidades necessários para que ela esteja preparada para "funcionar" com o segurança e robustez que refletem o trabalho de aperfeiçoamento gradual da natureza ao longo de vários milênios de evolução, um sistema interativo projetado para desenvolver indivíduos, não erros.

Notas

Índice

Notas

Introdução

1. DN Stern, S. Spieker e K. MacKain, "Contornos de entonação como sinais na fala materna para bebês pré-linguísticos", *Psicologia do Desenvolvimento*, 1982, 18, 727–735. K. MacKain, M. Studdert-Kennedy, S. Spieker, e DN Stern, "A percepção da fala intermodal infantil é uma função do hemisfério esquerdo", *Science*, 1983, 219, 1347–49. DN Stern, S. Spieker, R. Barnett e K. MacKain, "A Prosódia da Fala Materna: Infantil Mudanças relacionadas à idade e ao contexto", *Journal of Child Language*, 1983, 10, 1–15.
2. DN Stern, J. Beebe, J. Jaffe e SL Bennett, "O estímulo dos bebês 'Mundo' durante a interação social: um estudo da estrutura, do tempo e efeitos dos comportamentos do cuidador", em R. Schaffer, ed., *Interações em Infância*, Simpósio Loch Lomond (Nova York: Academic Press, 1977), 177–203. J. Jaffe, SW Anderson e DN Stern, "Ritmos Conversacionais", em D. Aronson e RW Rieber, eds., *Psicolinguística Pesquisa: Implicações e Aplicações* (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1978). DN Stern, "A Representação dos Relacionamentos: Algumas Considerações", *Infant Mental Health Journal*, 1991, 12, no. 3.
3. C. Beebe e DN Stern, "Engajamento-Desengajamento e Object Experiences", em N. Freedman e S. Grand, eds., *Estruturas Comunicativas e Estruturas Psíquicas* (Nova York: Plenum, 1977). DN Stern, *O mundo interpessoal da criança: uma visão da psicanálise*

- e *Psicologia do Desenvolvimento* (Nova York: Basic Books, 1985). DN Stern, "A representação de padrões relacionais: algumas considerações de desenvolvimento, em A. Sameroff e R. Emde, eds., *Relacionamento Distúrbios na Primeira Infância* (Nova York: Basic Books, 1989), 52-69.
4. DN Stern, *A constelação da maternidade: uma visão unificada da psicoterapia entre pais e filhos* (Nova York: Basic Books, 1995).
5. DN Stern, "One Way to Build a Clinically Relevant Baby", *Infant Mental Health Journal*, 1994, 15, no. 1, 9-25. DN Stern, "Contornos de Vitalidade: O contorno temporal dos sentimentos como unidade básica de construção a experiência social do bebê", em P. Rochat, ed., *Early Social Cognition* (Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1999), 67-80.
6. DN Stern, *Diário de um Bebê* (Nova York: Basic Books, 1990).
7. Ver, por exemplo, CH Zeanah, TF Anders, R. Seifer e DN Stern, "Implicações da Pesquisa sobre Desenvolvimento Infantil para Teoria e Prática Psicodinâmica", em *Psicodinâmica: Pesquisa sobre Desenvolvimento Infantil, Jornal da Academia Americana de Psiquiatria Infantil e Adolescente*, 1989, 2, não. 5, 657-668. N. Stern-Bruschweiler e DN Stern, "Um Modelo para Conceituando o papel do mundo representacional da mãe na Várias terapias mãe-bebê", *Jornal de saúde mental infantil*, 1989, 10, não. 3, 142-156. DN Stern e N. Bruschweiler-Stern, *O nascimento de um Mãe* (Nova York: Basic Books, 1998).
8. Ver Stern, *Mundo Interpessoal da Criança*.
9. DN Stern, LW Sander, JP Nahum, AM Harrison, K. Lyons-Ruth, AC Morgan, N. Bruschweiler-Stern e EZ Tronick, "Mecanismos Não Interpretativos em Terapia Psicanalítica: O 'Algo Mais do que Interpretação", *International Journal of Psychoanalysis*, 1998, 79, 903-921. EZ Tronick, ed., Edição Especial: Uma Perspectiva de Desenvolvimento sobre Mudança Psicoterapêutica, *Infant Mental Health Journal*, 1998, 19. Grupo de Estudo do Processo de Mudança de Boston, Relatório III, "Explicando o Implícito: O Nível Local e o Microprocesso de Interação no Situação Analítica" (em preparação).
10. DN Stern, L. Hofer, W. Haft e J. Dore, "Affect Attunement: The Compartilhamento de estados de sentimento entre mãe e bebê por meio de Fluência Intermodal", em T. Field e N. Fox, eds., *Social Perception in In-*

fãs (Norwood, NJ: Ablex, 1984), 249–268. Stern, *O mundo interpessoal da criança*. Stern, "Contornos de Vitalidade".

2. O repertório do cuidador

1. I. Eibl-Eibesfeldt, *Etologia, a Biologia do Comportamento* (Nova York: Holt, Rinehart e Winston, 1970). A. Kendon e A. Ferber, "A Description of Some Human Greetings", em RP Michael e JH Crook, eds., *Comparative Ecology and Behavior of Primates* (Londres: Academic Press, 1973).
2. CA Ferguson, "Baby Talk in Six Languages", em J. Gumperz e D. Hymes, eds., *A Etnografia da Comunicação*, 1964, 66, 103–114.
3. K. Nelson, "Estrutura e Estratégia em Aprender a Falar", *Monografia da Sociedade para Pesquisa em Desenvolvimento Infantil*, 1973, 38, (102, número de série 149).
4. C. Snow, "Discurso da Mãe para Crianças Aprendendo Linguagem", *Desenvolvimento Infantil*, 1972, 43, 549–564. D. Stern, "Mãe e bebê brincando: a interação diádica envolvendo comportamentos faciais, vocais e de olhar", em M. Lewis e L. Rosenblum, eds., *O efeito do bebê em seu cuidador* (Nova York: Wiley, 1974). D. Slobin, "On the Nature of Talk to Children", em E. Lenneberg e E. Lenneberg, eds., *Foundations of Language Development, I* (Nova York: Academic Press, 1975).
5. D. Stern e J. Jaffe, "Dialogic Vocal Patterns Between Mothers and Infant", artigo apresentado na Conferência sobre Interação, Conversação e Desenvolvimento da Linguagem, Serviço de Testes Educacionais, Princeton, outubro de 1976.
6. MC Bateson, "Trocas entre mães e bebês: a epigênese da interação conversacional", *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1975, 263, 101–113.
7. D. Stern, J. Jaffe, B. Beebe e SL Bennett, "Vocalizando em uníssono e em alternância: dois modos de comunicação dentro da mãe-Infant Dyad", *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1975, 263, 89–100.
8. HR Schaffer, GM Collis e G. Parsons, "Intercâmbio vocal e consideração visual em crianças verbais e pré-verbais", em HR Schaffer,

- ed., *Studies on Mother-Bebê Interaction* (Nova York e Londres: Academic Press, 1977).
9. M. Argyle e A. Kendon, "A Análise Experimental do Desempenho Social", em L. Berkowitz, ed., *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 3 (Nova York: Academic Press, 1967). A. Kendon, "Algumas funções da direção do olhar nas interações sociais", *Acta Psychologica*, 1967, 26, 22-63.
 10. JC Peery e D. Stern, "Distribuições de frequência de duração do olhar Durante as interações mãe-bebê", *Journal of Genetic Psychology*, 1976, 129, 45-55.
 11. TGR Bower, "Variáveis de estímulo que determinam a percepção do espaço em Bebês", *Science*, 1965, 149, 88-89.
 12. E. Tronick, L. Adamson, S. Wise, H. Als e TB Brazelton, "A resposta da criança ao aprisionamento entre mensagens contraditórias em Face to Face Interaction", artigo apresentado na Society for Research em Desenvolvimento Infantil, Denver, março de 1975.
 13. E. Aronson e S. Rosenbloom, "Percepção Espacial na Primeira Infância: Percepção dentro de um espaço auditivo-visual comum", *Science*, 1971, 172, 1161-1163.
 14. W. Fullard e AM Rieling, "Uma Investigação da 'Baby-ness' de Lorenz", *Desenvolvimento Infantil*, 1976, 47, 1191-1193.
 15. I. DeVore e MJ Konner, "Infância na vida de caçador-coleto: uma Perspectiva Etológica", em White, ed., *Etologia e Psiquiatria*. Ver também I. DeVore e RB Lee, eds., *Kalahari Hunter-Gatherers* (Cambridge: Harvard University Press, 1976).

3. O repertório infantil

1. M. von Senden, *Espaço e Visão*, trad. P. Heath (Glencoe, Illinois: Grátis Imprensa, 1960). Uma discussão sobre o trabalho de Von Senden pode ser encontrada em RA Spitz e WG Coblinger, *O primeiro ano de vida* (Nova York: International Universities Press, 1966).
2. KS Robson, "O papel do contato olho no olho no apego materno-infantil", *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 1967, 8, 13-25.
3. R. Ahrens, "Beitrag zur Entwicklung des Physiognomie-und Mimi-kerkennens", *Z. Exp. Angew. Psicol.*, 1954, 2, 412-454. RA Spitz e

- KM Wolf, "A resposta sorridente: uma contribuição para a ontogênese das relações sociais", *Genet. Psicol. Monogr.*, 1946, 34, 57-125.MM
4. RL Fantz, "Experiência visual em bebês: diminuição da atenção aos padrões familiares em relação aos novos", *Science*, 1964, 146, 668-670.
 5. D. Freedman, "Sorrindo em bebês cegos e a questão do inato versus adquirido", *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 1964, 5, 171-184. RA
Haaf e RQ Bell, "Uma Dimensão Facial na Discriminação Visual por Bebês Humanos", *Desenvolvimento Infantil*, 1967, 38, 893-899.
 6. PH Wolff, "Observações sobre o desenvolvimento inicial do sorriso", em BM Foss, ed., *Determinantes do comportamento infantil*, vol. 2 (Nova York: Wiley, 1963).
 7. B. Beebe e D. Stern, "Engagement-Disengagement and Early Object Experiences", em N. Freedman e S. Grand, eds., *Estruturas Comunicativas e Estruturas Psíquicas* (Nova York: Plenum, 1977).
 8. D. Stern, "Mãe e bebê brincando: a interação diádica envolvendo comportamentos faciais, vocais e de olhar", em M. Lewis e L. Rosenblum, eds., *O efeito do bebê em seu cuidador* (Nova York: Wiley, 1974).
 9. WR Charlesworth e M. Kreutzer, "Expressões Faciais de Bebês e Crianças", em P. Ekman, ed., *Darwin and Facial Expression* (Nova York: Academic Press, 1973).
 10. SL Bennett, "Interações bebê-cuidador", *Jornal da Academia Americana de Psiquiatria Infantil*, 1971, 10, 321-335.
 11. R. Emde, T. Gaensbauer e R. Harmon, "Expressão Emocional na Infância: Um Estudo Biocomportamental", *Série de Monografias de Questões Psicológicas*, 1976, 10, 1, não. 37.
 12. LA Sroufe e E. Waters, "A Ontogênese do Sorriso e do Riso: Uma Perspectiva sobre a Organização do Desenvolvimento na Infância", *Revisão Psicológica*, 1976, 83, 173-189.

4. Do laboratório à vida real

1. JS Bruner, "A Ontogênese dos Atos de Fala", *Journal of Child Language*, 1975, 2, 1-19.
2. RM Yerkes e JD Dodson, "A Relação da Força do Estímulo com a Rapidez da Formação de Hábitos", *J. Comp. Neurol. Psicol.*, 1908, 18,

- 458-482. J. Kagan e M. Lewis, "Estudos sobre Atenção no Humano Infantil", *Merrill-Palmer Quarterly*, 1965, 11, 95-127.
3. M. Lewis, S. Goldberg e H. Campbell, "Um Estudo de Desenvolvimento de Aprendizagem nos primeiros três anos de vida: diminuição da resposta a um sinal redundante", *Monografias da Sociedade para Pesquisa em Desenvolvimento Infantil*, 1969, 34, 9, no. 133.
4. J. Kagan, "Discrepância entre estímulo e esquema e atenção no bebê", *Jornal de Psicologia Infantil Experimental*, 1967, 5, 381-390.
5. JI Lacey, "Padrão de resposta somática e estresse: algumas versões de Teoria da Ativação", *American Handbook of Psychiatry*, vol. 4 (Nova York: Livros Básicos, 1974).
6. RB McCall e J. Kagan, "Atenção no Bebê: Efeitos da Complexidade, Contorno, Perímetro e Familiaridade", *Desenvolvimento Infantil*, 1967, 38, 939-952. G. Stechler e G. Carpenter, "A Viewpoint on Early Affective Development", em J. Hellmuth, ed., *The Exceptional Infant*, vol. 1 (Seattle: Publicações Especiais para Crianças, 1967).
7. DE Berlyne, "Riso, Humor e Brincadeira", em G. Lindzey e A. Aronson, eds., *Manual de Psicologia Social*, vol. 3 (Boston: Addison-Wesley, 1969).
8. J. Kagan, *Mudança e Continuidade na Infância* (Nova York: Wiley, 1971).

6. Estrutura e Tempo

1. A. Fogel, "Tempo Organization in Mother-Bebê Face to Face Interaction", em HR Schaffer, ed., *Studies on Mother-Bebê Interaction* (London: Academic Press, 1977).
2. C. Snow, "Discurso da Mãe para Crianças Aprendendo Língua", *Child Desenvolvimento*, 1972, 43, 549-564.
3. B. Beebe, "Ontogenia do Afeto Positivo no Terceiro e Quarto Meses de vida de um bebê", PhD. dissertação, Columbia Universidade, University Microfilms, 1973.
4. AB Kristofferson, "Latências de resposta ao estímulo de baixa variação: atrasos internos determinísticos", *Perception and Psychophysics*, 1976, 20, 89-100.
5. WJ McGill, "Mecanismos de contagem neural e detecção de energia em Audição", *Journal of Mathematical Psychology*, 1967, 4, 351-376. DJ Getty, "Discriminação de intervalos temporais curtos: uma comparação de

Dois Modelos", *Percepção e Psicofísica*, 1975, 18, 1–8. J. Gibbon, "Teoria da Expectativa Escalar e Lei de Weber no Tempo Animal", *Revisão Psicológica*, 1977.

6. D. Stern e J. Gibbon, "Expectativas temporais de comportamentos sociais nas brincadeiras mãe-bebê", em E. Thorman, ed., *As origens da capacidade de resposta do bebê* (Nova York: L. Erlbaum Press, 1977).

7. Da interação ao relacionamento

1. Ver M. Lewis e L. Rosenblum, eds., *The Origins of Fear* (Nova York: Wiley, 1974).
2. TB Brazelton, B. Koslowski e M. Main, "As origens da reciprocidade: a interação precoce entre mãe e bebê", em M. Lewis e L. Rosenblum, eds., *O efeito do bebê em seu cuidador* (Nova York: Wiley, 1974).
3. SM Bell, "O Desenvolvimento do Conceito do Objeto Relacionado ao Apego Bebê-Mãe", *Desenvolvimento Infantil*, 1970, 41, 291–311.
4. WR Charlesworth e M. Kreutzer, "Expressões Faciais de Bebês e Crianças", em P. Ekman, ed., *Darwin and Facial Expression* (Nova York: Academic Press, 1973).
5. M. Mahler e M. Purer, *Sobre a simbiose humana e as vicissitudes da individuação* (Nova York: International Universities Press, 1968).

8. Erros na dança

1. A. Thomas, HG Birch, S. Chess, ME Hertzog e S. Korn, *Individualidade Comportamental na Primeira Infância* (Nova York: New York University Press, 1963).
2. C. Hutt e C. Ounsted, "O significado biológico da aversão ao olhar com referência particular à síndrome do autismo infantil", *Ciência Comportamental*, 1966, 11, 346–356.
3. B. White, *Bebês Humanos: Experiência e Desenvolvimento Psicológico* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1971).
4. DN Stern, "Uma microanálise da interação mãe-bebê: comportamento que regula o contato social entre uma mãe e seus 31 gêmeos de 2 meses", *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 1971, 10, 501–517.

Índice

- Tempo Absoluto, 112
- Morfização adulta, 62
- Afeto, 83-86, 96, 103
- Experiência afetiva: em representações, 121–
122, 127–129; inco-
pedido de, 131
- Afetividade, expressão motora de,
140-141
- Comportamento afiliativo, 118
- Idade e comportamento do cuidador, 44–
46
- Ahrens, R., 53
- Ali, Maomé, 109–110
- Fase de apego, 155-156
- Atenção: e estimulação, 73–80;
e excitação, 80–82; em jogo, 93–94,
96, 102–103; e
superestimulação, 141, 143; e
subestimulação, 143-147
- Autismo, 145
- Evitação: de interação social, 28;
fechando os olhos, 55; Por movimento
cabeça, 58–60; e estimulação,
135–139
- “Babyess”, 41–43, 47
- Conversa de bebê, 23,
29–30 Bakeman, Roger,
3 Bateson, M. Catherine, 32
- Bela, infantil, 42, 47
- Beebe, Beatriz, 3, 144
- Pacotes comportamentais, 5, 66–68
- Bell, Richard Q., 54 Bell,
Sylvia M., 119–120 Bennett,
Stephen L., 62 Berlyne, DE,
85 Crianças cegas e
sorrisos, 64–65
- Cegueira, esquema para, 51
- Flor, Lois, 30
- Movimentos corporais, como experiência motora
presença, 125
- Estudo do Processo de Mudança de Boston
Grupo, 12

ÍNDICE

- Bowlby, John, 142
- Boxe, 108–110
- Dano cerebral, infantil, 148
- Brazelton, T. Berry, 3, 119 Bruner, Jerome S., 72 Padrão de pausa intermitente, 32–33
- Cuidadores: e interações, 16–22; comportamento de, 23–24; ex-facial pressões de, 25–29; vocalização de, 29–33; olhares de, 33–35; apresentações faciais/ movimentos de cabeça de, 35–37; proxêmica, 37–38; integração de comportamentos, 38–40; elicitação de comportamentos, 40–48; diferentes representações de, 131–132; primário/ secundário, 133n–134n; superestimulação por, 140–145; subestimulação por, 145–148; estimulação paradoxal por, 148–156
- Charlesworth, William R., 61
- Estimulação cognitiva, 71–72, 78–80, 83
- Comunicação: necessidade de, 60–61; dentro de pacotes comportamentais, 67; como mecanismo regulador infantil, 140–141
- Preocupação, expressões de, 26–27
- Comportamento controlador, cuidador, 140–142
- Mecanismos de enfrentamento, bebê, 139–140, 143
- Chorando, 65
- Normas culturais, 159
- Curiosidade, 72
- Dança, 110–111
- Darwin, Charles, 60–61 Rosto inexpressivo, aversão infantil a, 39 Decarie, Therese G., 40 Operações defensivas, infantil, 140, 143
- Depressão, cuidador, 145–146
- Discrepância, grau de, 79
- Desengajamento, 150, 155–156
- Brincadeira de boneca, 45
- Sonhando, 62–63, 80–81, 85–86
- Dunn, Judy, 3
- Educação para cuidar, 158–159
- Eibl-Eibesfeldt, Irineu, 27, 42
- Emde, Robert, 84–85
- Emoções, 83–86, 119
- Carranca endógena, 65
- Sorriso endógeno, 63, 80, 85
- Envolvimento, em períodos de jogo, 100–102, 150, 155–156
- Erikson, Erik, 8, 157–158
- Escalona, Sibylle, 142
- Aspectos evolutivos, 41–42, 47–48, 60–61, 72, 119
- Exagero, em expressões induzidas por crianças, 29–31, 33, 36–37, 124
- Excitação: termos, 80; e atenção, 80–82; e estimulação,

- 82–83; e afeto, 83–86; em
jogar, 93–94, 96, 99, 103
- Franzir a testa exógeno, 65
- Sorriso exógeno, 63
- Unidades experienciais, internalizadas,
129–130
- Rosto, atração infantil por, 53–54
- Aversões faciais, 59
- Apresentações faciais, 35–37
- Expressões faciais, cuidador: exemplos, 25–
27; propósitos de, 27–29; combinado
com apresentações presenciais,
36; e sorrisos infantis, 63–65; e
o bebê franze a testa, 65
- Expressões faciais, bebê: sig-
nificância de, 60–62; exemplos, 62–
66; embalagem de, 66–68; como
experiência motora, 125; como
comunicação regulatória, 140–
141
- Expressões faciais, esquema para, 21–
22
- Fantz, Robert L., 53
- Alimentação, 18, 21, 34–35, 52, 59, 97–98
- Crianças selvagens e sorrisos, 65
- Ferber, Andrew, 12
- Ferguson, CA, 29–30 Fogel,
Alan, 3 Percepção
de forma, 58 Visão
foveal, 58 “Fred”,
150–155 Freedman,
Daniel G., 54
- Jogo livre, 21
- Freud, Sigmund, 8, 70, 84–85
- Franzidos, 26–27, 63, 65–66
- Fullard, W., 44
- Diversão, 91–93, 95
- Ruídos agitados, 65–66
- Jogos, 19–21, 35, 147
- Garvey, Catarina, 3
- Olhar: mútuo, 18–21, 34, 98–99;
convenções para adultos, 33–34;
práticas de cuidador-bebê, 33–35;
interesse infantil, 50–54; mudanças
em 54–55; maturação precoce de 55–
56; mudança para objetos, 56–57;
e movimentos de cabeça, 57–60;
durante o jogo, 93–94, 98–100; nos
relacionamentos, 125
- Gênero e comportamento do cuidador, 43–
44, 46
- Comportamento de “saudação”, nos períodos
de jogo, 99–100
- Caretas, 65, 140–141
- Haaf, RA, 54
- Habituação, à estimulação repetida, 75–
76
- Coordenação mão-olho, 56–57
- Felicidade, bebê, 83, 86
- Abaixamento da cabeça,
59–60 Movimentos da cabeça: em
interações, 35–37; e olhar, 57–60;
como experiência motora, 125

- Virar a cabeça, 58-59
- Hipersensibilidade, infantil, 144-145
- Conhecimento implícito (saber), 11–13
- Improvisação, 159-160
- Incongruência e tensão, 84-86
- Comportamentos sociais provocados por bebês, 24–25; expressões faciais, 25–29; vocalização, 29–33; olhar, 33–35; apresentações faciais/movimentos de cabeça, 35–37; proxêmica, 37–38; integração de, 38–40; razões para elicitação, 40–48; provocado pelo jogo, 91–95; distúrbios na capacidade de desempenho, 145-148
- Bebês: mundo interno de, 5–8; e interações, 16–22; beleza/feiúra de, 42, 47; comportamento de, 49–50; olhares de, 50–54; mudanças no olhar, 54–55; maturação precoce do olhar, 55–56; mudança para objetos, 56–57; comportamentos da cabeça, 57–60; expressões faciais de, 60–66; empacotamento de comportamentos, 66–68; busca ativa de estimulação, 70–73; capacidade de temporização de, 112–116; experiências sensoriais, 123–125; experiências motoras, 125–127; experiências afetivas, 127–129; mecanismos de autorregulação, 140–145
- Informação, processamento infantil de, 124
- Inibições, cuidador, 146-148
- Iniciação: de interação social, 27; de períodos de jogo, 98–100
- Insensibilidade, cuidador, 142–143
- Integração de comportamentos, 38-40, 66–68
- Intensidade, vocal, 30–31
- Movimentos de intenção, 59
- Interações: con-
ceitos, 1–2; observações de, 2–3; tempo de, 3–5, 13–14; representações de, 6; abordagem prospectiva normativa para, 8–11; conhecimento implícito em, 11–13; como experiências de aprendizagem, 16–18, 21–22; expressões faciais para 25–27; iniciação de, 27; manutenção de, 27; modulação de, 27; término de, 27–28; evitar, 28; vocalização para, 29–33; olhar para, 33–35; apresentações faciais/movimentos de cabeça para 35–37; proxêmica, 37–38; necessidade de comunicação, 60–61; jogue como, 91–96, 99, 103–104; velocidade de, 106–108; programas compartilhados, 108–110; programas partilhados com estímulo-resposta, 110–112; tempo de entrada, 112–116; e relacionamentos, 117, 131–132; processo desigual, 133–140; superestimulação, 140–144

ÍNDICE

-
- estimulação paradoxal, 148-156;
 natureza individual de, 157–
 160
 Unidades experienciais internalizadas, 129–
 132
 Mundo interno dos bebês, 5–8
 Encontros interpessoais, 16, 97,
 116
 Unidades de processo interpessoal, 122–
 123, 129
 Espaço interpessoal, 37-38
 Intervenção, questões levantadas por,
 157–158
 Comportamento intrusivo, cuidador, 140–
 142
 “Jenny”, 135–140, 151n

 Kagan, Jerônimo, 77, 79, 85
 Kendon, Adam, 27
 Klein, Melanie, 8
 Conhecimento (saber), implícito, 11–
 13
 Konner, Melvin, 46
 Kreutzer, Mary Anne, 61 Ikung
 bosquímanos, 45–46

 Risos, 64, 85
 Aprendendo sobre coisas humanas, 16–
 22
 Lewis, Michael, 3, 77
 Manco, indo, de criança, 143-144

 Lorenz, Konrad, 41-42
 Loudness, vocal, 30-31

 Mahler, Margarida, 8, 131
 Manutenção da interação social,
 27
 “Marcos”, 150–155
 “Estragando tudo”, em jogo, 95-96
 Acidentes, bebê, 149–150
 Surpresa simulada, 25–27
 Modulação da interação social,
 27
 Percepção de movimento, 58
 Experiência motora: em formação de
 esquema, 120; em representações,
 125–127; desacoplamento de,
 127, 131
 Padrão de abordagem-retirada mútua
 tern, 150-155
 Olhar mútuo, 18–21, 34, 98–99
 Regulamentação mútua, 2

 Nelson, Katherine, 30
 Capacidade neuromuscular de bebês,
 61–62
 Expressão neutra, 26, 28, 39, 145–146

 Abordagem prospectiva normativa,
 8–11

 Objetos, 5; interesse infantil em, 56–57;
 esquema de, 78-80, 119

ÍNDICE

-
- Observações do cuidador-bebê
interações, 2–3
- Alcances ideais, em jogo, 94, 96
- Superestimulação, 9, 140–145
- Pacotes comportamentais, 5, 66–68
- Estimulação paradoxal, 9, 148–156
- Pausas, vocais, 32–33
- Esconde-esconde, 5, 35–36
- Visão periférica, 58, 125
- Digitação de personalidade e expressões
faciais, 62
- Fobias, cuidador, 147–148
- Piaget, Jean, 72, 120
- Tom, vocal, 30
- Jogar, 97–98; diversão em, 91–93, 95; faixas
ideais, 94, 96; gols, 94–96; “bagunçar”,
95–96; estereótipos no repertório, 147
- Períodos de jogo, 94, 97–98; iniciação de,
98–100; episódios de engajamento,
100–102, 150, 155–156; episódios
de intervalo, 102–104; corridas
repetitivas, 104–106
- Tempo de Poisson, 112
- Preocupações, cuidador, 146
- Cuidador principal, 133n–134n
- Unidades de processo, interpessoais, 122–
123, 129
- Envelopes protonarrativos, 6–7
- Proxêmica, 37–38
- Puberdade e comportamento do cuidador,
45–46
- Perguntas, 36
- Sono de movimento rápido dos olhos (REM),
62–63, 80–81, 85–86
- Expressões faciais reflexivas, 61, 63, 65
- Regulamento, mútuo, 2
- Falhas regulatórias, em interação:
superestimulação, 140–145;
subestimulação, 145–148;
estimulação paradoxal, 148–
156
- Padrões regulatórios, 9–10
- Rejeição, medo de, por parte do cuidador,
146–147
- Relacionamentos: e interações, 117, 131–132;
desenvolvimento de, 118–120, 132;
processo desigual, 133–
134
- Repetição, usada pelo cuidador, 104–
105, 124
- Estimulação repetitiva, 75–78
- Corridas repetitivas, em períodos de jogo,
104–106, 114
- Representações, 117–118; de interações, 6;
definido, 119–120; experiência
sensorial, 120, 123–125; experiência
motora, 120, 125–127; e esquema,
120–121; formação de, 121–122;
experiência afetiva, 121–122, 127–
129; unidades de processos
interpessoais, 122–123; como
unidades experienciais internalizadas,
129–132

- Reação da reunião, 118
- Ritmo, 21, 31–32
- Rieling, AM, 27
- Tempo Escalar, 112
- Schaffer, Rodolfo, 33
- Esquema, 117–118; formação de, 21–22, 120–121, 130; de objetos, 78–80, 119; definido, 119–120
- Esquemas-de-ser-com, 6, 13
- Esquizofrenia, cuidador, 146
- Cuidador secundário, 133n–134n
- Separação entre si, 126–127
- Experiência sensorial: na formação do esquema, 120; em representações, 123–125; desacoplamento de, 127, 131
- Estimulação sensorial, 71–72, 78–80, 83
- Fase de separação-individuação, 155–156
- Reação de separação, 118
- Diferenças sexuais e comportamento do cuidador, 43–44, 46
- Programas compartilhados, 107–108; sem estímulo-resposta, 108–110; com estímulo-resposta, 110–112
- Sinais na interação social, 27–28, 57, 59, 99–100
- Silêncios, 124
- Sono, sorri / franze a testa durante, 62–63, 65, 80–81, 85–86
- Sorrisos, 26, 62–65, 80, 85, 126
- Snow, Catherine, 104
- Expressões sóbrias, 65, 140
- Interações sociais. *Veja* interações
- Exagero espacial, 29, 33
- Discurso, 29
- Velocidade: vocal, 31–32; de interações, 106–108
- Spitz, René, 53, 142–143
- Sroufe, Alan, 84–85
- Olhando fixamente, infantil, 143–144
- Estereótipos: em expressões eliciadas por bebês, 29; repertório de jogo, 147
- Stern, Daniel N.: *A Maternidade Constelação*, 6, 10–11; *O In-mundo interpessoal da criança*, 6, 14; *Diário de um Bebê*, 7–8; *O Nascimento de uma mãe*, 11
- Estimulação, 8–9, 69–70; visual, 51–54, 76, 82; classificar ativamente por bebês, 70–73; e atenção, 73–80; nível de, 73–74; repetitivo, 75–78; sensorial para cognitivo, 78–80; e excitação, 82–83; e afeto, 83–86; em casa, 86–90; jogue como, 92–94, 96, 101; e evitação, 135–139; superestimulação, 140–145; subestimulação, 145–148; paradoxal, 148–156
- Estímulos, hipersensibilidade infantil a, 144–145
- Resposta ao estímulo, em programas compartilhados, 107–108, 110–112, 116

ÍNDICE

-
- Reação estranha, 117
 Estresse, vocal, 31
 Simpatia, expressões de, 26
- Tempo, 21, 31–32; em jogo, 100–102;
 variabilidade em, 113-115
 Dinâmica temporal, 13–14
 Exagero temporal, 29, 33
 Padrões temporais, 21, 32–33, 101–
 102
 Tensão, por estimulação, 84-86
 Término da interação social,
 27–28
 Cócegas, 19–20, 36, 63–64, 83
 Tempo: de interações, 3–5, 13–14;
 para períodos de jogo, 97–98;
 interações estruturadas em, 106–108;
 em programas compartilhados, 108–112,
 115–116
 Tempo limite, em períodos de jogo, 102–104
 Tempo, nas interações sociais, 112–
 116
 Toque, esquema para, 21
 Trevarthen, Colwyn, 3
 Tronick, Edward Z., 3, 39
 Tomada de turnos, 22, 31–33
- “Faleza”, bebê, 47
 Processo de desacoplamento, 127, 131
 Subestimulação, 9, 145-148
 Infelicidade, infantil, 83, 86, 141
- Variabilidade no tempo, 113-115
 Variação, usada pelo cuidador, 105–
 106, 114
 Vietze, Pedro, 3
 Sistema motor visual, 50, 57-58
 Estimulação visual, 51–54, 76, 82
 A vitalidade afeta, 13–14
 Vocalização, cuidador: conversando com o
 bebê, 18–19; conteúdo, 29–30;
 características prosódicas, 30–33;
 combinado com o olhar, 34-35
 Vocalização infantil: como experiência motora
 riência, 125
 Vocalização: esquema para, 21–22 Von
 Senden, M., 51
- Branco, Burton, 139